



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
Centro de Ciências Humanas e Sociais – CCH



Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT

**Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS)
Mestrado em Museologia e Patrimônio**

FAMÍLIAS NO MUSEU NACIONAL

Eliane Ezagui Frenkel

UNIRIO/MAST - RJ, Março de 2012

FAMÍLIAS NO MUSEU NACIONAL

por

Eliane Ezagui Frenkel
Aluna do Curso de Mestrado em Museologia e Patrimônio
Linha 01 – Museu e Museologia

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Museologia
e Patrimônio.

Orientadora: Professora Doutora Sibeles
Cazelli

FOLHA DE APROVAÇÃO

FAMÍLIAS NO MUSEU NACIONAL

Dissertação de Mestrado submetida ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Museologia e Patrimônio, do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia e Patrimônio.

Aprovada por

Prof. Dra. _____
Denise Studart

Prof. Dra. _____
Maria Esther A. Valente

Prof. Dra. _____
Sibele Cazelli

Rio de Janeiro, 2012

Frenkel, Eliane Ezagui.

F879 Famílias no museu nacional / Eliane Ezagui Frenkel, 2012.

179f. ; 30 cm

Orientador: Sibeles Cazelli.

Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ; MAST, Rio de Janeiro, 2012.

1. Museu Nacional (Brasil). 2. Museus - Aspectos educacionais. 3. Museus - Estudo de usuários. 4. Relações familiares. 5. Conhecimento e aprendizagem. 6. Educação não formal. I. Cazelli, Sibeles. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Centro de Ciências Humanas e Sociais. Mestrado em Museologia e Patrimônio. III. Museu de Astronomia e Ciências Afins. IV. Título.

CDD – 069.0981

Dedico este trabalho ao meu querido pai que tanto vibrou quando entrei para o mestrado e que, com certeza, está vibrando em outra dimensão, com a minha conclusão. Seu sorriso, suas palavras de estímulo e conforto ficarão sempre marcados em minha alma e no meu coração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço enormemente o apoio da diretora do Museu Nacional, Prof^a Claudia Carvalho, do Vice-Diretor, Prof. Marcelo Carvalho e do Diretor Adjunto Administrativo, Wagner Martins que me deram todo o suporte e tranquilidade para a realização desta dissertação. A vocês, minha eterna gratidão!

A minha estimada orientadora, Sibeles Cazelli, que soube conduzir com afinco, profissionalismo e dedicação este trabalho. A relação de afeto que se estabeleceu, permitiu, não somente o meu crescimento acadêmico, mas também muitos momentos de descontração em nossos encontros e telefonemas.

A Esther Valente e Denise Studart por todas as excelentes contribuições.

A toda equipe das seções de Museologia (SEMU), Assistência ao Ensino (SAE), Memória e Arquivo (SEMEAR) e Núcleo de Comunicação & Eventos do Museu Nacional/UFRJ pela constante presteza, incentivo, estímulo e acompanhamento no desenvolvimento desta dissertação.

A todos os colegas do Museu Nacional/ UFRJ que, em várias ocasiões se dispuseram a ajudar no que fosse preciso para a realização deste trabalho. Em especial, Andrea Costa (SAE) pela ajuda na formatação final, além de toda a equipe que trabalha na exposição, sempre pronta a colaborar de todas as formas possíveis.

As Prof^{as} Valeria Cid Maia e Martha Locks na concessão do material educativo para as atividades com as crianças.

A todos os professores e funcionários do MAST e UNIRIO que se dedicam a oferecer um ensino de qualidade e um atendimento pleno aos alunos.

A Juliana, querida secretária da Pós-Graduação de Museologia e Patrimônio, que, com seu sorriso cativante, tornava tudo mais fácil.

A maravilhosa equipe da Biblioteca do MAST: Florentina (Tina), Telma e Fábio, sempre disponíveis e incansáveis no atendimento aos meus pedidos de referência, além de serem pessoas formidáveis.

A querida Eloisa Helena P. Almeida, Chefe do Serviço de Biblioteca e Informação Científica, pela atenção, paciência, simpatia, eficácia e, acima de tudo, qualidade na revisão e organização bibliográfica.

A Hilma Ribeiro, amiga de longa data e tradutora do resumo.

A minha querida amiga Fernanda Guedes que acompanhou, a todo segundo, cada etapa desta longa jornada, os meus mais sinceros e eternos agradecimentos. Essa jornada não teria sido a mesma sem você para me apoiar, orientar, refletir, contribuir, revisar, sempre incentivando e reforçando que eu iria conseguir. Sua presença constante foi fundamental para o desenvolvimento desta dissertação.

As minhas queridas amigas Sonia Morais, Ana Teresa Suassuna, Regina Nigri, Tânia Vaicberg e Bia Pavão que sempre estiveram por perto, me ajudando a descontrair, me dando todo apoio e carinho, além de diversas sugestões.

Ao amigo Antonio José B. Oliveira que tanto colaborou, desde a fase inicial, sugerindo, aperfeiçoando e contribuindo para enriquecer este trabalho.

Ao amigo Eduardo Barros pela força e por estar sempre pronto a dar uma palavra amiga.

Aos meus queridos amigos de turma que transformaram este mestrado não só numa troca acadêmica, mas, essencialmente, uma forte troca de amizade e solidariedade.

A todos os meus familiares, especialmente minha mãe, sogra e tias Margarida e Glória, que sempre estiveram presentes, agradeço todo o carinho que me ofereceram e a torcida para que tudo desse certo.

A meu marido Ari, minhas filhas Beatriz e Paula que souberam compreender minha ausência e sempre me estimularam, reforçando a força e a importância da família no suporte a todas as situações.

Precisamos nos lembrar de abençoar a vida ao nosso redor e dentro de nós. Quando abençoamos os outros, libertamos a bondade que está dentro deles e dentro de nós mesmos. Quando abençoamos a vida, restauramos o mundo.

Rachel Naomi Remen.

RESUMO

FRENKEL, Eliane Ezagui. Famílias no Museu Nacional
Orientadora: Prof^a Dr^a Sibebe Cazelli. UNIRIO / MAST. 2010. Dissertação.

Esta dissertação analisa o comportamento das famílias que visitam, nos finais de semana, o Museu Nacional/UFRJ, localizado no Rio de Janeiro, dentro do Parque da Quinta da Boa Vista, no Bairro Imperial de São Cristóvão. A pesquisa apura se a visita em família estimula os filhos na aquisição de hábitos culturais futuros e identifica se estes grupos percebem que a visita a esta Instituição favorece a aquisição, a ampliação e o aperfeiçoamento de conhecimentos. Além disto, objetivou conhecer o perfil demográfico, sócio-cultural e econômico das famílias. Para realização deste estudo, que tem uma abordagem qualitativa, foram entrevistados 28 grupos familiares ao final da visita no Museu. Um dos resultados aponta para o fato de que o Museu Nacional repercute positivamente entre os membros da família, que assinalam o papel educativo das exposições na obtenção de conhecimentos. Por fim, esta pesquisa é útil para salientar a importância do estudo de público em museus e para contribuir no atendimento ao público de famílias, levando em conta suas expectativas e motivações.

Palavras-chave:

1. Museu. 2. Público. 3. Interação familiar. 4. Conhecimento. 5. Comunicação em museu. 6. Educação não formal. 7. Experiência museal.

ABSTRACT

FRENKEL, Eliane Ezagui. Families im Museums.

Advisor: Sibeles Cazelli. UNIRIO/MAST. 2010. Dissertation.

This paper analyses the behaviour of families who visit the national museum on the weekend, localized in rio de janeiro, in the quinta da boa vista park in the imperial sao cristovao suburb. This research goals if the family visit encourages the kids in their cultural future habit acquisition and identifies if those groups notice the visit promotes the acquisition, expansion and improvement of knowledge. Besides, objectified knowing the demographic, socio economical and cultural profile from families. Making use of a qualitative analysis, twenty eight groups of families were interviewed at the end of the visit. One of the results indicates the national museum reverberates positively among the members of the family that points out the educational role in getting knowledge from the exhibitions. Lastly, this research intends to be useful to enhance the importance of the study of the audience of museums and to set service policies to the family audience, taking into consideration its expectations and motivations.

Key-words:

1. Museum. 2. Audience. 3. Family intersection. 4. Knowledge. 5. Communication in the museum. 6. Non formal education. 7. Museum experience.

SIGLAS E ABREVIATURAS UTILIZADAS

AP – Área de Planejamento

FAPERJ – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICOM – *International Council of Museums* (Conselho Internacional de Museus) – órgão filiado à UNESCO

IPHAN – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural

MAST – Museu de Astronomia e Ciências Afins

MCT – Ministério da Ciência e Tecnologia

OMCC – Observatório de Museus e Centros Culturais

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

RA – Região Administrativa

SAE – Seção de Assistência ao Ensino

SEMEAR – Seção de Memória e Arquivo

SEMU – Seção de Museologia

SEPAR – Seção de Planejamento, Arquitetura e Restauração

UFRJ – Universidade federal do Rio de Janeiro

UNECE – *United Nations Economic Commission for Europe*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Ata de reabertura do Museu Nacional ao público	75
Imagem 2: Bendegó	79
Imagem 3: Exposição - A Descoberta de um Gigante	80
Imagem 4: Exposição - Dinossauros do Sertão	81
Imagem 5: Preguiça Gigante	82
Imagem 6: Exposição Nos Passos da Humanidade	83
Imagem 7: Exposição Culturas Mediterrâneas	84
Imagem 8: Exposição Egito Antigo	85
Imagem 9: Exposição Arqueologia Pré-Colombiana	86
Imagem 10: Exposição Arqueologia Brasileira	87
Imagem 11: Exposição Culturas do Pacífico	88
Imagem 12: Exposição Etnologia Indígena Brasileira	89
Imagem 13: Sala Histórica - Sala do Trono	90
Imagem 14: Sala Histórica - Sala dos Embaixadores	91
Imagem 15: Exposição Entre Dois Mundos: Franceses de Paratitou e Tupinambá de Rouen	92
Imagem 16: Exposição Fósseis do Continente Gelado: o Museu Nacional na Antártica	93
Imagem 17: T-Rex: Um Tiranossauro no Museu Nacional	94
Imagem 18: Relatório Anual dos trabalhos realizados em 1928 pelo Museu Nacional	97

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Percentual dos visitantes do Museu Nacional, por sexo	100
Tabela 2: Percentual dos visitantes do Museu Nacional, por nível de escolaridade	101
Tabela 3: Distribuição quantitativa das famílias participantes desta pesquisa, moradoras no município do Rio de Janeiro, por Área de Planejamento (AP), Região Administrativa (RA) e Bairro	103
Tabela 4: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação remunerada	104
Tabela 5: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação não remunerada	104
Tabela 6: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por faixa etária	105
Tabela 7: Percentual dos visitantes que declararam visitar o Museu Nacional pela primeira vez	105
Tabela 8: Percentual dos visitantes, por data da última visita ao Museu Nacional	106
Tabela 9: Percentual dos visitantes do Museu Nacional, por frequência de visita a museus ou instituições culturais afins nos últimos 12 meses	110
Tabela 10: Percentual dos visitantes, por como se sente em relação à visita que acabou de realizar ao Museu Nacional	135
Tabela 11: Perfil das 28 famílias participantes desta pesquisa	138
Tabela 12: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação remunerada	138
Tabela 13: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação não remunerada	139
Tabela 14: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por faixa etária	139

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
	▪ Concepções de Museu	16
	▪ Museus como espaço de educação e comunicação	17
	▪ Objetivos	19
	▪ Viabilidade	20
	▪ Justificativa	20
	▪ Questões da pesquisa	21
	▪ Fundamentos teóricos e metodologia	21
Cap. 1	O QUE NOS DIZ A LITERATURA SOBRE A VISITA DE FAMÍLIAS A MUSEUS	39
	1.1 - A visitação em museus	40
	1.2 - As famílias em museus	44
	1.3 - Por que pesquisar público de museus?	47
	1.4 - As pesquisas realizadas no museu nacional	51
	1.5 - Pesquisas sobre público de famílias	53
	1.6 - A aquisição, ampliação e o aperfeiçoamento de conhecimento em museus	57
	1.7 - Motivos para visitar museus	58
Cap. 2	CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUSEU NACIONAL	62
	2.1 - Os antecedentes da criação	63
	2.2 - A consolidação do Museu Nacional	67
	2.2.1 - O Museu Nacional no Paço de São Cristóvão	73
	2.2.2 - O Museu Nacional hoje	77
	2.2.3 - Seu acervo, sua exposição	78
	2.3 - O museu e a função educativa	94
Cap. 3	APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E ANÁLISE	99
	3.1 - Perfil das famílias participantes desta pesquisa	100
	3.2 - Antecedentes da visita	105
	3.3 - Processo decisório	107
	3.4 - A visitação	117
	3.5 - Interação familiar	124
	3.6 - Perspectiva futura	136
Cap. 4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
	REFERÊNCIAS	152

	ANEXOS	161
	Anexo 1: Questionário da Pesquisa Perfil-Opinião 2005/2009 do Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC	162
	Anexo 2: Questionário de entrevista com o adulto na ‘saída do museu’ – Pesquisa Studart (2002), “O Aprendizado Não Formal no Contexto Familiar de uma Visita a um Museu de Ciências”	166
	Anexo 3: Pré-teste	170
	Anexo 4: Pré-teste revisado	172
	Anexo 5: Versão final	174
	Anexo 6A: Material educativo	176
	Anexo 6B: Material educativo	177
	Anexo 6C: Material educativo	178
	Anexo 7: Folder do Museu Nacional	179

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho consiste em conhecer o perfil demográfico, social, cultural e econômico das famílias que visitam o Museu Nacional/UFRJ nos finais de semana e apurar os antecedentes da visita, o processo decisório, a visitação, a interação familiar e a perspectiva futura de visita ao Museu Nacional. A análise de todos estes elementos será importante para consolidar o estudo de público em museus e para contribuir no atendimento ao público de famílias, levando em conta suas expectativas e motivações.

Nesse sentido, esta dissertação foi estruturada da seguinte forma: a Introdução abrange, em linhas gerais, as várias concepções de Museu e a influência da educação e da comunicação no contexto museal. Além disto, apresenta os objetivos (geral e específico) do trabalho, destacando a viabilidade e a justificativa desta pesquisa no Museu Nacional. Contém as questões principais que norteiam esta pesquisa, bem como os fundamentos teóricos e a metodologia utilizada.

O Capítulo 1 compreende uma revisão da literatura sobre a visita de famílias a museus, enfocando as ideias e os estudos de diversos autores que abordam a temática relativa à experiência museal, o comportamento das famílias em museus, a importância de se conhecer o público de museus, as pesquisas realizadas no Museu Nacional e também outras investigações que destacam os motivos para visitar museus e centros culturais.

O Capítulo 2 conta a história do Museu Nacional e assinala os antecedentes de sua criação, a sua consolidação na esfera nacional e internacional e os reflexos da transferência do Museu para o Paço de São Cristóvão. Além disto, ele descreve a estrutura organizacional do Museu, seus acervos e as salas de exposição. Por fim, ressalta a trajetória educativa do Museu Nacional, delineando o contexto sócio-cultural e político dos tempos do Prof. Dr. Edgar Roquette Pinto, que dirigiu a instituição no período de 1926 a 1935, e que teve, entre suas principais ações, a implantação do Serviço de Assistência ao Ensino (SAE).

O Capítulo 3 apresenta os resultados e a análise dos dados obtidos nas entrevistas e nas observações realizadas, comparando-os a outros trabalhos investigativos realizados pelo Observatório de Museus e Centros Culturais, OMCC, e outros pesquisadores. Neste capítulo são avaliados o perfil das famílias participantes, os antecedentes da visita, o processo decisório, a visitação, a interação ocorrida entre

a família e a exposição, a perspectiva futura, além da importância destes resultados para o Museu Nacional.

Encerrando o trabalho, o capítulo 4, aborda as Considerações Finais do estudo realizado, com base nos dados apurados e na literatura utilizada.

Concepções de Museu

Na vasta bibliografia sobre museologia, encontra-se constantemente a questão básica e que se retorna tantas vezes e que é a geradora de todas as outras: o que é museu? Começando pela origem da palavra museu, *mouseion*, significa o “templo das musas”, uma expressão que remete à mitologia grega e a um tipo de local sagrado. Surge daí uma analogia, que permeia o conceito de museu, que nos remete ao templo como um local de guarda de memória e às musas, com suas falas e segredos, como os bens preciosos que ali se abrigam.

Segundo Scheiner, (1998, p. 38), “o museu, mais que um lugar de honra dos valores supremos da sociedade, é uma instância de consagração de todas as modalidades de memória, no tempo e no espaço”. Nesta perspectiva, durante a história ocidental, a história dos Museus esteve indissociavelmente ligada à presença das coleções de objetos.

Afirma também que “o museu mitifica o objeto ou eleva à condição de objeto qualquer artefato da natureza. E sem o objeto não existirá coleção” (SCHEINER, 1998, p. 3).

Entretanto, é de fundamental importância a percepção de outras formas de configuração dos museus que extrapolem a sua identificação enquanto *locus* destinado exclusivamente ao estudo, conservação e documentação. Numa perspectiva complementar, uma instituição que se aproxima do real e dos fatos; uma instituição dinâmica que não se baseia somente no material, mas também no imaterial e simbólico.

Segundo Moraes (2006, p. 100), o museu deve discutir e valorizar aquilo que constitui e consolida o “espírito e o modo de ver, viver e sentir de um grupo”. Nesta perspectiva, é uma instituição que valoriza as especificidades de cada grupo social, considerando suas prioridades, modelos ou estruturas culturais, desenvolvendo códigos próprios e coerentes com a cultura e o universo simbólico verificados.

Goode¹ *apud* Alves (2001, p. 83), já escrevia que um museu deveria estender as fronteiras do conhecimento; atuar como um adjunto das salas de aula e de conferência seja em conhecimento elementar, secundário, tecnológico ou superior.

As formas e as funções do museu têm variado consideravelmente ao longo dos séculos e vêm se diversificando no que diz respeito ao conteúdo, missão, funcionamento e administração.

Conforme o *Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie* (2011), o termo Museu designa uma instituição que procede a seleção, o estudo e a preservação de testemunhos materiais e imateriais do homem e seu meio ambiente.

Cada país, de acordo com sua legislação, faz sua definição de museu. A mais recorrente é a utilizada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM) que estabelece que:

Museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do seu meio ambiente para fins de estudo, de educação e de deleite (CONSELHO, 2007).

É a partir dessa concepção que pretendemos analisar o Museu Nacional, instituição precursora na educação e comunicação em ciências.

Museus como espaço de educação e comunicação

De uma maneira geral, educação significa colocar em foco os meios próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento do ser humano e das suas faculdades. De acordo com o *Dictionnaire Encyclopédique de Muséologie* (2011), educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que objetivam o desenvolvimento do visitante. É um trabalho de valorização cultural, que se apóia, notadamente, sobre a pedagogia, o desenvolvimento e a aprendizagem de novos saberes.

Quando se fala da educação no contexto museal, ela está ligada à mobilização do saber, ou seja, de como utilizar os recursos do museu para o desenvolvimento dos indivíduos, estimulando sua capacidade de desenvolver novas sensibilidades e vivenciar novas experiências.

¹ George Brown Goode (1895) era o secretário assistente da Smithsonian Institution, diretor do Museu Nacional dos Estados Unidos e uma autoridade em museus de História Natural.

A partir do final da década de 1960, McManus (1992) aponta a existência de um movimento de museus de ciência que pretende tornar suas exposições mais fascinantes e instigantes para o público. Neste sentido, a função educativo-comunicativa apresenta papel preponderante no museu, sendo de fundamental importância oferecer o conhecimento científico de forma acessível e com qualidade para os visitantes.

No que concerne à comunicação, Hooper-Greenhill (1998) aponta a existência de duas abordagens de comunicação em museus: a abordagem transmissora e a abordagem cultural. O modelo transmissor entende a comunicação como um processo de concessão e de envio de mensagens e transmissão de ideias, de uma fonte de informação para um receptor passivo. Desta forma, Cazelli, Marandino e Studart (2003, p. 96) ressaltam que este modelo é dominante quando o museu não coloca questões para o público sobre suas experiências, não faz uma autorreflexão, não implementa processos avaliativos, não realiza consultas e não colabora com aqueles que usufruem dele. Já na abordagem cultural a realidade não se encontra intacta e é ajustada por meio de um processo permanente de negociação em que os indivíduos, a partir de suas experiências, constroem ativamente seus próprios significados. Neste caso, a comunicação é vista como um processo de troca, de participação e de associação.

Sendo assim,

(...) cada vez mais se defende que as investigações e as ações relativas ao papel educacional dos museus sejam realizadas na perspectiva do visitante, das suas concepções, da sua agenda, de seus conhecimentos e interesses (CAZELLI, MARANDINO e STUDART, 2003, p. 94).

As autoras citadas ressaltam que o processo de aquisição de conhecimento em museus é focado nas exposições, nas quais os visitantes estabelecem diferentes estilos e formas de interpretação com o que está apresentado. E é por isso mesmo que defendem que as exposições devem considerar o público que irá frequentá-las. Neste sentido, os museus devem planejar exposições que resultem de processos de identificação e pesquisa sobre suas audiências. Nesta mesma linha de raciocínio, Valente afirma que

Pensar, hoje, o museu é promover o esforço de alcançar o público, no sentido de aproximar-se dele, de tocá-lo, de criar com ele um vínculo e interessá-lo. O móvel dessa relação é o reconhecimento do museu enquanto instituição educativa vista nessa função como desencadeadora de uma possível

transformação social e da criação cultural (VALENTE, 1995, p. 2).

Considerando-se o fato das exposições serem essenciais no processo de comunicação com o público, deve-se refletir constantemente sobre a importância da instituição buscar conhecer aqueles que a procuram e se esforçar para oferecer exposições que encantem, motivem, envolvam e atraiam seus visitantes.

De acordo com Falcão,

Os museus de ciências e de História Natural são possuidores de características próprias que, associadas às expectativas da sociedade, os tornam um ambiente de caráter educativo (...). Ao lado de alguém que busque o entretenimento descompromissado, pode estar outro que esteja buscando conscientemente a apreensão de conteúdos específicos. Por essa razão, tem se argumentado que os museus devem estar preparados para atender, simultaneamente, a um amplo espectro de interesses (FALCÃO, 1999, p. 13).

Esta afirmação destaca a importância de que os profissionais que trabalham em museus de ciências e de história natural estejam alinhados com o papel que essas instituições possuem como um espaço de educação não formal.

OBJETIVOS

Geral

✓ Conhecer o perfil demográfico, social, cultural e econômico, antecedentes da visita, hábitos e opiniões das famílias que visitam o Museu Nacional, bem como seus padrões de comportamento.

Específicos

- ✓ Conhecer os padrões de interação entre as famílias e as exposições do Museu Nacional;
- ✓ Apurar se a visita em família ao Museu Nacional tem o propósito de estimular os filhos na aquisição de hábitos culturais no futuro;
- ✓ Identificar se a família percebe que a visita a essa Instituição favorece a aquisição, a ampliação e o aperfeiçoamento de conhecimentos.

VIABILIDADE

Esta pesquisa contou com o apoio da direção do Museu Nacional, que pretende instituir uma política inovadora de apoio ao visitante, adotando como etapa inicial deste processo o estudo de público. Além disto, será importante para nortear a realização de exposições ou eventos que estejam relacionados com as necessidades e interesses deste público.

JUSTIFICATIVA

Ainda são pouco frequentes os estudos sobre o comportamento de famílias em museus e é importante receber de maneira adequada este público, respeitando suas especificidades, necessidades e formas de diálogo.

Studart (2002) menciona que são raras as pesquisas realizadas em museus que tenham buscado “conhecer” o público composto por grupos familiares que visitam estas instituições. Assim, a pesquisa visou colaborar na obtenção de informações sobre este assunto e acrescentar elementos a uma discussão futura sobre a criação de políticas que atraiam este público ao museu e que o estimulem a buscar, com maior frequência, atividades culturais.

Para reforçar essa relevância, Studart (2002) comenta que estudos demográficos foram desenvolvidos em museus na Inglaterra e nos Estados Unidos, sugerindo que uma parcela significativa dos visitantes nestes países é constituída por famílias ou grupos contendo crianças. Sendo assim, a fim de melhor atender a este público, os museus ingleses e americanos começaram a criar exposições e programas voltados especificamente para este segmento.

Tais considerações apontam para a pertinência de se considerar o público de famílias como público alvo deste estudo, uma vez que tais grupos são responsáveis pela construção de um hábito de visita a museus. As pesquisas relacionadas com o tema proposto podem, além disto, ser úteis para os profissionais de museus que desenvolvem atividades voltadas para públicos específicos, visto que geram dados sobre o comportamento e a percepção dos visitantes, que poderão ser aproveitados para a realização de exposições ou eventos mais afins com as necessidades e interesses deste público.

Não raro, ouvimos de adultos, que visitam a museus quando ainda eram crianças, permanecem em suas memórias afetivas e interferem em suas intenções presentes de visitas a estas instituições, acompanhados de seus filhos.

QUESTÕES DA PESQUISA

- ✓ Quais são os aspectos considerados pela família na decisão de visitar o Museu Nacional?
- ✓ Que membro da família lidera esse processo decisório de visitação?
- ✓ Quais são os espaços expositivos desse museu que propiciam maior diálogo entre os membros da família?
- ✓ O que a visita a essa instituição museológica proporciona para o grupo familiar?
- ✓ Quais são os principais motivos para um futuro retorno ao Museu Nacional?

FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLOGIA

Caracterizando o campo de atuação da pesquisa

Como sustentação teórica para confirmar a hipótese de que no Brasil as crianças também apreciam a visitação com seus familiares, Studart (2005), em um artigo que apresenta resultados de sua pesquisa de doutoramento realizada na Grã-Bretanha (2000), afirma que 61% das crianças entrevistadas disseram que preferem visitar museus com a 'família', sugerindo que o contexto social 'familiar' da visita foi bastante valorizado pelas crianças no Reino Unido. Segundo a autora, a família funciona como uma unidade social em que o grupo familiar age em conjunto para construir uma experiência familiar de comunicação na visita ao museu. Também sugere que a família funciona como um sistema de aprendizagem flexível e que o grupo aprende junto quando está no museu. Entendendo que o ambiente do museu não é só um espaço de exposição e, sim, um cenário social público, este deve ser capaz de estimular as discussões e os debates entre seus visitantes.

Em relação a isso, afirma:

Na tentativa de oferecer serviços mais adequados para diferentes públicos, os museus começaram a se esforçar para apresentar exposições, atividades e programas atrativos para diversos grupos sociais e que atendessem aos seus interesses. Os grupos de famílias tornaram-se, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, um importante público-alvo, devido ao papel educativo e a influência positiva que os familiares têm na formação dos hábitos culturais da criança. Por esta razão, alguns profissionais atuantes em museus sustentam que essas instituições devem refletir mais atentamente sobre o papel que podem ter nos processos educacionais e de socialização envolvendo famílias (STUDART, 2005, p. 56).

Nessa linha, a pesquisa buscou sustentação nos conceitos de capital cultural e social de Bourdieu (2001) e no conceito de capital social baseado na família, de Coleman (1988). Na década de 1980, estes sociólogos transformaram o conceito de capital em um tema de estudo para tentar entender como indivíduos inseridos em uma rede de relações sociais podem se beneficiar de sua posição ou suscitar comportamentos externos positivos para seus membros, especialmente no caso do papel das famílias.

Segundo Cazelli,

(...) o conceito de capital social formulado por Bourdieu focaliza mais especificamente o papel das redes de relações sociais externas à família na mobilização e reprodução desse tipo de capital. Já para Coleman, o que vale no capital social é menos o tamanho da rede e mais a qualidade de relações que nela se estabelecem o que transforma a família em uma das redes chave para a construção de capital social (CAZELLI, 2005, p. 46).

Aliado a estas duas concepções de capital social, está o próprio espaço em que se realiza a pesquisa e como ele pode influenciar as práticas dos indivíduos. No caso deste trabalho, onde irão se estabelecer as relações entre os grupos familiares entrevistados: o Museu Nacional.

O Museu Nacional é uma das mais antigas e tradicionais instituições nos campos científico, cultural e educacional do Brasil, e um dos maiores museus de história natural e antropológica da América Latina. Foi criado por Decreto Real, em 06 de junho de 1818, por D. João VI, com a missão de atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país. Inicialmente sediado no Campo de Sant'Anna, foi a partir de 1892, três anos após a proclamação da república, que o museu passou a ocupar o Paço de São Cristóvão, ex-residência da família imperial brasileira.

Atualmente, essa instituição integra a estrutura acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro e reúne acervos científicos em antropologia, arqueologia, botânica, entomologia, paleontologia, geologia e invertebrados, além de laboratórios de pesquisa e cursos de pós-graduação nestas áreas.

De acordo com a pesquisa Perfil-Opinião 2005 do Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC (KÖPTCKE, CAZELLI e LIMA, 2008), realizada em 11 Museus, nove deles localizados na cidade do Rio de Janeiro e dois em Niterói, durante

os meses de junho, julho e agosto, foi constatado que a maior parte dos entrevistados visita museus em grupo. Considerando os visitantes de todas as instituições participantes, foi observado que a visita exclusivamente familiar é a mais frequente. No Museu Nacional/UFRJ, por exemplo, a maioria das visitas acontece exclusivamente entre familiares (62,8%). Se forem consideradas as visitas que mesclam familiares e amigos, este número chega a 84%. Este museu também se destaca pelo grande número de visitantes que o descobriram por intermédio da família (33%). A recomendação de professores também é importante (29,4%), enquanto a de amigos (15,5%) é tão respeitável quanto à de mídias impressas (16,4%). Família e escola representam as principais fontes de informação desta instituição. É conhecido há mais de cinco anos por 82,6% dos visitantes, ou seja, é uma instituição notoriamente reconhecida pela população. Esta notoriedade antiga é explicada por diferentes motivos: “por conta do prestígio de seus prédios, que podem ser classificados como parte do patrimônio histórico-cultural, também devido ao impacto das visitas escolares e familiares ou, ainda, a tradição da instituição” (KÖPTCKE, CAZELLI e LIMA, 2008, p. 48).

Baseado nos pontos acima mencionados e no fato de estar localizado na Quinta da Boa Vista, uma das maiores áreas públicas de recreação da Zona Norte e dos subúrbios do Rio de Janeiro, e atrair, nos finais de semana, férias escolares e feriados, um grande número de famílias em busca de um lazer sadio e acessível a seu padrão socioeconômico, esta instituição museológica foi considerada adequada para ser o campo de atuação desta pesquisa.

Caracterizando e justificando o público-alvo da pesquisa

Apesar de receber cerca de 200 mil visitantes por ano, não há muitos estudos que analisem o perfil do público do Museu Nacional. Conforme Studart, Almeida e Valente (2003), os estudos de público vêm atraindo o interesse de profissionais que atuam nos museus em virtude das importantes informações geradas que contribuem para o planejamento da instituição, para o aprimoramento de novos programas e para um melhor atendimento ao público.

Então, inicialmente, deve-se definir o que vem a ser entendido como “público” para efeito desta pesquisa. Este termo, conforme ressalta Coelho, é utilizado de modo acentuadamente vago para designar

o conjunto simples, físico, de pessoas que assistem a um espetáculo, visitam um museu, frequentam uma biblioteca, compram certos

discos, sintonizam determinado canal de rádio ou TV, lêem determinado jornal, autor ou gênero literário, etc. Fala-se assim de público de cinema, de arte, de literatura, e, mais genericamente, em público da cultura. Neste sentido, tem como sinônimos, não menos imprecisos, designações como espectadores, consumidores, usuários, ouvintes, etc. (COELHO, 1997, p. 322).

Para esse autor, não existe “público” de arte, mas “públicos” de arte. Isso porque as pessoas que compõem determinado público possuem motivações diferenciadas, metas próprias e comportamentos específicos. A heterogeneidade é a regra e desta heterogeneidade resulta tanto a dificuldade de falar-se de um “público da cultura” de maneira ampla e genérica, como a necessidade de atribuir-se um sentido mais restrito ao termo. Assinala que a noção de público, em seu sentido mais restrito

remete ao conjunto de pessoas que não apenas praticam uma determinada atividade, mas diante dela assumem um mesmo tipo de comportamento, sobre ela expressam opiniões e juízos de valor consideravelmente convergentes e dela extraem sensações e sentimentos análogos (COELHO, 1997, p. 323).

No entanto, alerta que isso não quer dizer que aqueles que assistem a um mesmo filme, por exemplo, devam ter sobre ele a mesma opinião; quer dizer que devem ter, em princípio, uma competência artística em comum, uma disposição estética semelhante, a mesma atitude geral.

Assim, no sentido estrito da expressão, público de cultura só pode ser considerado formado quando se alcança uma “relativa homogeneidade de sentimentos, pensamentos, juízos de valor, reações e usos que atuem como denominador comum entre as pessoas que o constituem” (COELHO, 1997, p. 323).

Ao referir-se a essa questão, Studart, Almeida e Valente (2003) afirmam que quando se trata de público de museus, seria importante usar o termo no plural – públicos – e só tratar no singular quando representar um grupo com comportamentos e idéias semelhantes. E, ainda, outra possibilidade, é agregar ao termo público uma característica que o diferencia do resto, como por exemplo, público escolar, público de famílias, etc.

Segundo Cazelli,

conhecer o público em suas dimensões sociais, culturais e individuais são caminhos necessários para o estabelecimento de parâmetros que organizem as atividades museais, nos seus aspectos teóricos e práticos. No entanto, na maioria dos museus brasileiros, os programas e/ou atividades voltadas para o atendimento do público

espontâneo, notadamente famílias, são escassos. As muitas iniciativas permanentes têm-se concentrado no público escolar (CAZELLI, 2005, p. 22).

Por outro lado, quanto se trata de estudos de audiências de museus, é para o público de visitação espontânea, no qual se incluem as famílias, que se dirigem grande parte das pesquisas. Estudar o grupo familiar é relevante, uma vez que este tipo de grupo tem forte influência na construção de agendas futuras e é, sem dúvida, uma parcela importante do público visitante de museus.

Recentemente, a Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa (*United Nations Economic Commission for Europe – UNECE*) produziu o estudo *Measurement of different emerging forms of households and families*, que foi aprovado, em fevereiro de 2010, como um guia de boas práticas para a investigação, pelos institutos de estatísticas, das novas formas de organização das famílias. Nos últimos anos, a UNECE tem contribuído bastante para o desenvolvimento de estudos sobre o tema. Os padrões de formação, dissolução e reconstituição da família tornam-se cada vez mais heterogêneos e seus limites mais ambíguos. Segundo os estudiosos desta Comissão, o casamento tornou-se menos central na conformação da vida das pessoas, diferentemente do que ocorria em um passado recente, por vezes caracterizado pelo preconceito em relação às pessoas que não se casavam. As uniões consensuais aumentaram e, em alguns países, já existe o reconhecimento legal dos casais homossexuais. Os aumentos das separações conjugais e dos divórcios levaram à formação de novos arranjos familiares (IBGE, 2010, p. 98).

Desse modo, os arranjos familiares apresentam uma razoável diversidade em termos de composição e de organização. O termo família engloba conceitos que variam em complexidade e objetivos. Cultura, nível socioeconômico, gênero e sexualidade, entre outras variáveis, vêm produzindo diferentes tipos de famílias. Mudanças nos padrões de como as relações são estabelecidas, mantidas e dissolvidas contribuem também para esta diversificada composição familiar.

Essas mudanças constituem um desafio de investigação para os institutos de estatística. De modo geral, estas instituições trabalham mais próximo ao conceito sociológico, que considera os laços de consanguinidade, adoção ou casamento entre um grupo de indivíduos. São três os tipos de composição familiar: o tipo nuclear, constituída pelo casal e seus filhos (mãe ou outra mulher responsável e pai ou outro homem responsável); o tipo monoparental, constituída por homens ou por mulheres que não possuem cônjuge (mãe ou outra mulher responsável ou pai ou outro homem

responsável); e o tipo estendida, constituída, por exemplo, por um casal ou um dos cônjuges, com ou sem filhos e parentes consanguíneos (CAZELLI, 2005, p. 142).

Quando os indivíduos separados ou divorciados iniciam uma nova união, formam um novo arranjo denominado “famílias reconstituídas”, especialmente no caso da presença de crianças. O aumento da mobilidade espacial permite aos indivíduos maior liberdade na escolha de onde quer morar, o que pode provocar um aumento do desejo de preservar sua independência, fazendo com que casais procurem alternativas de convivência e parceria, como a moradia em domicílios diferentes (IBGE, 2010, p. 98).

As mudanças verificadas nos países industrializados quanto ao padrão de organização das famílias vêm se refletindo também no Brasil. Nas últimas décadas, as tendências mais proeminentes são: as reduções do tamanho da família e do número de casais com filhos, e o crescimento do tipo de família formado por casais sem filhos, resultados dos processos de declínio da fecundidade, entre outros.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD, de 1999 para 2009, o número médio de pessoas na família caiu de 3,4 para 3,1. Observa-se, também, neste período, no conjunto dos arranjos familiares, um aumento na proporção de casais sem filhos (de 13,3% para 17,0%) e conseqüentemente, uma redução de casais com filhos, passando de 55,0% para 47,0% (IBGE, 2010, p. 99).

Isso também ocorre nos Estados Unidos. Segundo a Pesquisa *America's Families and Living Arrangements (Current Population Survey 2010/U.S. Census Bureau)*, de 2000 para 2010, o número médio de pessoas na família caiu de 2,62 para 2,59. Observa-se também, neste período, no conjunto dos arranjos familiares, um aumento na proporção de casais sem filhos, de 25,0% para 27,0% (mais que o dobro do percentual em 1960, que era de 13%).

Essa é uma mudança que tem implicações para todos os tipos de instituições museológicas, uma vez que 90% da audiência de família nuclear são famílias chefiadas por um casal com filhos pequenos, que vão frequentemente a museus. Não são, portanto, visitantes casuais.

Notadamente, os museus voltados para crianças e centros de ciência têm um público majoritariamente de famílias nucleares. O fato de este tipo de agrupamento familiar já não ser dominante pode significar uma redução considerável no quantitativo de visitação, implicando a diminuição de receita. A ideia é diversificar as atividades museológicas e educacionais para alcançar, em cada três famílias chefiadas por um

casal, uma com outra composição. Esta estratégia pode ser necessária para manter os altos números/índices de visitação destes museus (MARRIED, 2011).

Para outros tipos de museus, como os de arte, história, entre outros, geralmente mais frequentados por um público adulto (mesmo que o percentual de domicílios compostos por adultos esteja aumentando), os esforços para atrair e envolver as famílias precisam ser feitos, porque crianças e jovens que crescem com adultos que gostam e vão com frequência a museus têm maiores chances de serem adultos com hábito de visitar museus.

Nesta pesquisa, a escolha das famílias para serem entrevistadas não foi aleatória, pois foram priorizadas determinadas características de seus componentes, como idade ou mesmo o comportamento das pessoas. Foram utilizados critérios subjetivos no que diz respeito à receptividade à entrevista. Por exemplo, não foram convidados a participar, grupos que apresentassem comportamentos como choro das crianças, reclamações de fome, sono ou cansaço, afinal, todos os membros eram considerados aptos para responder as perguntas e, por conta disto, para que a entrevista fosse produtiva, era necessário um grupo relativamente harmônico.

Com o objetivo de diversificar e, ao mesmo tempo, abranger o perfil das famílias do século XXI, não foi priorizado um tipo de composição familiar em detrimento de outro, uma vez que, na atualidade, a diversidade nos arranjos familiares é característica fundamental deste tipo de grupo.

No caso da idade das crianças, foi definida, prioritariamente, a faixa etária de 2 a 12 anos. A escolha desta faixa foi determinada pelo fato de ser a mais frequente no Museu Nacional (durante o período de realização desta pesquisa).

A opção pelos finais de semana como período para realização das entrevistas tem relação estreita com a frequência observada deste tipo de público (famílias) nesse Museu. Baseado nas observações, durante a semana essa instituição museológica recebe, prioritariamente, visitas de escolas e, nos finais de semana, grupos familiares são encontrados em profusão.

Abordagem metodológica

Com esta investigação, pretendeu-se conhecer os padrões de comportamento das famílias que visitam o Museu Nacional; analisar a interação que ocorre entre as famílias e as suas exposições; apurar se a visita em família tem o propósito de estimular os filhos na aquisição de hábitos culturais futuros e identificar se o grupo

familiar percebe que a visita favorece a aquisição, ampliação e aperfeiçoamento de conhecimento.

Examinando essas questões que dão origem ao estudo, o objeto ao qual se relacionam as questões e os dados que se pretende analisar para se chegar a uma resposta, pode-se dizer que esta pesquisa trata-se de um estudo de caso. Em vista disto, a opção é por uma abordagem qualitativa que permite compreender de forma mais detalhada as temáticas e as questões levantadas.

Essa abordagem se caracteriza pela obtenção de dados descritivos, que são adquiridos por meio do contato direto do pesquisador com a situação estudada; e o material obtido é denso por incluir, não somente transcrições e citações de entrevistas, como também descrições de pessoas, situações e acontecimentos. Além disto, nesta forma de estudo há sempre uma preocupação em se obter a perspectiva dos participantes.

Lüdke e André (1986) enumeram algumas características do estudo de caso e da abordagem qualitativa. A primeira delas diz respeito à descoberta, ou seja, se baseia na idéia de que o conhecimento não é algo terminado, mas construído constantemente. O pesquisador busca, então, novos elementos e questões no desenrolar de seu trabalho. Ainda segundo as autoras, há que se considerar outro item fundamental na análise do objeto de estudo como, seu contexto, suas percepções, interações com o meio e mesmo suas expectativas. É a chamada “interpretação em contexto”.

Também é típico desse tipo de estudo focalizar o problema ou a situação como um todo, retratando a realidade de forma mais completa e utilizando diversas fontes de informação, com o intuito de cruzar os dados durante a análise de caso, confirmando ou refutando hipóteses.

Ainda no âmbito da abordagem qualitativa, outros autores dizem que as pesquisas com esta abordagem propõem preencher lacunas do conhecimento que “geralmente se referem à compreensão dos processos que ocorrem dentro de uma dada instituição, grupo ou comunidade” (ALVES-MAZZOTI e GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 203).

É importante dizer, com base nessas considerações, que nesta pesquisa, os dados analisados foram coletados a partir de observações e de entrevistas que ocorreram no local em que se encontram os sujeitos da pesquisa e o pesquisador, ou seja, dentro do Museu Nacional. Portanto, em consonância com a caracterização de estudo de caso e da abordagem qualitativa.

A Obtenção dos dados – Ambientação da pesquisa

No início deste estudo optou-se em pesquisar as famílias durante todo o período de sua visita ao Museu Nacional por meio de observação. Porém, foi constatado que, ao seguir a família por todo o roteiro de visita, isso gerava uma situação constrangedora quando o grupo se percebia seguido. Era perceptível ao visitante a presença da pesquisadora, mesmo que tentando manter uma distância segura.

Pelo fato dessa abordagem não ter tido sucesso, foi tentado outro enfoque com a identificação da pesquisadora. Assim, era pedida autorização ao grupo familiar para o acompanhamento de sua visita. Esta também não foi a intervenção ideal, visto que ora a família se intimidava com a presença da pesquisadora, ora fazia inúmeras perguntas a respeito da exposição, passando a interagir com a pesquisadora e não mais com o grupo familiar.

Diante dessas tentativas, foi adotado outro instrumento de pesquisa: a entrevista semiestruturada. Realizada após a visita familiar, foi a ferramenta escolhida para levantar os dados. Os itens que a constituem são os indicadores que auxiliam na obtenção de informações relativas ao conhecimento da instituição; aos motivos da visita; à interação entre os membros da família; às expectativas; à aquisição, ampliação e ao aperfeiçoamento de conhecimento. Foram áudio-gravadas e transcritas conforme a fala do visitante.

(...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. (...) o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. (...) A entrevista semiestruturada se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações. O estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 33-34).

Dessa forma, a solução encontrada foi a realização desse modelo de entrevista como ferramenta principal da obtenção de informações e a observação, nas salas de exposição que foram citadas como propícias à interação entre os membros da família, como ferramenta complementar. A observação possibilitou averiguar e comprovar a reincidência de respostas encontradas, aproximar a pesquisadora dos sujeitos

investigados (olhar sob a perspectiva deles) e também do ambiente de investigação (o Museu), possibilitando, enfim, um enriquecimento do processo investigativo, pois,

na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 26).

Feita essa escolha, foram determinados os locais de abordagem e de realização da entrevista propriamente dita. Como era necessário obter dados completos relativos à visita, as famílias eram convidadas a participar da entrevista no hall do Museu, pouco antes da saída do prédio. A fim de garantir a espontaneidade da experiência nas exposições, os visitantes não eram informados da realização desta pesquisa quando entravam no Museu.

Assim que aceitavam participar, o grupo familiar era conduzido a uma sala próxima ao local de abordagem, o auditório Roquette Pinto, onde, ao redor de uma mesa, o grupo era entrevistado.

A maior parte das famílias não se recusou a participar. Mas quando isto ocorria, os principais motivos eram: as crianças estavam com fome ou que outros amigos/familiares os estavam aguardando. Também não houve qualquer dificuldade em relação à colaboração dos funcionários do Museu Nacional durante as entrevistas (segurança, portaria e bilheteria).

No entanto, devido à realização de eventos pontuais no auditório durante os finais de semana, o período da pesquisa teve que ser prolongado por não existir, no prédio do Museu, outro local adequado para a realização das entrevistas. Também ocorreram situações em que, em alguns finais de semana, até era possível realizar a pesquisa, mas o horário ficava condicionado à disponibilidade do auditório.

Nas duas primeiras entrevistas (ainda na fase de pré-teste), ficou evidenciado que as crianças ficavam muito ansiosas e apressadas para ir embora. Isto interferia desfavoravelmente no desenvolvimento da entrevista, já que os pais não podiam responder com tranquilidade às perguntas feitas. Diante desta situação, foram utilizados recursos tais como, papéis em branco, lápis de cor e lápis de cera para que as crianças pudessem desenhar e colorir. Como uma maneira de interrelacionar a exposição com uma atividade educativa, a arqueóloga do Museu Nacional, Martha Locks, foi contatada, em virtude de participar ativamente de ações de difusão e popularização da ciência e de ter elaborado atividades tais como: “caça-palavras”, com temas afins à arqueologia; “liga-pontos”, com o objetivo de descobrir o animal da

pintura rupestre e exercícios para identificar e pintar o animal da pintura rupestre (ANEXOS 6A, 6B, 6C). Ao ofertar as atividades para as crianças e esclarecer que elas poderiam também participar da entrevista, houve uma mudança de postura e estas passaram a se interessar em permanecer na sala.

De uma maneira geral, as entrevistas duraram em torno de quarenta minutos, chegando, em raras ocasiões, a uma hora e meia.

Elaboração da entrevista semiestruturada

A entrevista, composta de perguntas semiabertas, foi estruturada, na primeira parte, por um bloco de questões que diz respeito à composição familiar, ao local de residência, à idade e à escolaridade de cada membro. O objetivo deste bloco foi obter informações referentes ao perfil do público alvo, que servissem como importante indicativo de um novo plano de divulgação de ações e promoções do Museu Nacional. Os demais blocos referem-se à obtenção de dados relativos aos antecedentes da visita, ao processo decisório, à visitação propriamente dita, à interação familiar e às perspectivas futuras de visitação.

Para verificar a viabilidade do roteiro, o seu efeito para a obtenção das informações e dimensionar a aplicabilidade desse instrumento, foi elaborado um pré-teste (ANEXO 3), aplicado nos finais de semana dos meses de fevereiro e março de 2011 com a presença de toda a família. No total foram realizadas quatro entrevistas.

Uma segunda versão foi implementada de abril a junho, com adaptações resultantes das entrevistas do pré-teste (ANEXO 4). Vale lembrar que as entrevistas realizadas durante a fase do pré-teste foram consideradas válidas, pois forneceram muitos dados relativos à investigação das questões levantadas.

Na análise feita entre o período da realização do pré-teste e dessa segunda versão, foi constatado que não havia nenhuma pergunta relativa à ocupação dos membros da família. Com o objetivo de melhor traçar o perfil dos entrevistados e consoante com as propostas supramencionadas, foi incluída esta pergunta no bloco de “Dados Pessoais”. Foi percebido também que era dispensável saber o horário inicial e o final da visita, bastando ter a informação a respeito do tempo total gasto na visitação.

Também foi eliminada a pergunta nº 9: “O que esse museu representa para você?” por perceber que as informações obtidas com esta pergunta não eram relevantes para o objeto central desta pesquisa.

No entanto, foram acrescentadas diversas questões:

Pergunta nº 2: Como ficou sabendo a respeito desse Museu?

A pergunta teve como objetivo identificar as fontes de informação a respeito do museu.

Pergunta nº 3.1: Quantas vezes vocês vão a museus, por ano?

A pergunta teve como objetivo conhecer a assiduidade da família a museus e traçar um perfil de fidelidade a este tipo de programa.

Pergunta nº 10: Havia alguma expectativa em relação à visita ao Museu Nacional?

A pergunta foi feita para apurar o processo decisório de visitação a museus, conhecer o contexto pessoal da família e o quanto que este contexto pessoal influencia na visita.

Pergunta nº 17: Vocês acham que a visita ao Museu Nacional acrescenta algo na educação da família ou é somente entretenimento?

A pergunta foi inserida para levantar dados a respeito do que representa uma visita ao Museu, ou seja, qual a importância que ela possui no cotidiano da família.

Pergunta nº 23: Como seu(s) filho(s) se comporta(m) na visita a museus, em família?

A pergunta se refere a um comportamento num sentido mais amplo, buscando conhecer o grau de interesse dos filhos, a participação e a importância da interação entre os membros da família.

Pergunta nº 25: Com que sensação vocês estão saindo desta visita ao Museu Nacional?

A pergunta tem o propósito de saber se houve o aprofundamento dos laços familiares por meio do programa cultural e o que esta visita provocou na família.

Pergunta nº 26: Essa sensação é determinante para outras visitas a museus?

A questão foi inserida porque foi percebida a necessidade de explorar se o grupo familiar, a partir desta visitação, se sentiria motivado a frequentar outros museus ou mesmo retornar ao Museu Nacional, desenvolvendo uma agenda cultural de visitação a museus.

A segunda etapa (de abril a junho) consistiu de 11 entrevistas, que também foram consideradas para a análise da pesquisa.

No entanto, ainda foram necessárias novas adaptações, que resultaram na versão final da entrevista semiestruturada (ANEXO 5). Com esta versão foram feitas mais 13 entrevistas, realizadas no período de agosto a novembro de 2011.

Com o intuito de criar uma coerência entre as questões, foi feita uma alteração no ordenamento da primeira pergunta. Quando o entrevistado respondia sim, passava a ser direcionado para um subitem (1.1) e não mais para uma outra pergunta.

1 - É a primeira vez que visitam o Museu Nacional?

() sim (ir para 1.1) () não (ir para 2)

1.1 - Vocês não sabiam da existência deste Museu?

1.2 - Como ficou sabendo a respeito desse Museu? (ir para 3)

Dessa forma, a pergunta nº 2 “Como ficou sabendo a respeito desse Museu?” passou a ser a 1.2 e o roteiro da entrevista passou a ter uma nova ordem numérica.

Foi observado que a pergunta nº 7 “Vocês tem o hábito de visitar museus, ou visitam especialmente por causa das crianças?” deveria ser desmembrada em duas perguntas, para evitar ambiguidade. Assim sendo, a pergunta nº 7 passou a ser “Vocês têm o hábito de visitar outros museus ou instituições culturais afins?” e a nº 8 “Esta visita é especialmente por causa das crianças?”.

Também a pergunta nº 17 “Vocês acham que a visita ao Museu Nacional acrescenta algo na educação da família ou é somente entretenimento?” foi notada uma possível indução. Sendo assim, ela foi alterada para: “Para vocês, qual a importância da visita ao Museu Nacional?” (nº 18).

Já a pergunta nº 23 “Como seu(s) filho(s) se comporta(m) na visita a museus, em família?” foi retirada para melhor explorar a interação dentro do grupo familiar, sendo substituída por “Como foi a interação entre vocês durante a visita?” (nº 25).

Por acreditar que a redação da pergunta nº 24, “Acham que a visita ao museu em família estimula os filhos na aquisição de hábitos culturais futuros?” provocava uma resposta afirmativa ou negativa e pouco exploratória, ela foi modificada: “O que esta visita proporcionou para as crianças, em termos de hábitos culturais?” (nº 23).

Com o objetivo de aprofundar o conhecimento e os motivos de uma visita futura ao Museu Nacional foi introduzido um novo bloco de perguntas (Perspectiva Futura): “Vocês pretendem retornar a esse Museu?”; “Com que objetivos vocês retornariam?”; “Gostariam de deixar alguma sugestão ou comentário?”, encerrando, assim, a versão final do roteiro da entrevista.

Além do que já foi mencionado, é importante lembrar que o instrumento utilizado foi dividido em blocos temáticos vinculados aos objetivos da pesquisa. Apresenta a seguinte estrutura:

- Dados Pessoais – perguntas relativas ao perfil das famílias: nome, composição familiar, localidade que moram, idade, escolaridade e ocupação.
- Antecedentes da Visita – perguntas de 1 a 3: relacionadas à frequência a museus e também se a família conhece o Museu Nacional.
- Processo Decisório – perguntas de 4 a 11: referentes à identificação de quem possui mais peso na decisão de visitar o Museu, às motivações para a visita, às expectativas e aos locais escolhidos para atividades de lazer.
- A Visitação – perguntas de 12 a 19: buscam averiguar como foi o processo de visita aos espaços expositivos, bem como avaliar as áreas de interesse e a forma como o Museu se comunica.
- Interação Familiar – perguntas de 20 a 26: buscam analisar se a família dialoga, se trocam experiências, se há a descoberta de assuntos de interesse comum e se compartilham os conhecimentos obtidos.
- Perspectiva Futura – perguntas de 27 a 29: avaliam se esta visita estimulará o retorno ao Museu Nacional, quais os motivos para outras visitas e, por fim, sugestões e comentários gerais.

Considerando-se as versões de pré-teste e a final, foram realizadas, ao todo 28 entrevistas, no período de fevereiro a novembro de 2011. Esse número de entrevistas foi considerado suficiente porque as informações passaram a ser recorrentes. Além disto, foram observadas 32 famílias nas exposições do Museu citadas como espaços de maior interação familiar. Este quantitativo corrobora com a afirmativa de que o pressuposto da pesquisa qualitativa é que

a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc. (GOLDENBERG, 2009, p. 14).

A análise dos dados obtidos com esta pesquisa seguirá o referencial teórico metodológico contextualizado nas abordagens qualitativas de pesquisa e caracterizado pelo tratamento de dados descritivos que permite compreender mais detalhadamente os temas e problemas levantados. Parte-se do princípio de que

analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos de observação, as transcrições de entrevista, as análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica, num primeiro momento, a organização de todo o material, dividindo-o em partes, relacionando essas partes e procurando identificar nele tendências e padrões relevantes. Num segundo momento, essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 45).

No que diz respeito aos dados coletados por meio de observação, a análise foi feita com base nas categorias formuladas pelo Departamento de Avaliação e Estudos Prospectivos da *Cité des Science et de l'Industrie (La Villete)*, que define sete tipos de visita: “visita lúdica”, “visita cúmplice”, “visita pedagógica não-diretiva”, “visita pedagógica diretiva”, “visita substitutiva”, “visita superficial” e “visita solitária”.

Na "visita lúdica", a característica é o aspecto lúdico, de jogo. Nela, a criança é livre para escolher o que quer fazer e o maior objetivo da visita é "se divertir". Na "visita cúmplice", há uma atitude atenta e calma dos acompanhantes adultos, que conversam com a criança todo o tempo. A "visita pedagógica não-diretiva" é caracterizada pelo objetivo do adulto em explicar à criança o que ela está vendo ou fazendo, com a intenção de despertar a atenção ou o interesse sobre o tema. Já a "visita pedagógica diretiva" tem a clara intenção de ensinar algo à criança, a fim de que esta entenda o que vê e o que está fazendo, e o adulto tem um papel mais autoritário nessa visita do que na anterior. Na "visita substitutiva", os adultos decidem o que a criança tem que fazer e, o papel desta é seguir o adulto e obedecê-lo. A "visita superficial" se caracteriza por uma abordagem superficial dos temas, tendo sido observado que os adultos são por vezes impacientes. Finalmente, na "visita solitária", as crianças descobrem sozinhas as exposições e os adultos muitas vezes se sentam em algum local e ficam aguardando as crianças, sem participar da visita (CHAUMIER, HABIB e CASANOVA *apud* STUDART, ALMEIDA e VALENTE, 2003, p.143).

Em relação às entrevistas, os dados foram analisados de acordo com as respostas obtidas nos blocos temáticos do roteiro de entrevista (dados pessoais; antecedentes da visita; processo decisório; a visitação; interação familiar; perspectiva futura), que por sua vez, foram inspirados nos blocos do questionário da pesquisa Perfil-Opinião do Observatório de Museus e Centros Culturais – OMCC (ANEXO 1), a saber: circunstâncias e antecedentes da visita; opinião sobre os serviços oferecidos nos museus; hábitos de visitas a museus e instituições afins; perfil socioeconômico e cultural dos visitantes e também no roteiro de entrevista da pesquisa de Studart (ANEXO 2), realizada no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST), com apoio da FAPERJ, em 2001-2002, intitulada “O Aprendizado Não Formal no Contexto Familiar de uma Visita a um Museu de Ciências” (STUDART, 2002).

Como há algumas perguntas muito parecidas àquelas do instrumento do OMCC, será possível uma comparação entre os resultados desta pesquisa relativos ao Museu Nacional, instituição participante da pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009², e também às da pesquisa de Studart (2002).

As perguntas semelhantes que foram adaptadas para esta pesquisa foram as seguintes:

OMCC (2005):

- É a primeira vez que você visita este Museu?
- Quando foi sua última visita ao Museu?
- Como ficou sabendo a respeito deste Museu?
- Quais os principais motivos desta visita?
- Quanto tempo, aproximadamente, durou a sua visita?
- Em relação à visita que você acabou de realizar, você se sente:
- Você pretende retornar a este Museu nos próximos doze meses?
- Caso você pense em retornar a este Museu nos próximos 12 meses, com que objetivos retornaria?
- Nos últimos 12 meses, com que frequência você visitou museus ou centros culturais?
- Na sua opinião, que fatores dificultam a visita a museus ou centros culturais?

Studart (2002):

- É a primeira vez que vocês visitam o Museu de Astronomia?
- Quantas vezes vocês já visitaram esse museu?
- Como souberam do museu?
- O que os motivaram a visitar o museu hoje?
- De quem partiu a iniciativa de visitar o museu?
- Duração da visita:

² Conforme o cadastro dos museus participantes da pesquisa Perfil-Opinião do OMCC, na rodada de 2005 foram 11 museus (nove localizados no Rio de Janeiro e dois em Niterói, totalizando 3.407 visitantes); na rodada de 2006 foram seis museus (três localizados no Rio de Janeiro, dois em Minas Gerais e um no Espírito Santo, totalizando 1.972 visitantes); na rodada de 2006-2007 foram 13 museus (todos localizados em São Paulo, totalizando 7.773 visitantes); na rodada de 2009 foram 14 museus (11 localizados no Rio de Janeiro, dos quais oito também participaram em 2005, e três em Niterói, dos quais dois também participaram em 2005), totalizando 7.286 visitantes.

- Como você descreveria esse museu para um amigo ou amiga?
- Que espaços / exposições você visitou?
- Você deixou de ver alguma coisa?
- Qual parte do museu você (como adulto) mais gostou? O que mais lhe interessou durante a visita?
- Você achou compreensível a forma como os temas foram tratados nas exposições?
- Que sugestões você daria para que a visita se tornasse mais agradável para você e para sua família? O que poderia ser melhorado?
- Você tem o hábito de visitar museus, ou visita especialmente por causa das crianças?
- A que outros locais você costuma levar as crianças no fim de semana?
- O que você busca em uma visita a um museu de diferente de outros locais?

Cabe destacar que o Observatório, parceria entre o Instituto Brasileiro de Museus, a Fundação Oswaldo Cruz, o Museu de Astronomia e Ciências Afins e a Escola Nacional de Ciências Estatísticas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tem como objetivos centrais: subsidiar a elaboração e avaliação de políticas públicas nos campos da cultura e afins; subsidiar a prática profissional; subsidiar a pesquisa; promover um espaço de discussão das pesquisas e estudos sobre museus, voltado para o visitante e o não visitante, ampliando o âmbito do debate sobre a instituição para toda a sociedade. A Pesquisa Perfil-Opinião do OMCC visa construir dados sobre visitantes e práticas de visita que possam ser compartilhados e comparados. Os sujeitos da pesquisa são maiores de quinze anos que não estavam em visitas organizadas por escolas e foram selecionados aleatoriamente de acordo com uma amostragem sistemática, resultando em margem de erro máxima de 5%. Os próprios visitantes preenchem o questionário (KÖPTCKE, CAZELLI e LIMA, 2008).

Essas pesquisas, de grande importância, contribuíram para o estudo e análise deste trabalho, desenvolvido nos capítulos a seguir.

CAPÍTULO 1

O QUE NOS DIZ A LITERATURA SOBRE A VISITA DE FAMÍLIAS A MUSEUS

1. O QUE NOS DIZ A LITERATURA SOBRE A VISITA DE FAMÍLIAS A MUSEUS

Neste capítulo a proposta é abordar as idéias e os estudos dos diversos autores que tratam da experiência museal; do comportamento das famílias em museus; da importância de se conhecer o público de museus; das pesquisas realizadas no Museu Nacional e também de outras investigações que discorrem sobre os motivos para visitar museus e centros culturais.

1.1 - A visitação em museus

Conforme o Relatório de gestão 2003/2010 da Política Nacional de Museus (Ministério da Cultura, Instituto Brasileiro de Museus), o Brasil, segundo os dados do Cadastro Nacional de Museus, vive um período sem precedentes em relação à criação de unidades museais. O país iniciou o século XX com cerca de 12 museus e chegou ao século XXI com 3.025 unidades museológicas. Estes dados já nos permitem compreender que no Brasil, diferentemente da Europa, o século dos museus é o século XX e não o XIX.

Colinvaux afirma que, em função do crescimento do número de museus de arte, ciências e técnicas, os pesquisadores têm buscado compreender a “experiência museal”, demonstrando o que ocorre quando o museu abre suas portas para os visitantes, de que maneira(s) esta instituição pode colaborar para a formação de uma cultura científica da sociedade como um todo e, especialmente, o que caracteriza e diferencia este tipo de experiência. Para a autora, “experiência museal é definida como a experiência vivida no espaço-tempo de um museu por aqueles que o visitam, qualquer que seja o tempo de duração da visita” (COLINVAUX, 2005, p.80). Ressalta que esta experiência não ocorre no vazio, mas sim em um contexto institucional específico: é a instituição, por meio de seus profissionais, que, a partir de uma intenção, uma finalidade, uma missão, irá elaborar, realizar e propor atividades para um público amplo. Destaca também que a experiência museal é, principalmente, daquele que visita o espaço do museu: o visitante.

Levando em conta os contextos em que os visitantes estão inseridos, Dierking e Falk (1992) chegaram a três categorias que, juntas, constituem a experiência museal do visitante. Ou seja, há que se considerar o “contexto pessoal”, o “contexto social” e o “contexto físico”. A partir de suas motivações, vontades, desejos, características pessoais e conhecimentos próprios, o indivíduo forma sua expectativa sobre a visita,

formando, assim, seu contexto pessoal. Já o grupo que interage com ele durante o passeio, seja sua família, escola, amigos ou mesmo sozinho ou com os funcionários do museu determina seu contexto social. Por fim, as características do prédio visitado – se possui escadas ou rampas, uma atmosfera harmônica; o tipo de iluminação utilizada; se possui ou não espaços de descanso, etc. – definem o contexto físico. Segundo esses autores, a soma dessas circunstâncias é fundamental para a elaboração de programas de público ou mesmo das pesquisas de comportamento.

Segundo Valente (1995) os museus devem manter uma preocupação com a maneira como o visitante interage com o que está exposto. Para isso, a instituição deve considerar a bagagem anterior do indivíduo, estimular sua curiosidade, motivação, além de fornecer condições de realizar as próprias descobertas a partir de observação, leitura, registro e relação com seus conhecimentos prévios. Para a autora, este processo ocorre através de comparações com dados e circunstâncias que o visitante traz de sua vivência, seja a leitura de livros, fatos vistos na televisão ou mesmo o aprendizado adquirido na escola.

Essa questão também é apontada por Colinvaux quando afirma que não se deve negar a bagagem conceitual do visitante – conhecimentos prévios, noções espontâneas – mas deve-se “problematizar e avançar na concepção deste, buscando uma melhor caracterização de sua bagagem prévia” (COLINVAUX, 2005, p.81). Entende que a bagagem prévia dos visitantes inclui também perguntas, dúvidas, questionamentos, que são determinantes da riqueza da experiência museal, ou seja, dos modos de ação, interação e interrogação de cada visitante em seu percurso e diálogo pelos espaços de um museu. Assim, por um lado, as ações do indivíduo são orientadas pela bagagem de perguntas e interrogações que traz em sua visita ao museu. Por outro, a perspectiva do visitante, em sua interação com os elementos do museu depende do contexto específico de cada exposição.

Cury, nessa mesma linha, defende que no processo de comunicação museológica, o visitante não deve absorver de forma submissa o conteúdo de conhecimento que o museu quer transmitir, mas deve, sim, buscar em seu cotidiano e na sua experiência vivenciar as suas interpretações para aquilo que o museu apresenta. Assim,

(...) entende-se que o cotidiano do público é o mediador da sua participação interpretativa, ou seja, o público em museus interpreta a partir da sua experiência. Indo além, entende-se que o público é participante do processo museológico porque ele traz para o museu a sua interpretação. (...) Ler não é simples decodificação de “palavras”. Por outro lado, não há interpretação sem leitura (que é o que permite a interpretação) e a interpretação é, em si, recriação de significados,

ou re-significação. Neste sentido, a comunicação museológica é comunicação dos sentidos patrimoniais e as mensagens implícitas e explícitas em uma exposição são proposições de significados que serão (des) construídos, reelaborados, negociados, trocados, pelo visitante em atitude dialógica com o museu (CURY, 2006c, p. 33).

Faz-se necessário, então, que o museu trace um discurso comunicacional que se incorpore ao cotidiano do visitante, de forma que o mesmo o integre ao seu próprio discurso, às suas experiências.

Em relação à exposição, essa autora em questão afirma que não é fácil criar um museu e implantar uma política de comunicação, mas o mais difícil é compreender o encontro que se dá entre a instituição e seu público, é levantar e avaliar as múltiplas formas – às vezes ricas interpretações, às vezes negociações e outras vezes conflitos – de interação entre o público e a instituição. Parece fácil para alguns conceber e montar uma exposição, mas elaborar um discurso expositivo que estabeleça uma relação dialógica com o público não é. Conforme alega,

(...) difícil é, também, elaborar o discurso expositivo, e nesta elaboração prever e deixar espaço para que o público (re) elabore o seu próprio discurso, e ao mesmo tempo (re) elabore as suas significações. As pessoas vão ao museu e têm contato com conhecimentos, significados e valores. Isso tudo é posto por elas mesmas em confronto com os conhecimentos, significados e valores que elas já têm. Muitas vezes elas modificam o que já sabem, entendem e sentem, e outras não, pelo contrário, confirmam. E outras vezes as pessoas rechaçam o que viram. E outras vezes o confronto se processa durante muito tempo, até mesmo durante suas vidas (CURY, 2006b, p. 4).

Valente (1995) reitera a importância de se estabelecer um diálogo com o visitante. No entanto, lembra que esta necessidade não objetiva somente aumentar o número de visitas, mas qualificar a relação do público com a instituição, ou seja, criar um vínculo que objetive a transformação social e o reconhecimento do museu enquanto espaço de educação e cultura.

Admitindo essa necessidade, é preciso que se leve em conta, nas pesquisas de público em museus, que o indivíduo tem sua visita mediada pelo grupo social de que ele faz parte, ou seja, sua agenda e expectativas são fortemente influenciadas por este grupo.

Mas o museu pode ser considerado um local de entretenimento? Para Falk, Moussouri e Coulson (1998) esta pergunta muitas vezes esbarra na concepção de muitos pesquisadores de que “entretenimento” significa algo frívolo e sem conteúdo.

No entanto, entre as motivações que influenciam o visitante a ir ao museu, está a busca por um tipo de aprendizado que ocorre nos espaços de educação não formal e que o público, apesar de entender o museu como um espaço para diversão, separa este tipo de atividade da diversão que ocorre, por exemplo, quando vai ao shopping ou a um parque de diversões.

Corroborando com os estudos de comunicação museológica, Cury (2004) faz referência à comunicação de sentidos, onde o museu se coloca como palco para a troca entre o “homem” e o “objeto”, quando ocorrem as re-significações que irão contribuir para o aprendizado. Estas conexões dependem de fatores como o local em que o visitante se coloca diante daquelas informações, ou seja, de que parte da organização social ele enxerga as peças, ou de que grau de educação ele possui, ou mesmo a influência das pessoas que estão com ele naquele momento ou a arquitetura e características da instituição que ele visita.

Ao pensar nos museus de ciência, Borun, Cleghom e Garfield (1995) sustentam que estes são locais nos quais as pessoas vão pré-dispostas a aprender sobre ciência e, normalmente, realizam a visita com suas famílias ou em grupos de amigos. O compartilhamento de informações e a troca afetiva estão diretamente ligados ao tema do lugar, ou seja, a ciência.

Para Falcão (1999), o visitante determina o período de sua interação com o que está sendo exposto, ou seja, o visitante pode se deter por um tempo em um objeto/exposição ou simplesmente ignorá-lo. Pode, ainda, usufruir de outros serviços oferecidos pela instituição, como cafeteria, biblioteca, videoteca, etc. e é neste contexto que a pedagogia do museu deve ser construída. Ela deve levar em conta a livre escolha do visitante, que constrói seu circuito de visita em um tempo por ele determinado.

Os textos de legenda ou mesmo os de apoio às exposições também servem como ajuda aos visitantes em suas interpretações. Muitas vezes, estes dados são levados em conta como um complemento aos conhecimentos prévios das pessoas e devem considerar aspectos como texto acessível, fácil leitura, tanto no contexto da exposição, como no contexto particular dos visitantes. Segundo Hooper-Greenhill (1998) ainda que os visitantes tragam seus próprios objetivos pessoais e sociais, o texto é utilizado para aprofundá-los.

De acordo com Cury (2004), o museu (e seus profissionais) e o público são considerados agentes de um processo de comunicação interativa, em que cada um dos componentes representa um pólo: o do emissor e o do receptor, respectivamente,

reforçando que o processo comunicacional, no caso das exposições, acontece da “discussão” entre estes dois sujeitos.

A atualidade já é testemunha de um novo processo de comunicação entre o museu e os seus visitantes, que ocorre no campo das multimídias e das novas tecnologias. Hooper-Greenhill previu ainda na década de 1990 que a “comunicação multimídia” seria um conceito vital para os museus e galerias de arte desenvolverem suas estratégias de comunicação. Vale lembrar que apesar de os museus utilizarem recursos muito semelhantes aos dos meios de comunicação de massa, estas instituições contam com outras ferramentas próprias de sua atividade, como as visitas guiadas, encontros com o curador, demonstrações, manipulação de objetos, grupos de debate. O uso da publicidade, artigos em revistas de grande circulação, pôsteres, folhetos, entre outras formas, dão aos museus uma grande vantagem para se aproximar de seus públicos. No entanto, esta autora adverte sobre a necessidade da existência de estudos de público, que seriam tão importantes quanto o uso dos meios de comunicação: “um não pode existir sem o outro” (HOOPER-GREENHILL, 1998, p. 60).

A partir do exposto acima, pode-se conceber que a elaboração e o planejamento das exposições são importantes na construção do espaço do museu, mas é fundamental escutar do visitante o real impacto que a visita lhe proporcionou, o que ressalta a importância cada vez maior das pesquisas de público. Além disso, pode-se perceber a preocupação dos autores citados em acentuar que não há uma uniformidade de percepções, variando conforme o conteúdo prévio de cada um.

Essa concepção é compartilhada por Studart quando afirma que

(...) o crescimento de estudos de público e de visitação em museus durante as últimas décadas forneceu novos entendimentos sobre a experiência *museal* do visitante, assim como informações importantes sobre expectativas, preferências e interesses. Esses estudos vêm ajudando os profissionais de museus a conceber e planejar exposições e atividades que melhor atendam às necessidades e aos interesses de diferentes públicos. Além disso, hoje, entende-se que é fundamental para a política educativa, cultural e social dos museus buscar atingir diferentes segmentos da sociedade, visando a uma maior inclusão social (STUDART, 2009, p. 95).

1.2 - As famílias em museus

Como os membros de uma família interagem nos museus? De que forma o entretenimento, a aquisição de conhecimento, o convívio social, entre outros fatores, atua no comportamento destes grupos? De que maneiras os museus vêm se

organizando para receber e se comunicar com os grupos familiares? Estas e outras questões são tratadas por diversos autores, conforme veremos a seguir.

Segundo Hilke (1989), o público de famílias constitui 50% das visitas em museus. Esta autora reflete especialmente como se dá o aprendizado nestes grupos e como seu comportamento pode refletir a maneira como isto ocorre. A própria espontaneidade ou falta de, sugere os interesses prévios nas visitas, ou seja, o que procuram em determinada exposição para somar aos conhecimentos anteriormente adquiridos. Cada membro acaba agindo de acordo com seus interesses, a não ser que a visita tenha sido pensada para favorecer algum membro da família, como por exemplo, um tema específico que complemente o aprendizado da criança, ou um assunto que desperte a curiosidade do adulto.

O aprendizado e a aquisição de conhecimento são, segundo Diamond (1986), o que as famílias essencialmente procuram em suas visitas a museus. As experiências das crianças e dos adultos ocorrem de maneiras diferentes, mas todos são beneficiados pela forma como isto ocorre. Por exemplo, em um museu de ciência, enquanto os pais se detêm aos gráficos, textos e informações expostas, às crianças causa maior impacto as peças em si. Nos relatos destes grupos destacam-se as descrições literais que as crianças fazem sobre os objetos, o tamanho das salas, o que eles encontraram. Já os adultos, fazem referência ao campo simbólico do conhecimento, interpretando informações e as relacionando às suas vivências (sejam elas sociais ou cognitivas).

Essa interação entre os membros da família nos remete a uma idéia pré-estabelecida de que os pais ensinam seus filhos durante as práticas de lazer cultural. No entanto, assim como Diamond (1986), Studart (2009) destaca o fato de que muitas vezes o aprendizado dos adultos ocorre por meio das crianças. Os museus, de modo geral, se preocupam com o tipo de aprendizado que pode ocorrer nos seus espaços expositivos. Gráficos de fácil interpretação, textos ágeis ou mesmo atividades que possam ser realizadas em conjunto pelas famílias objetivam facilitar a troca de conhecimentos entre seus pais e as crianças, podendo, inclusive, preparar estes adultos para responder a possíveis dúvidas que os membros mais jovens possam ter durante a visita.

A palavra escrita deve ser objeto de cuidadosa consideração pelos planejadores, ao elaborarem exposições para públicos de sete a onze anos de idade. Para esta faixa etária, os resultados nos levam a recomendar enfaticamente a adoção de painéis e etiquetas que expliquem a finalidade da manipulação (em lugar de textos que apenas instruem sobre seu uso) e forneçam exemplos que ajudem os visitantes a estabelecer relações com suas próprias experiências e

encorajem discussões adicionais com outros membros do grupo e conversações dos tipos 'bate-papo' e 'explicação' entre crianças e adultos (STUDART, 2005, p. 18).

A favor dessa constatação está a aceitação de que o museu é mais do que um local que abriga exposições. Mais do que isto, deve ser encarado como um cenário social público e, as famílias, como uma unidade social, com estratégias e características de comportamento próprio. Vem daí a necessidade de os museus se aperfeiçoarem na compreensão destes grupos, para obter informações sobre suas expectativas e anseios para uma visita (FALK, MOUSSORI e COULSON, 1998; STUDART, 1997 e 2002).

Dierking e Falk (1994) apontam que os adultos componentes de uma família elegem o museu para uma visita por conta de motivos práticos de aprendizagem para seus filhos, além de considerá-los espaços acessíveis e seguros. Os autores reforçam sobre a necessidade de se levantarem dados sobre estes visitantes, no intuito de aprimorar o atendimento e de fazer com que o hábito cultural se estenda, também, às futuras gerações daquele grupo, como uma influência de comportamento.

Então, como as famílias se comportam nos museus? A esta questão, Borun, Cleghom e Garfield (1995) reforçam o museu como um espaço de interação social e que, a partir disso, podem ocorrer processos cognitivos para o aprendizado. Afirmam, inclusive, que as formas como as famílias se comportam retratam a maneira como o conhecimento é por elas adquirido.

O que leva as famílias a visitarem museus? Por que decidir por este tipo de programa? Uns poderão decidir pela visita porque programas desta natureza influenciam positivamente na formação dos filhos, outros poderão vincular a possibilidade de ter uma experiência conjunta de lazer, outros, ainda, quererão experimentar novas experiências culturais. De toda maneira, torna-se importante oferecer programações que fidelizem este público, tornando-os cada vez mais assíduos em museus.

Mas, antes, é preciso compreender o que está por trás da decisão de visitar ou não museus. Alguns autores têm se detido nestas questões e apresentado respostas que se vinculam ao contexto pessoal do visitante.

Almeida, corroborando com as considerações de Dierking e Falk (1992) a respeito do que representa o contexto pessoal do visitante, levanta questões e afirma.

Hoje é seu dia de folga. O que pretende fazer? Quais são seus interesses? Se estivesse acompanhado por crianças, faria o mesmo programa? E se estivesse chovendo? E se pudesse sair de carro? Estas perguntas representam algumas das possíveis variáveis que explicam as razões pelas quais as pessoas visitam ou não um museu em seu tempo de lazer. As pesquisas de avaliação e aprendizagem em exposições têm evidenciado que as expectativas, motivações e tudo que ocorre anteriormente à visita podem ser determinantes para a qualidade dela. O contexto pessoal é de fundamental importância para a escolha do museu ou da exposição a ser visitada e também para determinar as expectativas do visitante. Também os interesses, as crenças e os conhecimentos prévios sobre os museus e os conteúdos das exposições influenciarão a visita e o que lhe sucederá, variando conforme cada pessoa (ALMEIDA, 2005, p. 37).

Ainda de acordo com Dierking e Falk (1992), o contexto pessoal de cada visitante é único, incorpora uma variedade de experiências e compreende também todas as motivações, interesses, memórias, representações, conhecimentos prévios do visitante, sua opção de percurso na visita, como ele deseja utilizar seu tempo, suas atitudes e suas ações antes, durante e após a visita. Sustentam também que todos estes fatores determinam uma agenda para a visita.

Almeida (2005) traz também à tona outras considerações de Dierking e Falk (1992) relativas aos momentos anteriores à visita. Geralmente os visitantes vêm com expectativas sobre o que verão ou farão no museu. Por exemplo: em visita a um aquário esperam ver peixes vivos; em um museu de arte, obras de arte.

Borun, Cleghorn e Garfield (1995) fazem referência a uma variedade de motivos que levam os visitantes a optarem por um determinado museu ou exposição. Seu contexto pessoal, suas sensações, motivações e conhecimentos prévios são aspectos que dizem respeito à experiência de vida de cada pessoa. Os visitantes vêm com expectativas sobre o que verão ou farão no museu e todos estes aspectos influenciam na escolha. Ressaltam que, de maneira geral, cabe aos pais a decisão de escolha de programas culturais desta natureza, que esta escolha se vincula às crianças e que existe uma influência da formação dos pais neste processo decisório.

1.3 - Por que pesquisar público de museus?

Se do tópico anterior depreende-se a necessidade dos profissionais de museus de conhecer os visitantes e suas necessidades para o desenvolvimento de exposições, cabe, então, um aprofundamento sobre os estudos de público, em suas características e desdobramentos.

Carvalho (2005) cita que a partir dos anos 1960 as pesquisas de público realizadas nos museus norte-americanos e europeus contavam com a utilização de técnicas e métodos na área de ciências sociais. Estas pesquisas buscavam apurar diversos tipos de questões, tais como: perfil do visitante, seus gostos, suas preferências culturais, sua frequência de visita, sua experiência no museu, o impacto proporcionado pela visita, entre outros fatores. Os dados servem também para os museus elaborarem sua programação, plano de divulgação e demais atividades.

As pesquisas também podem ser consideradas uma demanda da sociedade, uma vez que, em seus desdobramentos, servem para atender às expectativas que a população possui em relação a estas instituições (KÖPTCKE e PEREIRA, 2010).

Na atualidade, o público visitante é visto como um consumidor que pratica escolhas rápidas, com iniciativa e senso de responsabilidade. Diante disso, ao se realizar pesquisas em museus, deve existir a preocupação de caracterizar o visitante como um cliente, que possui necessidades e expectativas que o museu deve compreender, assimilar e apropriar-se destes dados para melhor atendê-lo no futuro (DOERING, 1999; ALMEIDA, 1995).

As pesquisas podem utilizar diversos métodos de aplicação advindos da psicologia, antropologia, sociologia e educação. A coleta de dados, apesar de não possuir muitas variações, utiliza questionários, entrevistas, observação discreta, observação participativa e gravação em vídeo, conforme o objetivo da pesquisa, do ambiente em que é realizada ou preferência do pesquisador. As questões podem envolver aspectos do aprendizado, interação do público com os aparatos, percepções do visitante, resultados da exposição, entre outros (STUDART, 2003).

Segundo Studart, Almeida e Valente,

As pesquisas passam a recolher dados relativos às experiências do visitante nas diferentes atividades do museu, em lugar de medir unicamente o êxito da exposição. Buscando cada vez mais facilitar a cognição, as exposições tratam os temas apresentados de maneira problematizada, flexível e antidogmática, ampliando a possibilidade de escolha a partir de estratégias que provoquem e envolvam o visitante. Procura-se, a partir desse novo foco, conhecer não só o comportamento do visitante, mas como determinados públicos vêm o museu e o que esperam dele e dos assuntos nele veiculados, registrando as reações e perguntas dos visitantes. (STUDART, ALMEIDA e VALENTE, 2003, p. 135).

Essas autoras reforçam, também, que é crescente o interesse dos museus e de seus profissionais pelas pesquisas de público. Esta tarefa vem contribuindo para o planejamento das atividades e para a melhoria do atendimento ao público. Há, inclusive, em diversas dessas instituições setores específicos, com equipes multidisciplinares, que possuem a função de documentar, sistematizar e tabular os dados obtidos, além de atuarem diretamente na concepção desses questionários.

Essa necessidade advém, por exemplo, da constatação de que muitas vezes as atividades do museu não são pensadas para o visitante, mas a partir do ponto de vista do profissional que a realiza. Existe uma série de exposições que contam com altos investimentos, mas que, no entanto, não conseguem atrair o interesse do público (HOOPER-GREENHILL, 1998).

Para Valente,

As dificuldades dessa comunicação estão, inicialmente, presas à falta de conhecimento, por parte da instituição, sobre aqueles que a procuram, pois, em certa medida, grande número de museus não considera devidamente esse dado. Realizam suas atividades e estudos desligados do visitante que, na maioria das vezes, não compreende o que é apresentado no museu. (VALENTE, 1995, p. 3).

Em virtude do deslocamento do foco dos objetos de coleção para o público, atender às necessidades do visitante tornou-se um fator preponderante nos museus e conhecer estas necessidades é condição primordial para tornar o museu um espaço onde a comunicação com o público passa a ter prioridade.

Studart (2003) reforça que essa transformação pela qual os museus vêm passando, desde a segunda metade do século XX, estimula a existência de uma relação mais próxima entre estas instituições e a sociedade. O museu passa a dialogar com seus diferentes públicos, ampliando, assim, as representações sociais e culturais no seu espaço.

Uma consequência importante desse movimento é que os indivíduos passam a ser encarados de acordo com suas percepções e habilidades de aprendizado. Jensen (1999) afirma que é preciso conhecer as audiências, seus interesses e necessidades com o intuito de oferecer programas e exposições com as quais o público irá se identificar. As exposições e os programas devem ser desenvolvidos para divulgar a riqueza dos museus e de suas coleções, mas não somente isso. As atividades de um museu devem funcionar como um ponto de partida para que o sujeito seja estimulado

a explorar, questionar e criar interpretações em um campo simbólico que não se encerra nas paredes do museu.

Com o intuito de determinar a natureza da experiência do visitante no museu é preciso analisar suas expectativas, relacionando-as a seu contexto pessoal, seus conhecimentos, atitudes e experiências, ou seja, sua agenda. É importante que o museu reconheça a importância da agenda do visitante, pois será a partir destas informações que a instituição definirá seus parâmetros para fazer com que suas atividades se transformem em uma experiência museal de sucesso. Dierking e Falk (1994) afirmam, inclusive, que o museu, de posse destes dados, pode manipular a agenda do visitante.

Este é outro aspecto que deve ser levado em conta nas pesquisas de público, uma vez que o contexto pessoal do visitante talvez seja o que mais o influencia na sua experiência de visitação a museus, ou seja, sua agenda. É importante que os profissionais de museu tentem se adequar a estas expectativas.

Tendo em vista que o museu está aberto para interagir com o público em geral, o que for realizado na instituição deverá ser feito em função desse público, na intenção de que o visitante transforme sua experiência ao visitar o museu como atividade duradoura (VALENTE, 1995, p.13).

Esses estudos vêm crescendo nas últimas décadas e fornecem dados importantes que auxiliam os profissionais no desenvolvimento e concepção de exposições e demais eventos que atendam diretamente às necessidades de determinados grupos. Neste sentido, Colinvaux (2005) afirma:

Se, por um lado, é proveitoso investigar intenções, objetivos e modos de realização destas instituições e das equipes envolvidas com a concepção e organização das diversas atividades oferecidas pelos museus, é necessário, por outro lado, examinar a experiência museal a partir da perspectiva do visitante, ou seja, daqueles que, em última análise, legitimam e referendam as propostas a eles oferecidas (COLINVAUX, 2005, p. 80).

É preciso que as ações do museu estejam articuladas com as demandas da sociedade e que o conhecimento produzido pelos profissionais de museus sirva para a compreensão do mundo presente e para uma melhor atuação no futuro (STUDART, 2004).

1.4 - As pesquisas realizadas no Museu Nacional

Prosseguindo com a revisão bibliográfica, foram selecionados três estudos de público realizados no Museu Nacional e considerados relevantes para esta dissertação. Infelizmente, não há, para objeto de comparação, estudos sobre o público de famílias nesta instituição.

Em 1995, Valente apresentou os dados de sua pesquisa de mestrado, que teve por finalidade perceber a relação do público com a exposição permanente do Museu Nacional, privilegiando o visitante adulto e autônomo da instituição. A proposta foi a de conhecer a instituição a partir das representações que o visitante fazia dos espaços e das exposições.

Por meio de observação e de entrevista, seu estudo buscou identificar a relação dos significados e representações estabelecidas durante a prática da visita. Foi enfatizado, de acordo com preceitos antropológicos, o cotidiano da visita e seus aspectos simbólicos. A finalidade era estabelecer e relacionar a interação do público com a instituição e vice-versa. A partir disso,

Foi possível constatar, no desenrolar do trabalho, que a origem social dos visitantes do Museu Nacional, num quadro geral e numa primeira aproximação, difere daquela do público a que se convencionou chamar o mais fiel dos museus, formado geralmente por pessoas de nível social e capital cultural mais elevado, conforme as avaliações realizadas fora do país e que confirmam essa procura do museu. Os visitantes do Museu Nacional, em grande parte, pertencem a camadas de média e baixa renda da população brasileira. (VALENTE, 1995, p. 130).-

A pesquisa também demonstrou que, apesar de nunca terem estado em museus, os visitantes trazem consigo opiniões sobre a instituição. No entanto, após a visita, “essas representações não são traçadas a partir do que viram, mas pelo que já haviam construído em relação ao museu” (VALENTE, 1995, p. 138).

Além disso, a pesquisadora transcreveu algumas frases dos visitantes: “Um elo com o passado”, “É, mas é tudo dinossauro”, “Eu já conhecia tudo”, entre outras, que permitiram identificar as “condições que promovem o distanciamento ou facilitam a aproximação do museu com o público, ressaltando a necessidade de considerar o universo do visitante e a eficiência dessa relação” (STUDART, ALMEIDA, VALENTE, 2003, p. 150).

Também em 1995, Paula Laclette fez uma pesquisa na qual aplicou um questionário aos visitantes do Museu Nacional para obter informações sobre suas

expectativas/necessidades e traçar um perfil dos visitantes, considerando as variáveis, nível de escolaridade, faixa etária, tipo de ocupação, expectativas em relação ao acervo e, sobretudo, quanto às sugestões para um melhor funcionamento da instituição. Os resultados mostraram que o Museu é visitado por um público predominantemente jovem e formado por famílias (crianças e adolescentes acompanhados de seus pais). Os visitantes são, em sua maioria, de classe média e que, apesar de terem nível superior, ocupavam funções de nível médio. Em relação às motivações para visitarem esta instituição, “um número bastante significativo respondeu que não haviam planejado a visita, mas que por estarem na Quinta, sentiram-se atraídos pela imponência do edifício” (LACLETTE, 1995, p. 41).

Outro dado que surgiu nessa pesquisa foi o grande interesse pela parte histórica da casa e pelas peças expostas. Inquiridos também sobre aspectos técnicos das exposições, como iluminação, disposição de objetos e textos elucidativos, os visitantes solicitaram textos explicativos, com redação mais simples e menos técnica. Foi constatado também que os visitantes comentam o que vêem e estabelecem, às vezes, comparações práticas com sua vida cotidiana. Além disso, a maioria dos visitantes sugeriu que o Museu Nacional oferecesse serviços de “guia” e roteiro de visita, com o objetivo de facilitar a escolha do percurso.

Luciana Köptcke e Marcele Pereira elaboraram, em 2010, uma lista com 130 documentos com informações diretas ou indiretas sobre a relação do público com o Museu Nacional no transcorrer do século XIX e início do XX. Porém, este trabalho não abordou relações subjetivas entre o público e a instituição, atendo-se especialmente a dados quantitativos e descritivos. Trata-se de um registro que deve ser considerado do ponto de vista da “visita a museus”. Segundo documentos encontrados pelas pesquisadoras, as visitas ao Museu Real (antiga designação do Museu Nacional), entre 1818 e 1821, eram privilégio de ‘curiosos’, estudiosos e autoridades. Com apenas quatro salas abertas à visita, somente através de solicitação específica era possível visitar outros espaços.

O acesso ‘em massa’ ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, um fluxo de cerca de mil visitantes no período de três meses, foi registrado ainda durante o Império, em 1882, por ocasião da Exposição Antropológica Brasileira, considerada por Lacerda – diretor do Museu - uma “festa científica e popular, pela primeira vez levada a efeito no Brasil, marcando uma época na história do Museu”. Pode-se discutir a idéia de ‘acesso em massa’ no século XIX, diante da percepção contemporânea. Ademais, embora os museus, em geral, pretendessem, já naquele século, atrair ‘multidões’, deve-se relativizar a sua dimensão, assim como ressaltar que elas ocorriam em períodos excepcionais, quando uma série de medidas que visavam possibilitar um acolhimento extraordinário era tomada, a exemplo da presença

obrigatória da Guarda Real nas salas franqueadas (KÖPTCKE e PEREIRA, 2010, p. 815).

Segundo descrição feita pelas autoras em questão, após a mudança para a Quinta da Boa Vista, em 1892, o Museu Nacional passou a registrar uma média de 40 mil visitantes ao ano, o que é possível avaliar através do Livro de Visitantes que, a partir de 1893, passou a fazer o registro do número de visitas por dia e mês.

As alterações significativas nos números de visitação são atribuídas, normalmente, aos chamados fatos extraordinários, como feriados ou a apresentação de grandes exposições. Contribuíam para a redução de visitas possíveis dificuldades de acesso ou mesmo obras realizadas no prédio e que diminuía os espaços expositivos.

Os relatos sobre o número de visitantes nos primórdios do Museu Nacional, a partir do início do século XX, sugerem a preocupação de ampliar o alcance público da instituição.

A presença do visitante nos discursos sobre o museu, embora constante, suscita níveis variados de atenção e interesse. De acordo com o foco, o visitante ou usuário pode ter uma importância secundária ou ser o ponto central da pesquisa. Os públicos constituem, pois, importante categoria de análise para adensar a reflexão sobre o papel social dos museus. Sua eleição como objeto de estudo convida o pesquisador a direcionar um novo olhar sobre as fontes já conhecidas e empregadas em outras leituras (KÖPTCKE e PEREIRA, 2010, p. 819).

1.5 - Pesquisas sobre público de famílias

Para a análise de dados que será objeto do capítulo 3, faz-se necessário refletir agora sobre as informações existentes em pesquisas já realizadas sobre o público de famílias. Estes estudos ocorreram, em maior parte, fora do país: “no Brasil, ainda são raras as pesquisas que buscam conhecer o público composto por grupos familiares que visitam museus” (STUDART, 2009, p. 97).

O estudo de famílias torna-se um importante trabalho a ser realizado pelas equipes de museus, uma vez que representam um grupo que possui forte influência na construção de agendas futuras e é, sem dúvida, uma parcela importante de visitação aos museus. Cada vez mais é latente a necessidade de que as instituições museológicas fiquem atentas às ações e atividades que envolvam famílias (STUDART, 2005).

Segundo Dierking e Falk (1994) famílias e crianças são mais encontradas em museus direcionados a crianças, seguidos do zoológico e centros de ciência e tecnologia, já nos museus de arte, estes grupos são raros. Grupos de famílias em centros de ciência, por exemplo, constituem mais de 80% dos visitantes, enquanto que, nos museus de arte, eles representam 10% dos visitantes. Contudo, a maioria dos visitantes de museus, jovens ou velhos, vem como parte de um grupo social. Quando não estão acompanhados de crianças, os adultos, normalmente, vêm com outros adultos.

Essa afirmativa também é defendida por Studart (2009) quando cita que em estudos demográficos desenvolvidos em museus na Inglaterra e nos Estados Unidos uma parcela significativa dos visitantes é constituída por famílias ou grupos que têm crianças. Fato que corrobora para a tendência de que os museus preparem atividades que possam atender a esta parcela de público.

Dierking e Falk (1994) citam que Diamond e Rosenfeld, durante pesquisa desenvolvida no *Natural History Museum* de Londres, constataram que muitos pais “usam” as crianças, como motivo para visitar museus. Apesar de as crianças motivarem a visita, fica claro que os adultos também estão se divertindo.

Bizerra (2008) destaca que pesquisas produzidas na década de 1980 revelaram informações de como as famílias interagem e mesmo conversam dentro do ambiente expositivo. Segundo esses estudos, fica evidente que as famílias incluem experiências prévias em seus debates, que a leitura de etiquetas e legendas é feita, mas que seus conteúdos somam aos conhecimentos que esses grupos já possuem, nas suas memórias e valores.

Apesar de o interesse recente, as pesquisas sobre público de famílias têm aumentado nos últimos anos e, segundo Stuart,

(...) procuram investigar o planejamento de programas e atividades para grupos familiares; expectativas relacionadas à visita ao museu (*'family agenda'*); a forma como adultos e crianças em grupos de família se relacionam e interagem nas exposições; as conversas entre os membros do grupo; comportamentos de adultos e crianças com relação ao material exposto; o tempo gasto nos módulos expositivos e aparatos interativos; ganhos cognitivos e afetivos provenientes da visita; aprendizagem (*'learning-behaviours'*); comportamentos diferenciados de acordo com o gênero do visitante (*gender effects*) (STUDART, 2009, p. 97).

Já outros pesquisadores priorizam, nas categorias de pesquisa, as formas de interação dentro do grupo familiar. É o caso de Brown (1995), que encontrou padrões

de comportamento em visitas ao Museu *Exploratory*, localizado em Bristol, na Inglaterra, que vão desde os que apenas acompanham de longe seus filhos até os que executam a tarefa por eles (Bizerra, 2008).

O estudo de Diamond, realizado em 1986, abordou o aprendizado de famílias em centros de ciência. Para esta autora o comportamento de aprendizado refere-se a mostrar, apontar, destacar algo para ser observado, descrever algo, instigar perguntas. Com base nesta constatação, pode-se concluir que o aprendizado é um aspecto fundamental da interação espontânea entre os membros de uma família.

Segundo Briseño-Garzón, Anderson e Anderson (2007), os adultos, quando realizam visita em família não se vêem como aprendizes, mas sim como os responsáveis por prover o conhecimento daquele grupo e passar suas experiências para as crianças.

A influência das crianças no processo decisório de ida aos museus foi constatada pela pesquisa realizada por Denise Studart, entre 2001 e 2002, no Museu de Astronomia e Ciências Afins – MAST/MCT. Apesar de a iniciativa partir dos adultos (sob o interesse de oferecer atividades culturais e educativas), é por conta da “necessidade” de levá-los que o grupo familiar opta por este tipo de passeio.

A autora em questão ressalta que para uma boa parte dos entrevistados, visitar museus é considerado um bom programa familiar porque favorece a aquisição de conhecimentos, de aspectos históricos e de informação. Diz que alguns entrevistados destacaram o aspecto da integração familiar, motivada pela visita, como mais uma razão para se afirmar que ir a museus é um programa adequado para a família. Sublinha ainda que em relação às práticas culturais e de lazer das famílias nos finais de semana, a visita a museus apareceu como um dos programas realizados, porém não o mais frequente. Ir a shopping e ir à praia aparece como os hábitos de lazer e práticas culturais mais citados, seguido de cinema e teatro (STUDART, 2002).

Esse estudo foi um dos primeiros no Brasil a pesquisar as expectativas; motivações; experiência museal; práticas culturais e de lazer do público de famílias a um museu de ciência. Contribuiu para mostrar que este segmento do público merece ser investigado com maior atenção, principalmente porque este grupo tem uma grande importância na formação do capital cultural das crianças e dos próprios adultos. Permitiu também uma maior compreensão sobre os tipos de ganhos cognitivos e afetivos, decorrentes da visita em família, bem como conhecer os fatores que afetam a aprendizagem em espaços de educação não formal.

A influência da família na geração de hábitos futuros é, sem dúvida, um dos comportamentos mais observados por pesquisadores. Além, claro, de estimular o aprendizado e a confiança para explorar novos saberes. Essa tendência também é sustentada por Studart quando afirma que

consideramos que os grupos de famílias são um importante público-alvo, devido ao papel educativo e à influência positiva que os familiares têm na formação dos hábitos culturais da criança. Por esta razão, alguns profissionais que atuam em museus sustentam que essas instituições devem refletir mais atentamente sobre o papel que podem desempenhar nos processos educacionais e de socialização envolvendo famílias (STUDART, 2009, p. 98).

A família é a mais significativa influência no processo de aprendizagem. Por exemplo, muitos adultos associam o museu a visitas que fizeram com seus pais durante a infância. Mesmo que, durante a adolescência, eles busquem outras atividades de lazer, quando eles se tornam pais retornam ao museu para beneficiar seus filhos (DIERKING E FALK, 1994).

Segundo Dierking, boa parte do que aprendemos é mediado pela interação social em grupo, por meio de conversas, gestos, emoções e observações. O primeiro grupo com o qual interagimos socialmente e adquirimos conhecimento é a família. O aprendizado é, então, incorporado a uma narrativa familiar criando significados compartilhados e elos sociais reforçados entre os membros da família.

Dado que, pela sua própria natureza, a aprendizagem familiar é um processo efetuado em colaboração, segue-se que os tipos mais eficazes de experiências para famílias nos centros de ciências - sejam exposições, programas ou sítios da web - são aqueles que promovem e facilitam a interação e a colaboração social. Desta forma, um modelo eficaz de aprendizagem familiar reconhece que esta ocorre em contextos e situações que as famílias julgam apropriadas e pessoalmente atraentes para si, onde a aprendizagem pode e deve ser uma experiência agradável e, neste sentido, a interação social é crucial, as famílias acham validade em suas próprias observações e experiências pessoais e elas produzem significado ao trabalharem, falarem e resolverem problemas juntas (DIERKING, 2009, p. 80).

É preciso lembrar, entretanto, que, na atualidade, as famílias não se constituem somente por laços cosanguíneos, mas, também, por vínculos de afetividade. A família nuclear já não é o tipo de organização que deve ser levada em conta unicamente. O entendimento das novas formações familiares deve ser encarado como um dado importante para o pesquisador que desenvolve estudos sobre públicos de famílias.

1.6 - A aquisição, ampliação e o aperfeiçoamento de conhecimento em museus

Cazelli e Vergara (2007) destacam que a aquisição de conhecimento é um processo construído ao longo da vida e que acontece não somente na escola (educação formal), mas também por meio da interação com pares, colegas, vastas comunidades e com os múltiplos espaços culturais disponíveis no contexto social (educação não formal). Nesse sentido, os museus possuem um lugar de destaque, uma vez que tornam acessível ao público uma boa parte da cultura universal e propiciam a vivência de experiências que vão além da pura diversão.

Em estudo realizado por Diamond (1986), em museus de ciências, há evidências substanciais de que a interação entre os visitantes estimula a aquisição de conhecimentos nas exposições. Isso se deve, possivelmente, ao fato dos visitantes chegarem e permanecerem em grupos influenciando os demais durante os momentos da visita.

Em centros de ciência é notória a forte influência dos pais no processo decisório, ou seja, os tipos de experiências que estes espaços propiciam estão muito ligados a propósitos de aprendizagem para as crianças e ao objetivo de se ter um passeio agradável entre os membros da família. Marandino, Almeida e Valente (2009, p. 96) afirmam que os “adultos buscam esses espaços a fim de oferecer uma experiência educativo-cultural prazerosa para a criança”. A constatação deste fato é de suma importância para corroborar com as hipóteses de que são esses grupos de grande influência na geração de hábitos futuros de visitas a museus.

Para Jensen (1999) a interação entre os membros de um grupo também é determinante para adquirir conhecimento. Segundo esta autora, o conhecimento é adquirido como parte de um processo contínuo de adição aos saberes e crenças que já possuímos através de experiências interativas e que a interação é o oposto da passividade no processo de aprendizagem.

Studart, por sua vez, complementa que

o aprendizado que ocorre em espaços de educação não formal inclui ganhos cognitivos e afetivos que têm significados próprios para cada indivíduo, podendo levar a mudanças de atitude, percepções e perspectivas com relação a um determinado assunto. Esses ganhos também podem contribuir para estimular o interesse em novas áreas (STUDART, 2002, p. 7).

É preciso que os profissionais de museus entendam melhor a expectativa do visitante, pois, de acordo com Dierking e Falk (1994), esses indivíduos não respondem passivamente ao que lhes é exposto, criando suas próprias experiências museais. Estes autores corroboram com a teoria de que os seres humanos são naturalmente indivíduos sociais, ou seja, que seus processos de aprendizagem advêm da interatividade e de outras formas de relação, tais como: aprender enquanto falam, enquanto prestam atenção, enquanto olham outras pessoas, etc. Ao fazer isto, elas incorporam outras ideias, sentimentos e comportamentos, associando-os aos seus conteúdos pré-existentes.

1.7 - Motivos para visitar Museus

Foi comentado anteriormente que há, na atualidade, um aumento significativo do número de museus e de seus visitantes. O que leva as pessoas a visitarem museus?

Doering, a partir de pesquisas desenvolvidas, comenta que “os visitantes fazem uso dos museus em função dos seus vários propósitos e perspectivas pessoais. O museu pode influenciar a vinda das pessoas ao museu, mas não pode controlá-las” (DOERING, 1999, p. 80). Assumindo que os visitantes utilizam os museus em seus momentos de lazer, observa-se também que eles possuem uma agenda e um tempo disponível para visitação. A autora afirma também que os visitantes não vêm com propósitos de aprender, já que existem outras formas para isso, tais como: livros, jornais, mídia eletrônica. Seus estudos mostram que os indivíduos tendem a frequentar museus que eles julgam ser congruentes com suas atitudes, com os pontos de vista que eles possuem. Os visitantes respondem melhor às exposições e aos temas que são pessoalmente relevantes e compreensíveis a eles. Reconhece-se que os indivíduos vêm aos museus com diferentes perspectivas e expectativas em rela o à visita e que esta será mais satisfatória se o que for oferecido estiver em consonância com estas expectativas e sua visão de mundo.

Segundo Doering (1999), os motivos que levam os americanos a irem aos museus podem ser divididos em quatro categorias que se relacionam com suas expectativas e com satisfações que eles esperam ser atendidas. A primeira delas é a chamada experiência do objeto (*object experience*), que é movida pela beleza, para observar coisas raras, objetos incomuns ou de valor; a segunda é a experiência cognitiva (*cognitive experience*) que se refere à aquisição de informações e conhecimento, com vistas a aprimorar o entendimento; a terceira é a experiência

introspectiva (*introspective experience*), que está relacionada a refletir sobre o significado das coisas, imaginar outros tempos e lugares, lembrar viagens, experiências de infância e outras memórias, criando um sentimento de pertencimento ou de ligação; e, por fim a experiência social (*social experience*), que objetiva passar o tempo com amigos, família e outras pessoas próximas .

Os visitantes são diversos em seus interesses e no que buscam como experiências museais. Sendo assim, as instituições devem levar em conta as experiências listadas acima e criar diferentes espaços que possam realçar cada uma delas, ou seja, que instiguem a memória, as relações sociais e a curiosidade pelos objetos e a imaginação.

As pesquisas existentes sobre as motivações do público para visitarem museus apresentam resultados que, segundo Dierking e Falk (1994), podem ser organizados em três categorias: sócio-recreativas, educativas e “reverenciais” – a busca pelo sagrado, pelo que foge à normalidade, algo a que se possa reverenciar por seu valor. No entanto, diversão, união da família e ambiente seguro também são constantemente citados.

Ainda segundo Dierking e Falk (1994), a motivação é um aspecto fundamental da experiência museal, pois está diretamente associada às expectativas e ao contexto pessoal do visitante, que são diretamente ligados ao planejamento da visita.

Outro motivo frequente para a visita a museus é a crença de que estas instituições são guardiãs de tesouros da humanidade. Há uma expectativa de entrar no museu e encontrar coisas grandiosas, de impacto e que fogem à normalidade do dia-a-dia.

Valente acrescenta que

(...) o museu representa também o lugar do saber. O visitante procura o museu porque lá ele tem oportunidade de conhecer coisas novas ou de rever o que já conhece e de se instruir e aprender. Ele percebe o museu como uma instituição educativa e por isso é atraído a dispor de parte de seu tempo para visitar o museu. É interessante notar, então, que muitos têm uma visão entusiasmada de que, ao ver as coisas no museu, podem aprender com elas. Portanto, além de lhe atribuir a propriedade de se reportar ao passado, o visitante acrescenta ao museu outros papéis. O museu, para o público, funciona como um estímulo ao conhecimento de coisas novas. É o detonador da aprendizagem (VALENTE, 1995, p. 141).

Visitantes que têm, em seus hábitos de lazer, o costume de visitar museus com frequência se diferenciam dos demais, uma vez que suas expectativas não podem

mais ser classificadas como primárias, ou seja, que anseiam por algo nunca antes visto. A expectativa, no entanto, não deixa de existir, mas ela possui um outro caráter. O que vou encontrar de diferente da minha última visita? Muitas vezes, este tipo de visitante é o que vai se manifestar de maneira mais atroz às mudanças que não o agradam. Por exemplo, quando os visitantes habituais visitaram o Museu de História Natural de Londres e viram que objetos que estavam secularmente lá tinham sido retirados, criticaram esta decisão. As críticas não eram porque estes objetos eram únicos e populares, mas porque eles estavam sempre lá e eram, desde muito tempo, associados à instituição (DIERKING E FALK, 1994).

Almeida (2005) ao falar sobre o “visitante habitual” destaca em sua pesquisa realizada, em 2001, no Museu Lasar Segall, que era comum, entre eles, levar outras pessoas para também usufruir daquele espaço. Ou seja, a qualidade da visita é fator fundamental na influência para gerar uma frequência de visitas aos museus. A autora lembra também do que ela chama de fatores-chave no processo decisório: “idade, educação, renda, raça, experiência em museus, interesse específico em algum tema, responsabilidades sociais como família ou um parente em visita e preferências gerais de lazer” (ALMEIDA, 2005, p. 38).

O conhecimento sobre os motivos que levam os diferentes públicos aos museus proporciona aos seus profissionais dados que podem ser utilizados para o planejamento de atividades e exposições. Reconhecer a função das pesquisas de público para o aprimoramento das visitas é de suma importância para delinear estratégias que irão atrair as pessoas e melhorar a qualidade no atendimento (Carvalho, 2005).

Almeida, corroborando com Carvalho (2005), afirma que

as avaliações mostram que cada visitante constrói sua própria exposição ao selecionar seu percurso de acordo com seu desejo, suas motivações, suas necessidades e seus companheiros, entre outras variáveis. Assim, na elaboração da exposição procuram-se conhecer, cada vez mais, o perfil, os conhecimentos prévios, os desejos e as necessidades do visitante/receptor (ALMEIDA, 2005, p. 32).

No entanto, segundo Hooper-Greenhill (1998), poucos museus possuem políticas de comunicação coerentes e bem gerenciadas. Alguns apenas as possuem para as exposições, enquanto outros estão criando, ainda, políticas de educação. Algumas poucas estratégias de marketing estão sendo introduzidas para aumentar o número de visitantes. Para a autora, para que os museus criem fortes laços com os

visitantes, novos públicos, escolas, meios de comunicação, etc., há que se entender e melhor gerir os setores associados à comunicação.

Uma vez que os museus constituem um serviço público, é preciso saber como é prestado este serviço. Se o cidadão não fizer uso dele, não tem sentido sua existência ou mesmo manutenção. Existe uma série de dados que podem confirmar ou mesmo relatar a amplitude e a importância de um museu. A autora em questão destaca, assim como outros autores, a importância de se conhecer o público em suas necessidades, anseios, perfil e interesses na visita. Ou seja, levar em consideração dados sobre a visita, mas também outras questões relevantes que revelem ao pesquisador dados mais aprofundados, que possam resultar, no futuro, em ações para o retorno daquele visitante.

CAPÍTULO 2

CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUSEU NACIONAL

2. CONTANDO UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUSEU NACIONAL

2.1 - Os antecedentes da criação

Para contar a história do Museu Nacional, foi necessário recorrer ao importante estudo feito por Lopes (1997), em que esta descreve os antecedentes, a constituição e os primeiros anos do Museu Nacional. Além disso, este estudo foi também baseado em pesquisas feitas na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/ UFRJ, na dissertação de Valente (1995) e na obra de Azevedo (2007), realizada por uma Comissão de Colaboradores do Museu Nacional, sob a coordenação geral do ex-diretor professor Sergio Alex Kugland de Azevedo.

Em 1777, Dona Maria I, aos 43 anos, assumiu o trono após a morte de seu pai. Na condição de rainha de Portugal, ela determinou que seu ministro, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, e o Vice-Rei, Luis de Vasconcellos e Souza, recolhessem produtos naturais e objetos que representassem as culturas da população nativa da colônia sul-americana para serem enviados a Lisboa. Assim, várias amostras de “riquezas da terra” foram transportadas para a metrópole para incrementar o tesouro da Coroa e o acervo do Museu Real de Lisboa.

Com o crescimento das coletas científicas e das atividades colecionistas, foi criada, em 1784, uma “Casa de História Natural”, no Rio de Janeiro. O Vice-Rei Luis de Vasconcellos e Souza escolheu o Campo da Lampadosa, futuro Erário e atual Avenida Passos, para erguer a casa que iria abrigar uma coleção expressiva de exemplares da fauna e da flora brasileiras. Ao longo do período das obras, foi construído um grande barracão ao lado do futuro prédio para servir de depósito para a guarda de materiais já coletados. Próximo dali havia a “Lagoa Panela” que era visitada por aves aquáticas. E assim muitos exemplares que foram ali capturados compuseram as primeiras coleções. Como consequência, a casa ficou popularmente conhecida como “Casa dos Pássaros”.

Francisco Xavier Cardoso Caldeira, conhecido como Xavier dos Pássaros, foi o inspetor responsável pela Casa de História Natural. Interessado pesquisador e guardião do material, Xavier praticava e ministrava aulas de taxidermia, um específico processo de empalhamento de animais.

Infelizmente, o sucessor do Vice-Rei Luiz de Vasconcellos, Conde de Resende, não apoiou a “Casa de História Natural”, que acabou entrando em decadência. Em 1810, faleceu Xavier dos Pássaros, que foi substituído em suas funções de inspetor pelo Dr. Luiz Antonio da Costa Barradas - Doutor em Filosofia, Oficial do Real Corpo

de Engenheiros e Professor de Física da Academia Real Militar – que também não deu continuidade às atividades. Após 1811, as pesquisas e a formação do acervo das coleções zoológicas foram encerradas. De acordo com as pesquisas de Lopes (1997), o edifício da “Casa de História Natural” abrigou os encarregados dos serviços de lapidação de diamantes com suas famílias, e foi derrubado posteriormente, para se transformar em prédio do Erário Real, que depois abrigou o Tesouro Nacional. Todos os seus móveis e produtos, entre os quais havia mais de mil peles de pássaros, muitos insetos e alguns mamíferos, foram colocados em caixões e guardados em um grande cômodo, sob responsabilidade de Costa Barradas, e permaneceram neste espaço por cerca de um ano, quando foram recolhidos ao Arsenal de Guerra.

Mas por que será que o primeiro museu de história natural entra em declínio? Pode-se inferir que este fato tenha estreita relação com um importante componente histórico que é a chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Em sete de março de 1808 a Família Real e sua Corte desembarcavam no porto do Rio de Janeiro, marcando a transferência da sede da monarquia de Lisboa para o Rio de Janeiro, numa estratégia de fuga das invasões napoleônicas na Europa. Com isso, perdeu sentido a existência de um entreposto de produtos naturais no Rio de Janeiro, já que Portugal estava dominado e os produtos teriam que ser cedidos ao invasor. Assim, em 22 de junho de 1813, a decisão número 20 do Príncipe Regente mandou “extinguir o museu desta Corte”, acabando com os “empregos do museu”, em função da contenção de despesas que marcaram os primeiros anos da Corte no país. Seus produtos foram transferidos para a Academia Militar recém-criada.

Apesar disso, a vinda e a permanência do Rei de Portugal no Brasil geraram um significativo impacto no contexto político, sociocultural, econômico e científico da colônia. Até então, as instituições acadêmicas, culturais e científicas existentes no Rio de Janeiro tinham um caráter limitado: eram vinculadas à metrópole. A partir de 1808, o Rio de Janeiro tornou-se o centro das decisões políticas do reino português.

Ao deslocar o poder da metrópole para a colônia, era imprescindível dotá-la de padrões e valores europeus.

(...) afinal uma corte que se preze não pode viver sem os seus ícones de distinção, grandeza e civilidade. Era preciso dotar a cidade de símbolos que representassem a visão iluminista do governo, e a cidade do Rio de Janeiro deveria estar apta para cumprir o seu papel de sede da monarquia e cartão-postal do Império (SCHWARCZ, 2002, p. 256).

O ponto de partida para este reconhecimento era criar instituições com alto grau de importância e sustentação que pudessem integrar o projeto de modernização da nova sede do Império. Para tal foram criados o Banco do Brasil; a Imprensa Régia; o Horto Real (atual Jardim Botânico); a Real Biblioteca (atual Biblioteca Nacional); a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica; a Academia Militar Real; o Teatro Real São José e a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios – motivada pela vinda da Missão Artística Francesa - e mais tarde efetivada como Academia Imperial de Belas Artes.

Além da criação destas Instituições, a vinda da Corte Portuguesa para o Brasil suscitou uma valorização dos estudos de história natural e um movimento intenso de naturalistas vindos de todos os lugares. Neste ambiente, foi criado o Museu Real, posteriormente denominado Museu Imperial e, após, Museu Nacional.

Em 6 de junho de 1818, D. João VI assinou, no Rio de Janeiro, o decreto de criação do Museu Real³ com a missão de atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país, com redação do Ministro Thomaz Antônio de Vilanova Portugal.

Cria um Museu nesta Corte, e manda que ele seja estabelecido em um prédio do Campo de Santana que manda comprar e incorporar aos próprios da Coroa. Querendo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais do Reino do Brasil, que encerra em si milhares de objetos dignos de observação e exame, e que podem ser empregados em benefício do comércio, da indústria e das artes que muito desejo favorecer, como grandes mananciais de riqueza: Hei por bem que nesta Corte se estabeleça um Museu Real, para onde passe, quanto antes, os instrumentos, máquinas e gabinetes que já existem dispersos por outros lugares; ficando tudo a cargo das pessoas que Eu para o futuro nomear. E sendo-me presente que a morada de casas que no Campo de Santana ocupa o seu proprietário, João Rodrigues Pereira de Almeida, reúne as proporções e cômodos convenientes ao dito estabelecimento, e que o mencionado proprietário voluntariamente se presta a vendê-la pela quantia de 32 contos de réis, por me fazer serviço: sou servido aceitar a referida oferta, e enviada ao Conselho da Fazenda, e incorporar-se a mesma casa nos próprios da Coroa, se entregue pelo Real Erário com toda a brevidade ao sobredito João Rodrigues a mencionada importância de 32 contos de réis.

O decreto de criação do museu o descreve como uma instituição científica, nos moldes dos museus e gabinetes portugueses de história natural, constituídos de laboratórios, bibliotecas e arquivos especializados, que visavam incentivar a prosperidade do reino por meio do conhecimento e do aproveitamento dos recursos

³ Extraído da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional: BR. MN. DR. AO Pasta 1 Doc. 2

naturais do país. Este documento encontra-se, atualmente, sob a guarda Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional.

A organização de um museu tinha o objetivo de selecionar os dados da natureza, de modo a organizá-los e classificá-los para os pesquisadores. Esta visão é enfatizada por Lopes (1997) quando afirma que

Os museus foram espaços para a articulação do olhar dos naturalistas, transformando-se de gabinetes de curiosidade em instituições de produção e disseminação de conhecimentos, nos moldes que lhes exigiam as concepções científicas vigentes, alterando-se com elas em seus objetivos, programas de investigação, métodos de coleta, armazenamento e exposição de coleções (LOPES, 1997, p. 15).

Contudo, as coleções deste novo museu não se reduziram às “riquezas da terra”. Desde a sua criação, foram acrescentados objetos de valor histórico e artístico que ultrapassavam os limites espaços-temporais do país. D. João VI doou ao museu dois armários octaedros, contendo 80 modelos de oficinas das profissões mais comuns no fim do século XVIII; uma taça-cofre de prata dourada decorada por corais esculpidos que representam a Batalha de Constantino; um pé de mármore com alparcata grega; uma arma de fogo da Idade Média marchetada de marfim e uma coleção de quadros a óleo.

Segundo Lopes (1997), um dos motivos frequentemente apontados para a criação do Museu Real foi o interesse pelas Ciências Naturais da futura Imperatriz - Dona Leopoldina - apaixonada naturalista, grande estudiosa de geologia, que desembarcou no Rio de Janeiro em 5 de novembro de 1817, trazendo em sua comitiva a Missão Científica composta de vários artistas e naturalistas.

Coube a Frei José da Costa Azevedo (1818-1822), primeiro diretor do Museu a tarefa de organizar o acervo e transferir para a sede no Campo de Santana, atual Praça da República, os instrumentos, máquinas e gabinetes dispersos em outras instituições. Além disso, foram incorporadas ao Museu as coleções existentes na antiga Casa dos Pássaros; objetos de arte e da Antiguidade doados pela Família Real; peças etnográficas procedentes das províncias do Brasil e também a coleção mineralógica adquirida pela Coroa Portuguesa ainda no fim do século XVIII, conhecida como Coleção Werner – em homenagem a Abraham Gottlob Werner, considerado o pai da mineralogia, cujo catálogo manuscrito é hoje considerado a primeira obra rara adquirida pelo museu.

Um ano após a sua criação, já fazia parte da estrutura física do Museu Real, quatro grandes salas, que continham armários que guardavam o acervo de história natural, além de raridades, antiguidades e curiosidades. Nesta época eram cinco funcionários que coordenavam as atividades do Museu: o diretor, um porteiro, um ajudante das preparações zoológicas, um escriturário e um escrivão de receita e despesa.

Em 1823, D. Pedro I e Dona Leopoldina doaram ao acervo duas cabeças de chefes Maoris da Nova Zelândia, o manto Owheeen, oferecido pelo Rei Tamechameha II em 1824 e um colar de plumas doado pela Rainha Tamehamalu das Ilhas Sandwich, atual Havaí. No entanto, das doações realizadas pelo Imperador, as mais ricas, completas e ainda hoje as mais populares são as múmias, os sarcófagos e parte da coleção egípcia, arrematados em 1826, num leilão da Alfândega, por sugestão de José Bonifácio.

Durante o período em que o museu esteve sediado no Campo de Santana, o prédio sofreu inúmeras reformas. Por conta disso, apesar de ter sido criado em 1818, suas exposições públicas zoológicas e mineralógicas só foram abertas a partir de 1821.

Neste mesmo ano, D. João VI retornou a Portugal, deixando no Brasil seu filho D. Pedro I como Príncipe Regente. Em 1822, com a declaração da independência do Brasil, D. Pedro I assumiu o título de Imperador do Brasil e o Museu Real passou a se chamar Museu Imperial, nome que permaneceu até 1830, quando a instituição passa a ser denominada Museu Nacional.

Atualmente, o Museu Nacional/UFRJ é considerado mundialmente um importante Museu de história natural e de antropologia.

2.2 - A consolidação do Museu Nacional

Com a declaração de independência, o país deveria ser reconhecido como uma nação e, portanto, era necessário fortalecer e valorizar suas instituições de cultura e ciência.

Com a ida de D. Pedro I para Portugal, em 1831, o Museu Nacional já era um dos mais promissores e relevantes Museus de história natural do mundo, com uma considerável coleção.

O período das Regências correspondeu ao período de consolidação do Museu. Nesta época, a instituição era dirigida pelo Frei Custódio Alves Serrão (1828-1847),

mineralogista fundador da biblioteca do Museu, que atualmente é considerada uma das mais completas na área de ciências naturais e antropológicas no Brasil.

De acordo com Lopes,

o Museu Nacional se constituiria como um Museu Metropolitano, um centro receptor dos produtos das províncias brasileiras e possessões do “ultramar” e manteria intercâmbios com outras nações para dispor de coleções de caráter universal. Esse ideal de funcionamento e organização do Museu Metropolitano, agora no Rio de Janeiro, será sucessivas vezes retomado ao longo do século XIX, mediante iniciativas de diferentes diretores, para incrementar o intercâmbio com as províncias, quer pela remessa de duplicatas do Museu Nacional para incentivar a criação de Museus locais, quer pelos pedidos de envio de coleções das províncias encaminhados aos seus presidentes (LOPES, 1997, p.47).

Pode-se identificar que, na formação e na diversificação das coleções do Museu Nacional, há um perfil de Museu Universal, de caráter metropolitano, conforme mencionado, e que ambicionava ser completo, com coleções que representassem o mundo todo, tais quais os Museus europeus.

Afirmar que o Museu Nacional do Rio de Janeiro é inquestionavelmente um dos *loci* privilegiados para o entendimento do que foi o processo de institucionalização das ciências naturais no Brasil, no século XIX, significa reconhecer, além das atividades específicas mais evidentes da produção científica, que suas coleções catalisavam o próprio papel proeminente e aglutinador que o museu exerceu na primeira metade do século passado (LOPES, 1997, p. 71).

Em 1827, com o crescente interesse pelo Museu, o diretor João da Silveira Caldeira ampliou os dias de visita pública, abrindo as exposições nas quartas e sextas-feiras. No período do diretor anterior as exposições já haviam sido abertas a *“todas as pessoas, estrangeiras ou nacionais, que se fizerem dignas disso pelos seus conhecimentos e qualidades, todas as quintas-feiras, não sendo dia santo, das 10 às 13 horas”*.

Se o período de D. João VI pode ser relacionado a um projeto civilizatório e o período de D. Pedro I, ao estabelecimento do Brasil como nação, podemos atribuir a D. Pedro II o processo de modernização das ciências e da cultura no país. (AZEVEDO, 2007, p.16)

D. Pedro II nasceu no Paço de São Cristóvão e, aos cinco anos, foi aclamado Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, tendo sido decretada a sua maioria aos 14 anos de idade, em 1840. Por 49 anos governou o Brasil, até a proclamação da República e seu banimento e exílio na Europa, em 1889.

Foi ele quem criou o Colégio Pedro II e incentivou o estabelecimento de inúmeras instituições de pesquisa e ensino no Brasil. Investiu também vários esforços para a propaganda do Brasil e de suas instituições, construindo a imagem de um país respeitável e atraente. O Museu Nacional, neste contexto, teve em D. Pedro II um grande incentivador de suas atividades.

Além disso, ele estimulou a participação do museu nas chamadas “Exposições Universais”, evento de divulgação da ciência e do progresso tecnológico mundial. Como preparação para a exposição de Londres, realizada em 1862, foi organizada, no Rio de Janeiro, a Exposição Nacional, em 1861, que demonstraria ao mundo ocidental o progresso e o conhecimento das riquezas naturais e das indústrias nacionais.

Neste cenário, destacou-se Francisco Freire Allemão de Cysneiros, diretor do museu no período de 1866 a 1870, que foi presidente e chefe da seção botânica científica de exploração denominada *Comissão das Borboletas* (1859-1861). Tal comissão deixou o Rio de Janeiro em 26 de janeiro de 1859 e percorreu os estados do Ceará, Piauí, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. No Ceará foram colhidas vinte mil amostras de plantas, e muitas destas, assim como instrumentos e outros materiais, foram incorporadas ao acervo do então Museu Imperial e Nacional.

Com este ambiente propício, Ladislau de Souza Mello e Netto (1874 - 1893) assumiu a direção do Museu Nacional e encontrou condições favoráveis para trabalhar e produzir aquele que ficou conhecido, nas palavras de João Baptista de Lacerda (Diretor do Museu de 1895-1915), como “o período mais fecundo, de maior atividade e de mais intenso brilho na história do Museu Nacional”, uma verdadeira época de ouro para a instituição. Durante sua gestão ocorreu a Proclamação da República (15 de novembro de 1889), a transferência do Museu Nacional - do Campo de Santana para a Quinta da Boa Vista, em São Cristóvão – fato oficializado em 25 de julho de 1892 – e a migração de pasta ministerial: em 1890 passou do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas para o da Instrução Pública, Correios e Telégrafos e, em 1892, deste para o da Justiça e Negócios Interiores. Com o apoio do Imperador, Ladislau de Souza Mello e Netto conseguiu implementar o Decreto nº 6.116⁴, de 09 de fevereiro de 1876, que reformulou o museu em seções, divididas por áreas científicas.

⁴ Extraído da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional: Museu Nacional / Legislação 1818-1889.

Este novo ideal de funcionamento do museu objetivava acomodar e conservar da melhor forma as coleções. Esta mudança demandava a formação de equipes especializadas para coletar, classificar e reclassificar, de acordo com as mudanças conceituais porque vinham passando as ciências naturais.

Foi ele que criou, em 22 de fevereiro de 1876, o conselho diretor do museu, atual Congregação, órgão deliberativo máximo, responsável por definir as diretrizes acadêmicas, científicas, técnicas e administrativas da instituição. No organograma atual, a Congregação – presidida pelo diretor do Museu, é formada por representantes das categorias de docentes, por representantes dos departamentos dos cursos de pós-graduação, do corpo docente e dos técnicos administrativos.

Conforme Lopes (1997), Ladislau de Souza Mello e Netto foi o grande organizador do Museu Nacional segundo os padrões científicos vigentes nas décadas de sessenta e setenta do século XIX.

Além disso, durante a sua gestão, o museu passou por grandes obras de infraestrutura, melhorando as acomodações para o acervo e tornando-o mais adequado para a concepção científica de museu da época.

Neste período, as exposições, a educação, o ensino e as publicações científicas eram considerados fatores fundamentais para a disseminação do conhecimento. Corroborando com esta afirmativa, Cazelli e Vergara sustentam que

Sobretudo com a geração de 1870, o apelo à educação com ênfase nas disciplinas científicas foi vista como crucial para resolver os problemas que impediam o Brasil de estar “ao nível do século”. Deste modo, identificamos vários esforços de nossa elite letrada em promover, notadamente na cidade do Rio de Janeiro, ações de modernização, como por exemplo, exposições, conferências públicas, revistas e jornais dedicados à atualização do público com as mais recentes novidades do mundo das ciências (CAZELLI e VERGARA, 2007, p. 9).

Em sua gestão, Ladislau de Souza Mello e Netto buscou potencializar essas ações, implementando cursos públicos e criando a primeira publicação científica específica sobre ciências naturais.

Em 1876, tomando como exemplo outras Instituições européias, o Museu Nacional publicou o primeiro número do periódico “Arquivos do Museu Nacional” (então grafado *Archivos do Museu Nacional*). Com periodicidade trimestral, a obra tinha o objetivo de propagar os trabalhos científicos e incentivar a permuta de publicações com outras instituições afins. Em seu primeiro número contou com a participação de importantes correspondentes como Charles Darwin, Quatrefages,

Gorceix e outros cientistas de renome internacional. Publicados até os dias de hoje, os Arquivos continuam a ter pleno reconhecimento da comunidade científica nacional e internacional.

A partir de 1886, as coleções do museu tiveram enorme impulso com a aquisição do esqueleto fóssil de *Scelidotherium* – preguiça-gigante, animal herbívoro extinto, com cerca de 15 mil anos de idade, encontrado na Argentina –, cedido pelo Museu de História Natural de Buenos Aires em troca de couros de mamíferos, de pássaros, borboletas e insetos brasileiros; do esqueleto completo de uma baleia-jubarte (*Megaptera novaeangliae*) de 18 metros arpoada em Parati e que só seria montada três anos mais tarde; e do meteorito Bendegó, maior fragmento de meteoróide já encontrado no Brasil e naquela data o maior objeto celeste exposto em um Museu no mundo. Por viabilizar tais aquisições, Ladislau de Souza Mello e Netto foi agraciado pelo Imperador D. Pedro II com as insígnias da Ordem da Rosa.

Ao lado das exposições, destacam-se também, como agentes de difusão e popularização da ciência, os cursos públicos que tiveram início em 1875. Embora os cursos já estivessem estabelecidos desde o primeiro regulamento do Museu, datado de 1842, e tenham começado a ser oferecidos, esporadicamente, durante a direção de Ladislau de Souza Mello e Netto, somente em 1931, passaram a ser regulares. Isto ocorreu a partir da criação da Seção de Assistência ao Ensino de História Natural pelo diretor Edgard Roquette Pinto (1926-1935).

A partir de 1918, durante a direção do Dr. Bruno Álvares da Silva Lobo (1915-1923), o museu passou a confeccionar e distribuir os *Mapas Murais de História Natural* para várias instituições de ensino, favorecendo uma aproximação dinâmica e eficiente entre os resultados das pesquisas científicas e a educação básica no país.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, o Museu Nacional consolidou-se como instituição de pesquisa e ensino, formando parcerias com o governo e a sociedade. Recebeu visitas de pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que muito colaboraram para o crescimento de seu acervo.

O Museu Nacional, ao longo de sua trajetória, contou com visitantes ilustres, como por exemplo, o físico alemão Albert Einstein, que, em sua visita, em 1925, foi recebido pelo diretor Arthur Neiva (1923- 1926) que lhe apresentou o meteorito Bendegó, objeto que ele estava particularmente interessado. Para registrar sua visita, Einstein plantou, nessa ocasião, uma muda de pau-brasil no Jardim das Princesas. Três anos mais tarde, o museu recebeu outro visitante importante: Santos-Dumont.

Ele testou no Jardim das Princesas mais um de seus inventos, um modelo de autopropulsão, com o qual tentou se erguer do solo.

Neste contexto, a instituição havia se transformado em um fértil e considerado centro de ciência e cultura e seus diretores e pesquisadores gozavam de importante poder político. Na década de 1930, por exemplo, o Brasil participou de uma série de transformações, entre as quais a luta pelo direito ao voto feminino, liderada por Bertha Lutz, naturalista e pesquisadora do Museu Nacional. Além disso, como demonstra Valente

Nos anos 30, o museu foi palco de discussões profundas no âmbito de suas atividades não só para atender aos novos pressupostos no domínio da pesquisa científica, como no alargamento do campo da divulgação, do conhecimento produzido no museu das mais diferentes formas. (VALENTE, 1995, p. 83)

Em 16 de janeiro de 1946, pelo Decreto-lei nº 8.689⁵, o museu foi incorporado – na condição de Instituição Nacional – à Universidade do Brasil, então subordinada ao Ministério da Educação e Cultura.

A partir da década de 1960, com as mudanças ocorridas no panorama político brasileiro – em especial a transferência da capital do país do Rio de Janeiro para Brasília – comprometeram as esferas culturais, científicas e econômicas da nação.

O Museu Nacional foi diretamente atingido pelas transformações pelas quais passou o país, que exigiram a reestruturação de suas atividades de pesquisa e ensino. A nova política de incentivo à ciência e à tecnologia propiciou a descentralização e a especialização das atividades científicas, reduzindo o papel central secularmente desempenhado pelo Museu no panorama das ciências no Brasil. (AZEVEDO, 2007, p.32)

As mudanças políticas abrangeram também a própria universidade, cuja reforma ampliou e diversificou os cursos de graduação e pós-graduação, abrindo novos centros de pesquisa. A partir de 1965, a Universidade do Brasil passou a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estando subordinada ao Ministério da Educação, já desvinculado do Ministério da Cultura.

Mesmo com todo o processo de descentralização das pesquisas, o Museu Nacional continuou a ser um dos mais tradicionais centros de referência e excelência

⁵ Documento extraído da Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional – Museu Nacional / Legislação 1930- 1957.

acadêmica e científica do país, impulsionando a criação de algumas das mais importantes instituições científicas nacionais – como o Serviço Geológico do Brasil, o Museu Paraense Emílio Goeldi, o Museu Paulista, a Sociedade Brasileira de Zoologia, o Museu de Biologia Mello Leitão e a Fundação para a Conservação da Natureza. Além disso, estimulou o desenvolvimento de vários pesquisadores e técnicos de destaque na conjuntura acadêmica e científica.

2.2.1 - O Museu Nacional no Paço de São Cristóvão

No século XVIII, o atual bairro de São Cristóvão era parte integrante das terras pertencentes aos padres da Companhia de Jesus. Com a expulsão dos jesuítas do Brasil, em 1759, todas as terras da Companhia foram confiscadas e leiloadas para diversos arrematantes, dentre os quais o comerciante Elias Antônio Lopes, que comprou a área, que mais tarde viria a ser a Quinta da Boa Vista, e lá construiu sua casa.

Em 1808, com a chegada da Família Real ao Rio de Janeiro, Elias ofereceu-a ao Príncipe Regente D. João, que a aceitou e o condecorou com a Comenda da Ordem de Cristo, além de nomeá-lo Oficial e Moço Fidalgo da Casa Real, e agraciá-lo com uma soma em dinheiro.

Após o falecimento de Dona Maria I, em 1816, D. João VI mudou-se definitivamente do Paço da Cidade, na atual Praça Quinze, para o Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista. Para que o imóvel tivesse a grandiosidade de um palácio residencial, foram feitas várias obras de adaptação.

Com a expulsão da Família Imperial do Brasil, em 1889, o Palácio de São Cristóvão foi palco da plenária da primeira Assembléia Constituinte da República – responsável pela elaboração da Constituição de 1891 e pela indicação dos primeiros presidente e vice-presidente do Brasil.

Em 25 de julho de 1892, três anos após a Proclamação da República, o Museu Nacional foi transferido para o Paço de São Cristóvão, efetivando assim os anseios e apelos de seus últimos diretores. Os amplos espaços do palácio possibilitavam a organização das coleções e, além disso, propiciavam os estudos de botânica e zoologia, por estar localizado no parque da Quinta da Boa Vista, vasto local de natureza exuberante e diversificada, diferentemente da antiga sede no Campo de Santana.

A transferência do museu para o Paço de São Cristóvão significou a união de valiosos bens e de importantes referências da história do Brasil. O palácio residencial dos monarcas, também sede da primeira

Constituinte da República, além de representar um dos mais significativos monumentos arquitetônicos do século XIX no país, passaria a sediar a mais importante instituição científica nacional da época, abrigando a partir de então, em um mesmo espaço, a história política, a história das artes e a história das ciências no Brasil (AZEVEDO, 2007, p.21).

Para a acomodação do Museu Nacional no Palácio foram necessárias muitas intervenções, mas, apesar de todas as obras realizadas e de muitas outras que se sucederam no século XX, o Paço de São Cristóvão ainda preserva elementos artísticos e características arquitetônicas remanescentes do período imperial de D. Pedro II, identificáveis nos jardins, nas fachadas e nas salas históricas.

Devido à transferência do acervo e das contínuas obras, o museu somente reabriu para o público, em sua nova sede, em 25 de maio de 1900, com a presença do Presidente da República, Campos Sales. Entretanto, somente em 1914, as exposições foram remodeladas.

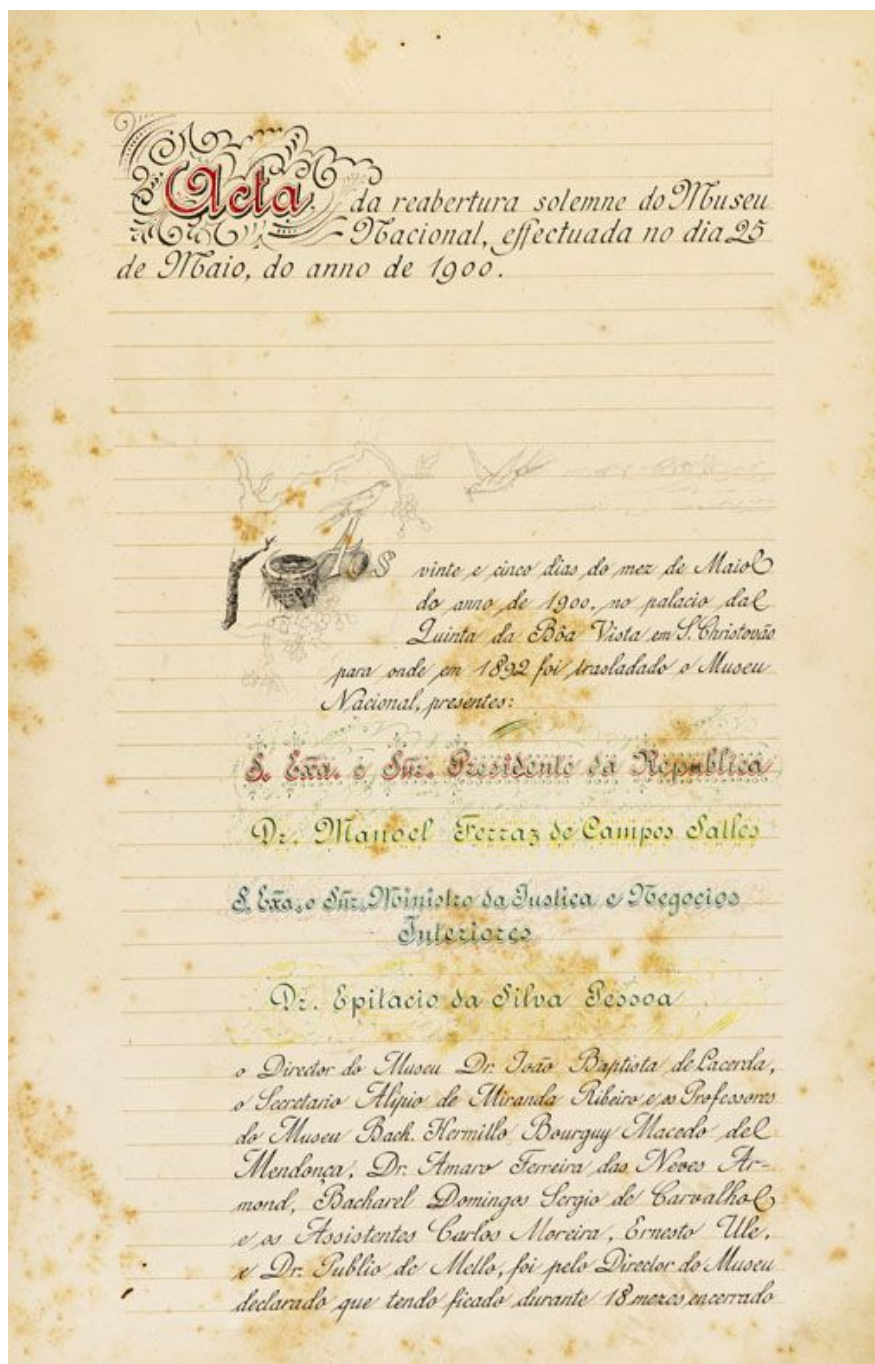


Imagem 1: Ata de reabertura do Museu Nacional ao público

A reforma urbanística do Rio de Janeiro promovida pelo prefeito Pereira Passos no início do século XX chegou à Quinta da Boa Vista em 1910, contemplando também o Museu Nacional, que recebeu verbas para adequar o antigo palácio às necessidades de um instituto de pesquisas.

Em 1938, o Paço de São Cristóvão fez parte do primeiro grupo de monumentos tombados, pelo Serviço de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (atual

IPHAN) ressaltando seu valor no contexto dos bens que representam a identidade nacional a ser preservada.

Em outubro de 1941, realizaram-se obras, que somente foram concluídas em 1950, visando à recuperação e a abertura das salas, com base nas novas teorias da museologia, que pressupunham uma linguagem mais acessível e uma exposição por área temática, com um foco mais didático.

A partir de 1956, o diretor José Cândido de Mello Carvalho (1955-1961) deu continuidade à reformulação das exposições e, em virtude do aumento das coleções, em 1957, foi construído o prédio anexo Alípio Miranda Ribeiro, destinado às oficinas, ao laboratório de taxidermia e a parte dos setores de Ictiologia e Herpetologia.

A partir da década de 1960, ocorreram mudanças no panorama político, econômico, cultural e científico do país e, neste contexto, o Museu Nacional deixa de exercer seu papel central na esfera das ciências no Brasil. Em decorrência disto, sucedeu um período de falta de manutenção e preservação do prédio histórico.

Na década de 1980, durante a gestão de Leda Dau (1986-1990), com o contínuo crescimento das coleções e a conseqüente falta de espaço para armazená-las e aliado a um precário estado de conservação do prédio do Paço de São Cristóvão, foi criado o Projeto Museu Nacional – Recuperação e Revitalização do Prédio e seu Acervo – que obteve verbas para a recuperação das Salas Históricas, que estavam fechadas há 16 anos.

Apesar dos esforços das direções que se seguiram, ao longo da década de 1980 e princípio da década de 1990, o Museu enfrentou sérias dificuldades financeiras, que comprometeram a conservação das exposições e também o prédio do Paço, cuja manutenção sempre foi muito dispendiosa.

A partir da gestão da professora Janira Martins Costa (1994-1998), foi criado o Projeto Memória, que teve como objetivo levantar e organizar a história do Paço, do museu, das coleções científicas e do acervo histórico-artístico. Em 1995, após amplas negociações, foi inaugurado o novo prédio do Departamento de Vertebrados no Horto Botânico. Também naquele ano, o acervo do extinto Museu da Fauna foi incorporado ao Museu Nacional.

Entre os anos de 1998 e 2002, na direção do professor Luiz Fernando Dias Duarte, as exposições temporárias e permanentes tiveram destaque com a inauguração da exposição “*O Brasil no tempo dos dinossauros*”, que registrou recorde de público e da exposição temporária “*Xingu*”, como parte das comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil. Ainda em sua gestão, foram recuperadas seis salas,

entre as quais a Sala do Auditório, a Sala Rondon e a Sala Petrobras – onde teve lugar a exposição temporária *Paleopatologia*, em parceria com a Fiocruz – e reinauguraram-se as exposições permanentes de arqueologia: *Egito Antigo*, *Culturas Mediterrâneas* e *Arqueologia Brasileira*.

A partir de 2002, assume o diretor Sergio Alex Kugland de Azevedo (2002-2010), e é dada continuidade às obras de recuperação do palácio e ampliação do Museu, que tiveram grande impulso nesta gestão. Com o *Projeto de Conservação e Restauração do Paço de São Cristóvão*, que teve o apoio da Petrobras, foram realizadas intervenções para desacelerar o processo de deterioração do palácio. Entre as diversas obras realizadas destaca-se a restauração do pátio interno e da fachada frontal que resgatou a cor amarela original do período palaciano. Foram ainda recuperadas as salas que se encontravam interditadas por causa da avançada deterioração de seus pisos e tetos. Além disso, foram realizadas várias obras para a modernização dos equipamentos e instalações do Museu. Em sua gestão, foi inaugurado o novo prédio do Departamento de Botânica e reformuladas as salas de etnologia indígena e paleontologia. Com o patrocínio do Banco Safra, foi produzido o livro “Museu Nacional”, que é uma importante fonte de referência sobre a história do Museu e das suas coleções. Ele também incentivou a realização de eventos periódicos e sistemáticos, tais como “Ciência, História e Cultura na Quinta da Boa Vista”, realizado em uma grande tenda no Parque da Quinta da Boa Vista e que marca as comemorações pelo aniversário do Museu, com atividades gratuitas, tais como oficinas, mostras e visitas guiadas em que fica evidente o papel do museu como produtor e difusor de ciência, tecnologia, história e cultura.

Desde a incorporação do Museu à Universidade até os dias atuais, intensificaram-se as pesquisas e as atividades acadêmicas, resultando em um grande incremento do acervo da instituição, que hoje conta com mais de 15 milhões de peças em suas coleções científicas e constitui-se em um dos maiores museus de história natural e antropológica da América Latina.

2.2.2 - O Museu Nacional hoje

Atualmente, o Museu Nacional é uma instituição autônoma, ligada ao Fórum de Ciência e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e está vinculado ao Ministério da Educação. Como Museu Universitário, tem perfil acadêmico e científico, contando com aproximadamente 210 técnico-administrativos; 98 docentes e cerca de 200 alunos de pós-graduação.

Sua estrutura organizacional se divide em duas áreas que atuam em conjunto: acadêmico-científica e técnico-administrativa. Conforme mencionado anteriormente, ainda prevalece a existência da Congregação, órgão máximo deliberativo, responsável por determinar as diretrizes acadêmicas, científicas, técnicas e administrativas da instituição, presidida pelo diretor do Museu e formada por representantes das categorias de docentes, dos departamentos dos cursos de pós-graduação, do corpo discente e dos técnicos administrativos.

A área acadêmico-científica é formada por seis departamentos: geologia/paleontologia; entomologia, botânica, antropologia, vertebrados e invertebrados. Todos estes departamentos são compostos de vários setores de pesquisa, cada qual representando um campo de conhecimento. O Museu Nacional oferece, ainda, cursos de pós-graduação *stricto* e *lato sensu* nas áreas de Antropologia Social, Botânica, Geologia, Zoologia e Arqueologia.

A área técnico-administrativa está subordinada ao Diretor Adjunto de Administração e seus diversos setores desenvolvem um importante papel na estrutura do Museu Nacional. São eles: Biblioteca, Comissão de Publicação, Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), Seção de Assistência ao Ensino (SAE), Seção de Museologia (SEMU), Núcleo de Comunicação e Eventos, Núcleo de Preservação Ambiental, Seção de Planejamento, Arquitetura e Restauração (SEPAR), Seção de Audiovisual, Seção Financeira, Seção de Pessoal, Seção de Informática e Seção de Serviços Gerais.

2.2.3 - Seu acervo, sua exposição

O Museu Nacional possui um acervo com cerca de 15 milhões de itens que abrange as áreas de Zoologia, Arqueologia, Etnologia, Geologia, Paleontologia e Antropologia Biológica. Possui significativas coleções científicas nacionais e internacionais no campo das ciências naturais e humanas, que servem de fonte para diversas linhas de pesquisa, constituindo preciosa referência para trabalhos no campo da bio e sócio-diversidade.

A SEMU é responsável pela organização, conservação e manutenção das exposições e mostras do Museu sejam elas temporárias, de longa duração ou itinerantes. Atualmente, o Museu Nacional oferece cerca de 3.000 itens expostos. Para o ano de 2012, serão reabertas as exposições de “Vertebrados”, “Invertebrados” e “África”, que se encontram, no momento, em obras para revitalização.

Em relação ao circuito de visitação ao Museu, não   oferecido pela SEMU um caminho pré-determinado e o visitante pode optar, de livre escolha e, de acordo com seus interesses, quais exposi es visitar e a ordem a ser seguida. As exposi es estão relacionadas abaixo⁶:

Meteoritos

Vários painéis elucidativos podem ser vistos nessa exposi o, não apenas sobre os meteoritos em si e sobre como reconhecê-los, mas também a respeito da origem da vida e do Universo, da forma o do sistema solar, das crateras de impacto e das extin es em massa. Os meteoritos expostos são o Pará, descoberto em 1934 em Minas, com 112 quilos; o Santa Luzia, achado em Goiás em 1927, com 1,98 toneladas; e o meteorito “Bendegó”, com 5,36 toneladas, o maior já encontrado em terras brasileiras, descoberto em 1784, próximo   cidade de Monte Santo, no sertão da Bahia.



Imagem 2: Bendegó

Paleontologia – A descoberta de um gigante

⁶ Extraído de AZEVEDO, Sergio Alex Kugland (Coord.). O Museu Nacional. São Paulo: Banco Safra, 2007.

Nesta sala está a réplica do esqueleto do dinossauro *Maxakalisaurus topai*, um herbívoro de nove toneladas e 13 metros de comprimento, que viveu há cerca de 80 milhões de anos na região do Triângulo Mineiro. É o primeiro dinossauro brasileiro de grande porte montado no país.

Esta sala foi inaugurada em agosto de 2006 e atrai inúmeros visitantes.



Imagem 3: Exposição - A Descoberta de um Gigante

Dinossauros do Sertão

Esta mostra, inaugurada em maio de 2009, retrata a Chapada do Araripe, que fica na divisa do estado do Ceará com Piauí e Pernambuco, famosa por ser um dos maiores sítios fossilíferos do país. Nela estão descritas a evolução e a diversidade de espécies encontradas na região há mais de 110 milhões de anos, durante o chamado período Cretáceo e a reconstrução do esqueleto de um dinossauro carnívoro brasileiro, o *Angaturama limai*, com quase seis metros de comprimento.



Imagem 4: Exposição - Dinossauros do Sertão

Nova Sala de Paleontologia

Situada no segundo andar de exposições do Museu, esta sala, reinaugurada em junho de 2007, apresenta um grande painel sobre a origem da vida, os esqueletos das preguiças-gigantes (*Eremotherium laurillardii*) e do tigre-dentes-de-sabre (*Smilodon populator*). Destacam-se também a reconstrução das feições em vida do dinossauro brasileiro *Unayssauros tolentinoi*, a reprodução de organismos do mar do Devoniano (afloramentos fósseis e seres vivos) e o esqueleto original de um dicinodonte.



Imagem 5: Preguiça Gigante

Antropologia biológica – Nos passos da humanidade

Inaugurada em 2002, esta sala apresenta a história do processo evolutivo humano, que se inicia há 4,6 milhões de anos com o *Australopithecus afarensis* e o *Homo habilis*. Também é mostrado o *Homo sapiens arcaicos*, os Neandertais (1 milhão a 30 mil anos) e um mapa esquemático apresentando a expansão recente do homem moderno, *Homo sapiens sapiens* (160 mil anos até o presente) pelo mundo.



Imagem 6: Exposição Nos Passos da Humanidade

Arqueologia – Culturas mediterrâneas

O acervo de Antiguidade clássica está reunido na Coleção da Imperatriz Teresa Cristina e ocupa três galerias. Essa coleção, formada ainda no século XIX, tem origem em duas fontes distintas: a primeira é a doação de peças do Real Museu Bourbonico (hoje Museo Nazionali di Napoli) pelo irmão da Imperatriz, Fernando II, Rei das Duas Sicílias; a segunda são as peças encontradas nas escavações arqueológicas promovidas pela própria Teresa Cristina em sua propriedade em Veio, região da Etrúria. Entre as mais de 700 peças da coleção, destacam-se a estatueta *kóre*, estatuetas de terracota, enócoas (jarros gregos), jarros e cálices etruscos de *bucchero*. Há também frascos de vidro, lamparinas, objetos de bronze, ânforas para vinho, azeite e salmoura, além de amuletos fálicos. Esta sala foi reinaugurada em 2001 e, mais adiante, em 2006, foram incluídos quatro afrescos (painéis de pintura mural) provenientes do templo de Ísis, em Pompéia, que haviam sido restaurados neste mesmo ano, com o apoio da União Latina.



Imagem 7: Exposição Culturas Mediterrâneas

Egito antigo

Esta exposição é uma referência para os visitantes do Museu Nacional. A Coleção Egípcia, reconhecida por seu valor arqueológico, histórico, científico e artístico, é uma das mais antigas e importantes do gênero na América do Sul. A maioria de seu acervo foi arrematada por D. Pedro I em 1826, em leilão realizado na antiga Praça XV, quando da passagem do mercador italiano Nicolau Fiengo pelo Rio de Janeiro. Posteriormente, D. Pedro II acrescentou novos itens ao acervo. A exposição atual foi projetada, inaugurada em 2001, e passou a ser referência para as exposições posteriores. Destacam-se nessa coleção as múmias do sacerdote Hori (século XI a.C.) e de Harsiese (séc. VII a.C.), a estatueta da dama Takushit, uma múmia do século I (já, portanto, no período de domínio romano), bem como outras de animais e de crianças, além da múmia da dama Sha-Amun-Em-Su (século VIII a.C.), que foi um presente oferecido pelo Quediva do Egito, Ismail, ao Imperador D. Pedro II, quando de sua viagem ao Egito em 1872. Podem ser também apreciados os *shabits* (estatuetas funerárias mumiformes), máscaras, colares, esquifes, estelas (lápides funerárias com representações do morto e seu nome escrito) e vasos canopos (que guardavam as principais vísceras do morto).



Imagem 8: Exposição Egito Antigo

Arqueologia pré-colombiana

Inaugurada em 2007, reúne um acervo precioso e representativo da produção têxtil, metalúrgica e ceramista das civilizações ameríndias, antes e depois do contato com as civilizações européias. Destacam-se o manto Chancay (de 3 metros de comprimento) e o módulo sobre mumificações da América do Sul – composto pelas múmias de uma mulher e duas crianças indígenas brasileiras, originárias de Minas Gerais; pela múmia Aymara, do Titicaca; por um menino andino mumificado; pela cabeça reduzida Jívaro; e pela múmia atacamenha de Chiu-Chiu, no Peru. Há também representações de animais, instrumentos musicais, adornos e peças ritualísticas e de metalurgia.



Imagem 9: Exposição Arqueologia Pré-Colombiana

Arqueologia brasileira

Essa mostra, reinaugurada em 2007, abrange tanto um vasto período de tempo quanto um imenso espaço territorial e apresenta muitos registros das culturas humanas que habitaram o território brasileiro. A primeira sala do circuito é representativa do Brasil pré-histórico, apresentando artefatos de pedra e de ossos, pontas de projéteis utilizadas na caça, além de lascas e artefatos para raspar, gravar, talhar e furar. Um destaque importante é a reconstituição da provável face de Luzia – o fóssil humano mais antigo das Américas, proveniente da região de Lagoa Santa, em Minas Gerais –, assim como a réplica de seu crânio original. A segunda sala exibe artefatos dos antigos habitantes da costa, os sambaqueiros. Sambaquis são morros e morrotes artificiais construídos com conchas, ossos de peixes, aves, mamíferos e répteis, onde também se encontram esqueletos humanos com elaborados acompanhamentos funerários, restos de fogueiras, evidências de habitações, corantes e artefatos para pescar, caçar e preparar alimentos. Por toda a costa brasileira, e também na Amazônia, foram encontrados sambaquis de diferentes tamanhos. As datações indicam que os sambaquis começaram a ser construídos há mais de sete mil anos e foram abandonados mil anos antes da chegada dos europeus ao Brasil. Os maiores estão em Santa Catarina e chegam a ultrapassar 30 metros de altura. Nessa mostra destacam-se os artefatos líticos, esculturas de pedra – zoólitos, objetos em forma de peixes e aves – e uma rara

escultura antropomorfa de pedra. A terceira e última sala deste circuito é representativa da grande diversidade da arqueologia brasileira, com artefatos produzidos por grupos Tupi-guarani e das culturas amazônicas Marajoara, Miracanguera, Maracá e Santarém – urnas funerárias, chocalhos, pratos, tigelas, tangas rituais, vasos, ídolos, muiraquitãs etc.



Imagem 10: Exposição Arqueologia Brasileira

Etnologia – Culturas do Pacífico

Esta sala, reformulada em 2007, apresenta uma das primeiras coleções de acervo estrangeiro do Museu, onde se destacam dois raríssimos casacos esquimós das Ilhas Aleutas (um feito de intestino de foca e outro de pele e de plumas), machados de pedra com cabos entalhados em madeira provenientes das Ilhas Cook (Hervey, Polinésia) e o manto e o colar real Owhyeen, confeccionados com plumas, presenteados pelo Rei Tamehameha II e pela Rainha Tamehamalu, das Ilhas Sandwich (hoje, Havaí), ao Imperador D. Pedro I, em 1824.



Imagem 11: Exposição Culturas do Pacífico

Etnologia indígena brasileira

As peças, em sua maioria, são originárias do séc. XX e revelam como vivem, atualmente, os descendentes dos primeiros habitantes de nosso país. O material exposto é bastante variado, composto por armas, objetos de cerâmica, cestarias e instrumentos musicais, vindos de diversas etnias. Fazem parte da exposição, inaugurada em 2008, cerâmicas da Comissão Rondon e instrumentos musicais, Nambiquara e Pareci, recolhidos por Roquette Pinto, cujas sonoridades inspiraram as partituras de Villa Lobos.



Imagem 12: Exposição Etnologia indígena brasileira

Salas Históricas

No segundo andar do prédio localizam-se as chamadas salas históricas, conhecidas como Sala do Trono e Sala dos Embaixadores. Estes espaços normalmente são destinados às exposições temporárias do Museu e preservam pinturas ilusionistas datadas entre 1856 e 1860, de autoria do arquiteto, pintor e cenógrafo Mario Bragaldi. Abaixo, a descrição de cada uma:

Sala do Trono

No teto desta sala está a pintura que representa a Assembléia de Deuses do Olimpo, presidida por Júpiter. Ao redor, os brasões da Casa de Bragança de Portugal e do Brasil, intercalados de emblemas com a inicial PII, representando D. Pedro II. Nos quatro cantos da sala, as pinturas de quatro figuras femininas representam as virtudes cardiais: Fortaleza, Prudência, Justiça e Temperança.



Imagem 14: Sala Histórica - Sala do Trono

Salas dos Embaixadores

Na Sala dos Embaixadores, estão representados nas pinturas os quatro continentes conhecidos no século XIX – Ásia, África, Europa e América – com figuras de crianças e espécies da flora e fauna típicas de cada continente. Ao redor da sala, relevos trazem frutos regionais brasileiros, as iniciais das províncias do Império e as iniciais “PT”, simbolizando os Imperadores Pedro II e Teresa Cristina.



Imagem 15: Sala Histórica – Sala dos Embaixadores

Além disso, o Museu Nacional possui, atualmente, salas com exposições temporárias que são:

Entre Dois Mundos: franceses de Paratitou e Tupinambá de Rouen

Esta exposição localiza-se em uma das salas históricas do Museu Nacional (Sala dos Embaixadores). O acervo reflete os primeiros contatos do “homem branco” com os nativos no início do século XVI. Nela é apresentada uma cota de malha metálica trazida por navios piratas para a costa fluminense, uma relíquia, que norteou as pesquisas sobre o elo entre a França e o Rio de Janeiro dos Tupinambás. A mostra reúne, também, uma urna cerâmica com cerca de um metro de diâmetro, utilizada para rituais fúnebres. Além disso, há cerâmicas indígenas que revelam as influências dos europeus ao cotidiano das tribos, com a adoção de alças e gargalos nos vasos, imitando as ânforas do velho continente.



Imagem 13: Exposição Entre Dois Mundos: franceses de Paratitou e Tupinambá de Rouen

Fósseis do Continente Gelado, o Museu Nacional na Antártica

“Fósseis do Continente Gelado – O Museu Nacional na Antártica” revela o passado de uma região ainda pouco explorada. A exposição traz os resultados da primeira expedição realizada por pesquisadores do museu na Antártica, em 2006 e 2007, quando foram coletadas mais de duas toneladas de material para estudo. Entre os achados, vértebras e nadadeiras de um réptil marinho de 80 milhões de anos, que estão expostos junto com sua réplica inédita em tamanho real.



Imagem 16: Exposição Fósseis do Continente Gelado, o Museu Nacional na Antártica

T-Rex: Um Tiranossauro no Museu Nacional

Esta exposição exhibe o crânio de quase três metros de um Tiranossauro Rex que viveu há 65 milhões de anos e que povoa a imaginação popular como o mais temido dos dinossauros. O crânio em exposição é considerado o mais completo já encontrado no mundo. Além deste, são exibidos uma reconstituição em escala de um Tiranossauro em vida, ilustrações e outros animais que viveram no mesmo período, como a réplica em escala de um Lambeosaurus.



Imagem 17: T-Rex - Um Tiranossauro no Museu Nacional

2.3 - O Museu e a função educativa

O Museu Nacional era considerado pelos cientistas do mundo inteiro uma Instituição de considerável produção científica e teve o Prof. Dr. Edgar Roquette Pinto como Diretor no período de agosto de 1926 a outubro de 1935. Médico legista, professor, antropólogo, etnólogo, escritor, arqueólogo, ingressou no Museu Nacional em 1905, ao ser nomeado professor-assistente de Antropologia e Etnografia. Pesquisador versátil realizou diversos trabalhos de campo. Roquette Pinto se interessou pelo progresso tecnológico dos meios de comunicação de massa como o rádio e o cinema e a produção de filmes científicos. Em 1926 tornou-se diretor do Museu Nacional e, em 1928 publicou sua pesquisa sobre os tipos antropológicos do Brasil impondo uma nova orientação aos estudos de antropologia física. Durante os anos de 1927/28, conseguiu remodelar uma grande parte do edifício do Museu e revitalizar a apresentação das coleções etnográficas indígenas e regionais. A sua preocupação com a educação era uma constante. Durante a sua administração foi criada a nova sessão dedicada a Assistência ao Ensino e a Revista Nacional de Educação (1932-1934). Estas iniciativas evidenciam a crença de Roquette Pinto na função educacional dos museus. A tônica principal deste período administrativo foi o desenvolvimento do papel educativo do Museu, como órgão de ensino público, sem prejuízo das suas funções como centro superior de pesquisas científicas.

Neste período, o público em geral e as escolas eram regularmente recebidos e, com a criação do Serviço de Assistência ao Ensino da História Natural (SAE) aprovado em 8 de outubro de 1927, o Museu deu um grande e pioneiro passo para a urgente necessidade de promover a cultura científica no país.

Em seu primeiro ano de funcionamento, o SAE atendeu 23 escolas públicas e particulares, atingindo um público escolar de 4.673 jovens. Eram oferecidas orientações aos professores sobre coleta de material em excursões, indicações importantes sobre a maneira de colecionar, conservar e classificar todo o material indispensável ao estudo prático das ciências naturais. Com exemplos concretos, o estudante poderia desenvolver o hábito de observação, fazendo correlações na natureza e compreendendo melhor a própria vida. Este serviço produziu publicações escolares para auxílio aos educadores de todos os estados da República. Em 1931, foi transformado em uma importante seção do Museu Nacional, a 5ª Seção de Assistência ao Ensino da História Natural. Por decreto do governo provisório, o Museu foi dividido em nove divisões técnicas, agrupadas, para efeito administrativo, em cinco seções. As quatro primeiras são seções voltadas para pesquisas especializadas (geologia, botânica, zoologia, antropologia/ etnografia) e a quinta seção tem sob sua responsabilidade as coleções didáticas de História Natural dirigidas às atividades educacionais junto aos estudantes de nível médio. Com a criação desta última seção, percebeu-se, um sensível desenvolvimento das funções educativas, com acentuada ênfase na cultura acessível a leigos. Nessa direção, em 1931, o Museu Nacional ofereceu vários cursos de extensão universitária, de especialização e de aperfeiçoamento, que tiveram ampla repercussão no país.

Nessa época, as discussões no Brasil sobre o papel dos museus associado ao tema educação propiciaram várias viagens à pesquisadora Bertha Maria Julia Lutz (1894- 1976), secretária do Museu Nacional e com papel atuante na área de Botânica. Na viagem de 1932 ela estudou os museus norte-americanos em relação ao processo sócio-educativo e como este tipo de instituição atinge diferentes segmentos da sociedade.

Maria Margaret Lopes, em prefácio ao livro “A função educativa dos museus”⁷, se refere a esta grande cientista da seguinte forma:

Bertha Maria Julia Lutz (1894-1976) - ícone do feminismo brasileiro - surge como uma especialista em museus de uma forma insuspeitada, em meio à sua vasta documentação em

⁷ LUTZ, Bertha. **A função educativa dos Museus**. Rio de Janeiro: Museu Nacional; Niterói: Muiraquitã, 2008. 236p. (Série Livros do Museu Nacional, 33).

organização no Museu Nacional do Rio de Janeiro (...). A ação museológica de Bertha Lutz, enquanto especialista em museus no país, na década de 1930, além de introduzir as reflexões sobre gênero também no universo museal, nos chama de volta às práticas educativas e à comunicação pública das ciências que o Museu Nacional institucionalizou com a criação dos chamados Serviços Educativos, à época de personagens como Roquette Pinto (LUTZ, 2008, p. 19-20).

Do contato com os diferentes modelos de museus no exterior, sua opção se deu pela teoria “nova do museu” – expressada, pela primeira vez, por sir William Flower, nos *Ensaio sobre Museus*, publicado em Londres no ano de 1898, no qual emprega a expressão sintética “*The new museum idea*”.

Sobre este autor, Lopes acrescenta que

os conceitos de Flower consagraram a divisão das coleções de estudo e de público e hierarquizaram fortemente o público. A importância dada à dupla função dos museus é central no discurso de Flower. Para ele, os modernos museus serviam para duas classes de homens: os estudantes instruídos, capazes de fazer progredir a ciência, e outra classe de homens, muito mais numerosa, para quem os museus eram, ou deveriam ser, um poderoso meio de adquirir conhecimentos (...). Tal articulação fundamentou uma vasta discussão sobre concepções e propostas de separação de coleções de pesquisa e daquelas de instrução do público leigo, temas aos quais Bertha não deixaria de se referir (LUTZ, 2008, p.21).

É bem verdade que, até as últimas décadas, os museus tinham negligenciado o público em geral e dado preferência ao público acadêmico. Conforme Lutz (2008),

Por grande favor admitia-se o público a percorrer as salas e ler os rótulos anexados aos espécimes, muitas vezes reduzidos, nos museus de ciência, à nomenclatura científica incompreensível para o leigo e, nos museus de arte, ao nome do autor da obra, sua data de nascimento e de morte. (...) Agora não é mais assim. O museu contemporâneo está começando a adquirir consciência de seu papel esclarecedor da massa do povo e a envidar todos os esforços nesse sentido (LUTZ, 2008, p.31).

Segundo Lutz (2008), os museus por ela visitados em suas viagens não eram mais instituições estáticas, mas, antes, pautavam-se em conceitos dinâmicos. Conservavam intacto o seu papel de ampliadores dos conhecimentos humanos, mas nem por isso deixavam de se projetar consciente e voluntariamente na vida social e de intervir ativamente na formação cultural do público.

Roquette Pinto tinha plena consciência dessa responsabilidade e a deixava bem clara no relatório anual dos trabalhos do Museu Nacional, encaminhado ao Ministro da Agricultura, Dr. Geminiano de Lyra Castro:

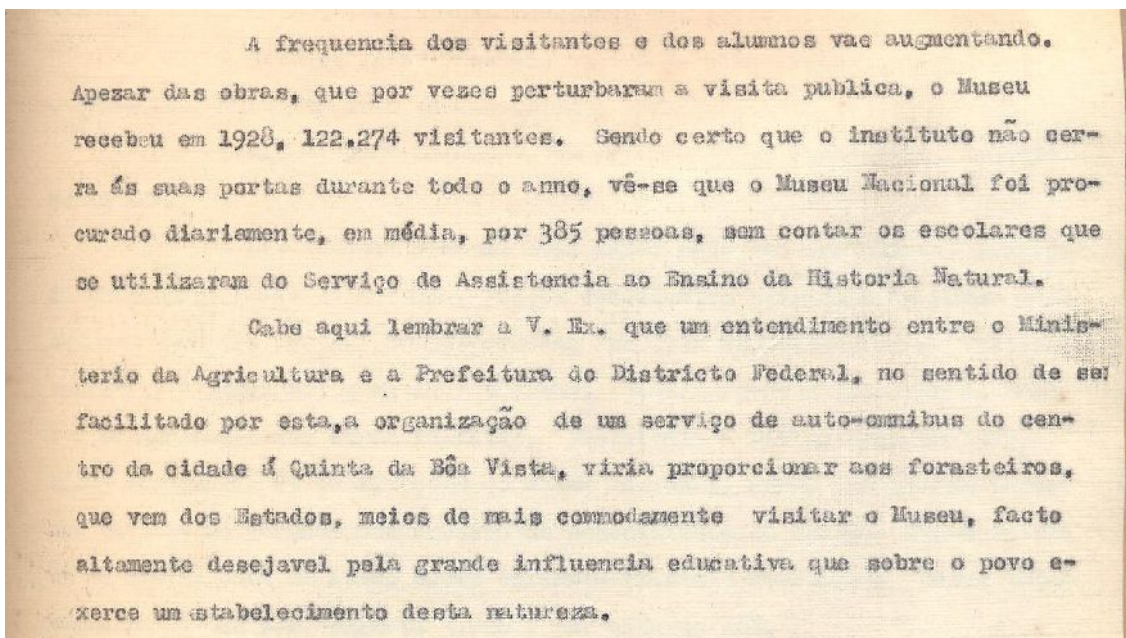
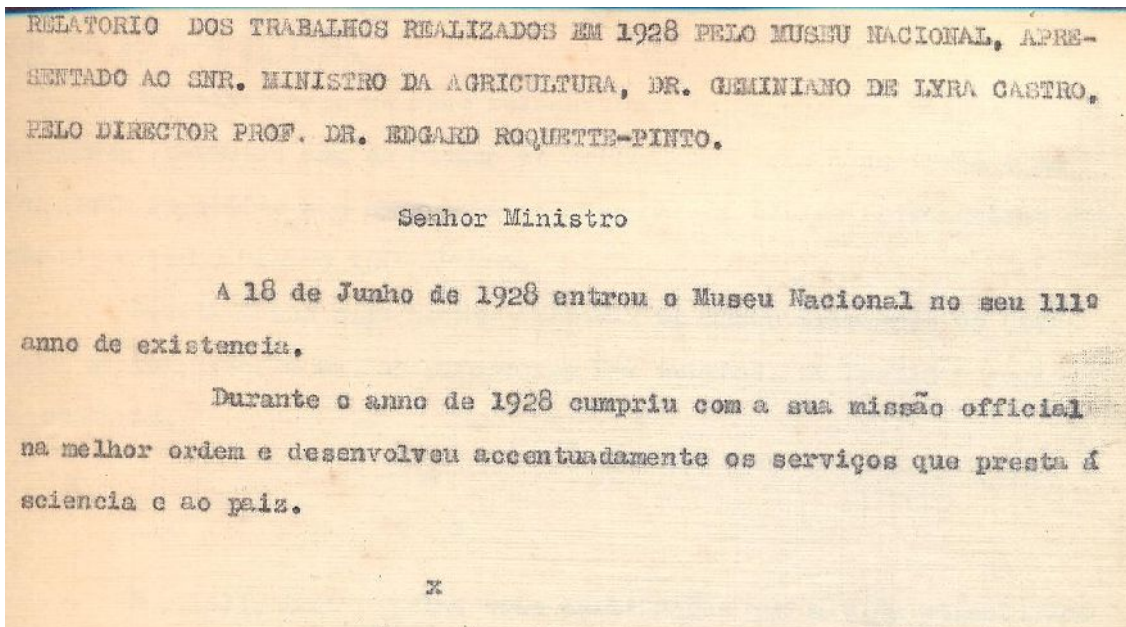


Imagem 18: Relatório Anual dos trabalhos realizados em 1928 pelo Museu Nacional

Essa perspectiva corrobora com o pensamento de John C. Dana, fundador do Museu de Newark (1909) e que é citado por Lutz (2008):

Todas as Instituições públicas, sem exceção do museu, devem mostrar resultados correspondentes à despesa que representam e estes resultados devem ser positivos, tangíveis, visíveis e comensuráveis. O bom senso exige que as instituições mantidas por fundos públicos dêem alguma retribuição ao povo, e que uma parte, ao menos, das suas atividades seja suscetível de compreensão clara pelo leigo e de avaliação exata pelo contribuinte (LUTZ 2008, p.33).

Além destes serviços, o Museu respondia a inúmeras consultas sobre assuntos de história natural e era considerado o *“mais antigo centro de pesquisas científicas especializadas e o maior instituto de educação popular e de livre aprendizagem para todos os cidadãos, até mesmo os mais humildes”*⁸.

A partir do exposto, constata-se que o Museu Nacional desenvolvia um papel político-institucional muito além das suas exposições e pesquisas científicas. Segundo Roquette Pinto, o Museu tinha uma missão nacional que era formar patriotas e futuros cientistas, que tivessem plena consciência da sua responsabilidade social.

Com isso, reforça-se ainda mais que os museus, assim como outras instituições de caráter social e educativo devem, constantemente, adotar vários métodos para sensibilizar o público, seja oferecendo exposições atraentes, seja estreitando os vínculos com escolas e mesmo participando de atividades de divulgação científica para ampliar o seu domínio de ação e para contribuir eficazmente para a educação popular. É um processo de democratização, em que o museu sai da sua posição de “inalcançável” para se colocar mais próximo do público.

⁸ Retirado do Relatório do Diretor do Museu Nacional, Dr. Edgar Roquette Pinto apresentado ao Snr. Ministro da Educação e Saúde Pública, 1932.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E ANÁLISE

3. APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS E ANÁLISE

Agenda do visitante, interação com os aparatos, bens culturais, comunicação dos museus com seus públicos; estas e outras expressões fazem parte deste trabalho e, juntas, integram o conjunto de variáveis que serão utilizadas neste momento de análise para a avaliação de uma experiência museal das famílias que visitam o Museu Nacional/UFRJ nos finais de semana.

Cada visita que o Museu recebe pode ser encarada como uma experiência única. No entanto, para a instituição, é a partir dessa aparente diversidade de impressões, obtidas através de pesquisas, que o Museu pode conhecer seu público (perfil, opiniões e expectativas), analisar resultados e, assim, traçar metas e objetivos para suas atividades futuras.

Ao longo desta pesquisa, foram consideradas válidas 28 entrevistas, realizadas entre fevereiro e novembro de 2011 (incluindo, também, neste período, as fases de pré-teste e de teste). Vale lembrar que as entrevistas foram realizadas sempre ao final da visita, abordando os seguintes indicadores: antecedentes da visita, processo decisório, a visitação, a interação familiar e a perspectiva futura.

3.1 - Perfil das famílias participantes desta pesquisa

Cento e duas pessoas (102) participaram desta pesquisa. Entre os adultos, a participação de homens e mulheres foi equilibrada, com 26 pessoas do sexo masculino e 28 do feminino. Entre as crianças (indivíduos com até 15 anos de idade), foram 21 meninos e 27 meninas.

Esse resultado está em consonância com os dados encontrados nas pesquisas de 2005 e 2009 do Observatório de Museus e Centros Culturais (OMCC), que contou com a participação de 331 e 585 pessoas, respectivamente, que responderam a um questionário auto-aplicado de uma enquete quantitativa.

Tabela 1: Percentual dos visitantes do Museu Nacional, por sexo

		2005	2009
Sexo	Masculino	50,5	44,4
	Feminino	49,5	55,6
	Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009, OMCC.

Das 28 famílias entrevistadas, 20 delas têm composição nuclear, ou seja, pai, mãe e filhos. Das oito restantes, cinco são mono parental masculina e três mono parental feminina.

Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos adultos possui formação até o ensino médio completo (61,1%). Os sujeitos com maior grau de escolaridade, ou seja, com nível superior incompleto, superior completo e pós-graduação representam uma minoria no grupo participante da pesquisa. Entre as crianças, apenas uma não estava matriculada na escola, e as demais, em séries compatíveis com a idade.

Pode-se observar nos resultados do OMCC que no ano de 2005 há uma prevalência de sujeitos com nível médio completo e com nível superior incompleto. Já em 2009, no OMCC, há um predomínio de indivíduos com ensino superior (incompleto e completo) e com pós-graduação, que juntos representam 67,2% dos pesquisados.

Tabela 2: Percentual dos visitantes do Museu Nacional, por nível de escolaridade

Nível de escolaridade		2005	2009
		Sem instrução escolar	2,5
	Ensino Fundamental incompleto	2,1	2,2
	Ensino Fundamental completo	7,1	3,4
	Ensino Médio incompleto	19,6	5,7
	Ensino Médio completo	21,5	19,4
	Ensino Superior incompleto	31,3	20,8
	Ensino Superior completo	16,0	27,0
	Pós-graduação	2,5	21,5
	Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009, OMCC.

Os resultados desta pesquisa, embora um pouco divergentes do que foi apurado pelo OMCC em 2009, corroboram com os que foram encontrados por Valente (1995), em pesquisa realizada no Museu Nacional, que aprofunda a relação do visitante com a exposição permanente desta Instituição.

Foi possível constatar, no desenrolar do trabalho, que a origem social dos visitantes do Museu Nacional, difere daquela do público a que se convencionou chamar o mais fiel dos museus, formado geralmente por pessoas de nível social e capital cultural mais elevados. Os visitantes do Museu Nacional, em grande parte, pertencem a camadas de média e baixa renda da população brasileira (VALENTE, 1995, p. 130).

E, ainda, com Studart (2000), que investigou o público de famílias em três museus da Grã-Bretanha que tinham exposições voltadas para o público infantil.

Os dados demográficos da amostra investigada revelam que, ao contrário do que apontam algumas pesquisas (de que o público de museus é, em geral, altamente instruído), as exposições dirigidas ao público infantil têm um potencial 'popular' e atraem visitantes de todos os níveis de escolaridade (STUDART, 2005, p. 72-73).

Ao analisar essas constatações, pode-se afirmar que, apesar de não possuir um direcionamento específico para as crianças, as exposições do Museu Nacional, pelos temas que abordam, acabam absorvendo esta parcela do público, uma vez que os pais, mesmo não possuindo uma escolaridade tão elevada, valorizam este tipo de programa cultural. Há, pelos resultados obtidos nas entrevistas, uma visível percepção de que os pais tentam estimular nos seus filhos o prazer de visitar museus, pois eles acreditam que este tipo de atividade funciona como um aliado na ampliação de conhecimentos tanto para os adultos, quanto para as crianças.

Em relação à procedência, houve uma predominância de famílias residentes na cidade do Rio de Janeiro (13) e em outros municípios do estado (Petrópolis, Magé, Duque de Caxias, Belford Roxo, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Niterói, São Gonçalo e Itaboraí, totalizando 12). Apenas três famílias residiam em outros estados (São Paulo, Paraná e Pará).

A Tabela 3 apresenta a distribuição quantitativa das famílias que moram no município do Rio de Janeiro, considerando as áreas de planejamento (AP), suas respectivas regiões administrativas (RA) e bairros.

Tabela 3: Distribuição quantitativa das famílias participantes desta pesquisa, moradoras no município do Rio de Janeiro, por Área de Planejamento (AP), Região Administrativa (RA) e Bairro

Região Administrativa (AP1)	Bairro	Frequência	Total
RA I - Portuária	-	-	-
RA II - Centro	-	-	
RA III - Rio Comprido	-	-	
RA VII - São Cristóvão	-	-	
RA XXI - Paquetá	-	-	
RA XXIII - Santa Teresa	-	-	
Região Administrativa (AP2)	Bairro	Frequência	Total
RA IV - Botafogo	Laranjeiras	1	2
RA V - Copacabana	Copacabana	1	
RA VI - Lagoa	-	-	
RA VIII - Tijuca	-	-	
RA IX - Vila Isabel	-	-	
RA XXVII - Rocinha	-	-	
Região Administrativa (AP3)	Bairro	Frequência	Total
RA X - Ramos	-	-	6
RA XI - Penha	-	-	
RA XII - Inhaúma	-	-	
RA XIII - Méier	Cachambi, Riachuelo e Méier	3	
RA XIV - Irajá	Vila da Penha	1	
RA XV - Madureira	-	-	
RA XX - Ilha do Governador	Jardim Guanabara	1	
RA XXII - Anchieta	Anchieta	1	
RA XXV - Pavuna	-	-	
RA XXVIII - Jacarezinho	-	-	
RA XXIX - Complexo do Alemão	-	-	
RA XXX - Maré	-	-	
RA XXXI - Vigário Geral	-	-	
Região Administrativa (AP4)	Bairro	Frequência	Total
RA XVI - Jacarepaguá	Jacarepaguá e Taquara	2	2
RA XXIV - Barra da Tijuca	-	-	
RA XXXIV - Cidade de Deus	-	-	
Região Administrativa (AP5)	Bairro	Frequência	Total
RA XVII - Bangu	Bangu	1	3
RA XVII - Campo Grande	Campo Grande	1	
RA XIX - Santa Cruz	Paciência	1	
RA XXVI - Guaratiba	-	-	
RA XXXIII - Realengo	-	-	
TOTAL			13

Em relação à ocupação, nem todos os indivíduos foram perguntados, pois esta questão não existia na fase de pré-teste. A Tabela 4 abaixo apresenta os resultados relativos à ocupação remunerada (29 pessoas) e a Tabela 5 os relativos à ocupação não remunerada (10 pessoas) daqueles que responderam.

Tabela 4: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação remunerada

Ocupação remunerada	Frequência	Ocupação remunerada	Frequência
Técnico em informática	1	Escritora	1
Técnico em eletrônica	2	Servidor público	1
Técnico de enfermagem	1	Mecânico	1
Professora	2	Administrado de vendas	1
Bancário	1	Administrador	1
Militar	1	Gerente de produto	1
Plataformista	1	Analista judiciário	1
Atendente de loja	1	Empresário	1
Subgerente de fábrica	1	Gerente de tecnologia	1
Artesã	1	Empregada doméstica	1
Consultor de empresas	1	Vigilante	1
Comerciário	1	Aposentada	1
Economista	3		

Tabela 5: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação não remunerada

Ocupação não remunerada	Frequência
Do lar	8
Estudante	1
Desempregado	1

A faixa etária predominante entre os adultos desta pesquisa é a que vai dos 30 aos 39 anos de idade, representando um total de 31 pessoas. Porém, há também uma frequência bem razoável de indivíduos na faixa etária de 40 a 59 anos (17). Entre as crianças, o predomínio foi de zero a seis anos e dos sete aos 10 anos, representando um total de 39 crianças.

Tabela 6: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por faixa etária

Faixa etária	Frequência
zero a 6 anos	16
7 a 10 anos	23
11 a 14 anos	6
15 a 19 anos	4
20 a 24 anos	-
25 a 29 anos	4
30 a 39 anos	31
40 a 59 anos	17
60 anos ou mais	1
Total	102

3.2 - Antecedentes da visita

Iniciando o bloco que fornece dados sobre os antecedentes da visita ao Museu Nacional a primeira questão era se esta era a primeira vez que visitavam a instituição. Corroborando com os dados do OMCC de 2005 e 2009, a maior parte das pessoas já havia estado no Museu anteriormente.

Tabela 7: Percentual dos visitantes que declararam visitar o Museu Nacional pela primeira vez

		2005	2009
		Primeira vez que visita o Museu Nacional	Sim
	Não	64,8	58,9
	Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009, OMCC.

Quando perguntados a respeito da frequência de visitação ao Museu Nacional, a maioria declarou já ter visitado o Museu mais de duas vezes, “em família”. Porém, esse número se torna mais expressivo quando se refere aos membros da família individualmente, podendo chegar a até mais de oito vezes. Destes sujeitos que relataram visitas mais frequentes, elas estavam relacionadas às que faziam na infância, com suas famílias ou com o grupo escolar. No entanto, o retorno destes visitantes ocorre, na maioria das vezes, em um espaço de tempo não inferior a três anos.

Esses dados não se assemelham aos obtidos pela pesquisas do OMCC, pois o resultado encontrado pelo Observatório se concentra em um retorno não inferior a cinco anos.

Tabela 8: Percentual dos visitantes, por data da última visita ao Museu Nacional

Última visita ao Museu Nacional		2005	2009
	Há menos de 6 meses		7,0
Entre 6 meses e 1 ano		9,5	13,1
Entre 1 e 2 anos		17,1	11,7
Entre 2 e 5 anos		12,1	20,7
Há mais de 5 anos		54,3	43,4
Total		100,0	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009, OMCC.

Dos que declararam nunca ter visitado, muitos relatavam que já conheciam a instituição e que já haviam estado na Quinta da Boa Vista muitas outras vezes, mas não tiveram a oportunidade de entrar. Para ilustrar esta idéia, segue um trecho de uma entrevista realizada:

Família 12:

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Nós sabíamos da existência do museu, mas sempre íamos primeiro ao zoológico e aí acabava que não dava mais tempo de passar por aqui.

Pai (34 anos, nível médio, subgerente de fábrica)

Nós viemos aqui uma vez. Viemos só no Zoológico, aí nós ficamos na vontade.

Quanto ao que estimulou a visita, fica evidente nas respostas da presente pesquisa a influência das crianças e a sua curiosidade em conhecer o Museu. Os pais, por sua vez, priorizam a importância de adquirir conhecimentos ou mostrar às crianças, *in loco*, o que elas já viram em livros, televisão e em outros meios de comunicação. O trecho a seguir, exemplifica esta influência da criança na opção pela visita:

Família 17:

Pai (38 anos, nível superior completo, economista)

O Frederico (filho) que quis vir para ver a exposição dos dinossauros.

Família 25:

Mãe (35 anos, nível superior, empresária)

Hoje foi por causa dela (a criança).

Pai (35 anos, nível superior, gerente de tecnologia)

Eu acho que o filho é o primeiro motivador. Se você já veio pelo menos uma ou duas vezes, o filho é o motivador pras próximas vezes, né?

3.3 - Processo decisório

A partir da quarta pergunta do roteiro de entrevista, inicia-se o bloco que irá fornecer os dados sobre o processo de decisão de visitar o Museu Nacional.

Quando questionados sobre de quem foi a iniciativa de visitar o Museu, a maior parte das famílias respondeu que partiu dos pais a sugestão do passeio.

Família 19:
Mãe (40 anos, nível médio, do lar)

Dele, do pai.

Pai (41 anos, nível superior, servidor público)

Quase sempre é minha. Geralmente sou eu, eu que faço as pesquisas dos locais, vejo na internet, obtenho informações dos amigos que já vieram aqui várias vezes, a gente vai buscando, vai colhendo as informações daqueles pontos que eles indicam. Já tinha conhecimento que o museu funcionava aqui, nós tínhamos a pretensão de ir a outros locais também, Centro Cultural Banco do Brasil, tínhamos também a vontade de ir ao Planetário, de locais assim que indicam pra gente que tem cultura, né?

Mãe (40 anos, nível médio, do lar)

Que não é só passeio, que não é só ponto turístico, que os museus são muito importantes, aí a gente optou pra isso também. E pra eles que estão começando, que nunca viram, só por livros, ah, ficam admirados, ficam surpresos de ver isso.

Pai (41 anos, nível superior, servidor público)

É importante, é cultura. É a base cultural. Você pegar a escola, que é a formação educacional, mais a formação cultural, aí fica completo. Tem que ter a curiosidade de ir buscar novas informações, e essas informações estão aqui, em espaços como esse.

Nesse sentido, Almeida (2005) afirma:

As motivações estão ligadas ao conteúdo das exposições e também ao tipo de experiência que possibilitam. Visitas de famílias a centros de ciências parecem ser decididas pelos pais, que querem passar para os filhos seu interesse pela área – ou seja, têm propósitos de aprendizagem –, ou configuram uma forma de lazer educacional, ao possibilitar a interação entre os membros da família durante um passeio agradável (ALMEIDA, 2005, p.38).

Essa resposta indica que, apesar de a iniciativa ter sido dos pais, a criança tem forte influência motivadora, uma vez que muitos entrevistados alegam que estão indo ao museu para estimular os filhos a adquirirem conhecimento.

Esses resultados se assemelham aos encontrados por Studart (2002) em pesquisa com famílias realizada em outro museu de ciência, o Museu de Astronomia e Ciências Afins, MAST, também localizado no Bairro Imperial de São Cristóvão. Os dados indicam que o processo decisório partiu dos pais na maior parte das vezes.

Foi constatado também que os motivos para a visita estão relacionados à intenção de lazer em família, a necessidade de criar valores culturais para os filhos e, ainda, traçar comparações entre aquilo que foi visto e sua experiência de vida. Exemplos destes elementos podem ser encontrados nos seguintes trechos de entrevistas:

**Família 8:
Mãe (39 anos, nível médio, do lar)**

Quando a gente estava vindo, eu até falei: ah, que vontade de estar na minha cama agora ! Mas eu falei, a gente está aqui por eles (filhos). Estar com eles é importante.

**Família 9:
Filha (18 anos, estudante, cursando nível médio)**

Um pouco de cada motivo aparece numa vinda ao museu. Tem a questão do conhecimento, tem tudo.

Mãe (43 anos, nível médio, escritora)

Até a expectativa do extraordinário existe quando você vai ao museu. Até mesmo, eu acho, inclusive, que o museu tem essa fantasia, essa capacidade de mexer com a nossa fantasia, e gerar uma expectativa do extraordinário. Ela é tão viva. Você percebe, quando você está no museu, que você se sente tão dentro da história que parece que realmente alguma coisa ali vai acontecer... que um dos dinossauros vai pular das paredes.

**Família 21:
Mãe (38 anos, nível superior incompleto, administradora de vendas)**

Juntar aquilo que aprende na escola com a realidade. É o impulso para eles poderem mesmo ver, e aí eles viram tantas outras coisas, a cultura indígena, ver as outras culturas, enfim.

Também na pesquisa de Studart (2002) muitos entrevistados assinalavam que a motivação para fazer a visita estava ligada à curiosidade, a obtenção de conhecimentos e ao oferecimento de atividades com temas de ciência para os filhos.

Nas pesquisas do OMCC, tanto em 2005 quanto em 2009, a maioria respondeu que havia interesse pelos assuntos das exposições, conhecer o museu, divertir-se, alargar horizontes / conhecer coisas novas e trazer os filhos.

Em relação aos locais que os pais costumam levar seus filhos pode-se perceber que as famílias priorizam como atividade de entretenimento nos finais de

semana, idas ao shopping, programas ao ar livre (praia, parques ou zoológico) e cinema e, em menor escala, visitas a familiares.

Mais uma vez as respostas encontradas se assemelham aos resultados de Studart (2002) em sua pesquisa no MAST, que também indicava shopping, cinema e praia como atividades mais usuais de lazer das famílias, seguidas por Zoológico, Jardim Botânico, casa dos avós e estádios de futebol.

Como exemplo do que foi dito, segue um trecho de entrevista bastante ilustrativo do comportamento:

Família 24:
Pai (49 anos, nível superior, analista judiciário)

Olha, vamos muito a shopping, comer uma pizza, essas coisas de final de semana. Não estamos com muito tempo pra sair. A gente vai à praia... Aí eu falei: hoje vamos fazer um passeio diferente.

Nesse caso fica evidente que a prática de visitar museus foge aos hábitos considerados como rotineiros das famílias. A maior parte das famílias cita o passeio ao Museu Nacional como algo “diferente” para o final de semana do grupo.

Ao retomar a indagação de Falk, Moussouri e Coulson (1998) se o museu pode ser considerado um local de entretenimento, as respostas das famílias indicam que a ida ao museu é uma atividade de lazer. Mas também relatam que dentre as motivações que influenciam a opção de ir ao museu, está a busca por um tipo de aprendizado que ocorre nos espaços de educação não formal. O exemplo a seguir confirma essa tendência:

Família 6:
Mãe (46 anos, nível médio, do lar)

Nós mostramos aquelas pedras do Egito e explicamos que aquilo era como se fossem os livros deles, que a história deles eles talhavam ali. Assim, a gente vai passando coisas pra ele entender.

Relatos como esses reforçam o papel educativo e transformador dos Museus, fato que deve ser considerado quando da montagem de exposições e nas relações estabelecidas entre a instituição e seus públicos. É o que ressalta Fronza-Martins (2006):

A questão da educação em museus possui um importante foco de interesse na atualidade, tanto no que diz respeito ao seu papel social, quanto no que se refere às práticas realizadas nesse espaço e suas possíveis reflexões. Percebe-se o interesse não apenas na organização e preservação de acervos, mas também na ênfase da

compreensão, desenvolvimento e promoção da divulgação, bem como na formação de público como forma de disseminar conhecimentos por meio de uma ação educativa (FRONZA-MARTINS, 2006, p.71)

Perguntados se possuem o hábito de visitar museus ou instituições culturais afins, a maior parte declarou que sim. Apenas nove famílias responderam negativamente a esta questão. Vale lembrar que o alto índice de respostas positivas pode estar diretamente relacionado ao local em que foram realizadas as entrevistas, ou seja, o próprio museu. Entende-se que os sujeitos desta pesquisa já estariam pré-dispostos a este tipo de programação. Portanto, este resultado não trata das famílias em âmbito geral.

Quanto à frequência de visitação, os resultados indicam que a maioria das famílias diz que, apesar de possuírem este hábito, a frequência anual é muito pequena, chegando a, no máximo, duas visitas a museus por ano.

Em relação aos dados obtidos nas pesquisas do OMCC, os resultados indicam uma predominância, em 2005, de visitantes que frequentam museus mais de três vezes ao ano, enquanto que, em 2009, apesar de este resultado permanecer, houve um significativo aumento dos que informam visitar outros museus ou instituições culturais de duas a três vezes ao ano.

Tabela 9: Percentual dos visitantes do Museu Nacional, por frequência de visita a museus ou instituições culturais afins nos últimos 12 meses

		2005	2009
Frequência de visita a museus nos últimos 12 meses	Uma vez	28,4	23,9
	Duas ou três vezes	28,4	37,7
	Mais de três vezes	48,2	38,4
	Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009, OMCC.

Quando diretamente perguntados se a visita ao Museu Nacional estava ocorrendo por causa das crianças, a maior parte das famílias respondeu que sim. A memória afetiva dos pais ou o interesse de transmitir conhecimento para as crianças foram também citados como elementos importantes no processo de escolha da programação familiar, conforme abaixo exemplificado:

**Família 27:
Pai (51 anos, nível superior, empresário)**

Ah, sim, é. Até porque eu acho que na minha infância, ou quando eu estava assim mais numa fase de formação, eu não tive a oportunidade e, com o crescimento, com o estudo, fui descobrindo, fui conhecendo. De vez em

quando viajava pro exterior e ia visitar um museu e, poxa, percebia que não conhecia os museus daqui. Aí, estimulado por ele (o filho), a gente acaba indo conhecer outros, né? Ele também se interessa, ele desenha bem, gosta de música, gosta de pintura, então a gente acaba vindo.

Pode-se observar nessa fala a influência da família para aquisição de novos conhecimentos e para a geração de hábitos culturais, reforçando a importância do papel desses grupos na formação e desenvolvimento dos indivíduos.

A procura por conhecimento foi a resposta predominante entre as famílias quando perguntadas sobre o que as mesmas buscam em uma visita a museus. Também foi citado curiosidade, ver coisas interessantes e fazer comparações entre o passado e o presente. Ao mesmo tempo, apesar de a pergunta não direcionar para isto, muitos pais relatavam a experiência que tiveram durante a visita ao Museu Nacional ou como eles costumam interagir, em família, nas situações do cotidiano que remetem a saberes que eles adquiriram em um museu. Neste sentido, têm-se os depoimentos abaixo:

Família 16:
Mãe (39 anos, nível médio, do lar)

Conhecimento do que foi.

Pai (39 anos, nível superior, comerciário)

Conhecimento, lembranças, fotos, acho que é isso. Poder contar pros amigos, dividir essa experiência com as pessoas, principalmente pra aqueles que gostam mais, porque você tem que estar por dentro pra explicar o que é aquela foto daquele momento, por exemplo.

Mãe (39 anos, nível médio, do lar)

Vai ter um momento de interatividade de novo.

Pai (39 anos, nível superior, comerciário)

Mesmo porque, quando a gente tá em casa, passa alguma coisa na TV, vê uma matéria, aí você já fica lembrando que já foi, que viu.

Mãe (39 anos, nível médio, do lar)

As crianças também vão querer contar pra professora, aí ela já vai explicar e aí é isso, todo mundo vai querer contar um pouquinho.

Esse resultado também se repete em Studart (2002). A pesquisa indicava como finalidade das famílias na ida ao MAST buscar “conhecimento”, “cultura”, e “ver novidades”.

Chase (2009) comenta como as famílias lidam com a busca por aprendizado em museus de ciência:

Muitas famílias consideram museus e centros de ciência como lugares onde elas podem aproveitar bem seu tempo e, em última análise, aprender juntas. Este, claramente, é um objetivo implícito mais do que explícito. Como um colega meu gosta de brincar, poucas famílias acordam no domingo de manhã e dizem: "Ei! Vamos hoje ao aquário e aprender algo da física subatômica!". Contudo, entrevistas com pais em museus e centros de ciências mostram que eles percebem que estes ambientes são: "bons lugares onde levaras crianças para aprender" e vários estudos corroboram a idéia de que as famílias usam os museus como ambientes de aprendizagem socialmente "mediada" (CHASE *apud* DIERKING, 2009, p. 79).

Nesta pesquisa são comprovadas as idéias de Dierking e Falk (1994) que estabelecem que os adultos componentes de uma família elegem o museu para uma visita por conta de motivos práticos de aprendizagem para seus filhos, além de considerá-los espaços acessíveis e seguros. Os autores reforçam sobre a necessidade de fazer com que o hábito cultural se estenda, também, às futuras gerações daquele grupo, como uma influência de comportamento.

Ainda no bloco Processo Decisório, as famílias eram questionadas se havia algo que pudesse dificultar a visita ao Museu Nacional. Embora a maioria tivesse relatado que não havia nada que dificultasse a atividade, nas justificativas, as famílias descreviam diversos obstáculos que haviam superado para estar no Museu aquele dia, como falta de novidade, dinheiro, tempo, distância, calor, falta de divulgação entre outros, conforme o exemplo:

**Família 3:
Pai (46 anos, nível médio)**

O que desestimula é saber que pouca coisa mudou, não houve uma diversificação na exposição, sem coisas novas. Tem bastante coisa, mas está faltando novidade. Muito é de quando eu era criança, mas gosto assim mesmo. Até vi algumas coisas diferentes, mas a maioria não. Para as crianças é novidade, mas para nós, não.

**Família 10:
Pai (32 anos, nível superior incompleto, bancário)**

Tem vários fatores que jogam contra. O trânsito para chegar, estacionamento, que é um pouco caro, os mendigos na área interna, dentro do parque... Isso complica um pouquinho, desestimula a vir, mas com eu te falei antes, o que tem de interessante dentro do complexo, que é o zoológico, que é o próprio museu como um todo, isso, sem dúvida, favorece demais e supera o que tem de negativo.

Esse depoimento sugere a reflexão de como cativar os visitantes que já conhecem o Museu e que, ao retornar, não encontram muitas mudanças no circuito expositivo. Este visitante espera encontrar os “ícones” da instituição (dinossauros, múmias e meteoritos, por exemplo), mas sente falta de uma renovação, ou até mesmo de novas salas que possam enriquecer a visita.

Família 26:

Mãe (39 anos, fundamental incompleto, empregada doméstica)

Dificulta a oportunidade da gente poder ir. Igual ao teatro. Por exemplo, o teatro, a gente quer assistir, mas uma peça boa tá 30, 40 reais.

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

Fora que tem os outros gastos, né? De passagem, lanche, essas coisas. Então tem essas dificuldades.

Mãe (39 anos, fundamental incompleto, empregada doméstica)

Cinema tem 18 anos que eu não entro num cinema.

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

Ficou muito caro, muito caro. Inclusive ela (filha) está querendo muito ir ao cinema, mas tanto é caro como é lotado. Você chega de dia pra poder ver um filme à noite e o museu, nesse ponto, é mais tranquilo, que você chega ali, entra e vai olhando tudo, não tem essa dificuldade, mas tem esse negócio, tem esse caso do dinheiro, né, que tem os gastos que tem que ser feitos e o tempo.

Mãe (39 anos, fundamental incompleto, empregada doméstica)

E o preço do museu tá ótimo. Eu achei até que estaria até mais caro.

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

Nós viemos sem saber, sem saber se o dinheiro dava.

Mãe (39 anos, fundamental incompleto, empregada doméstica)

Adulto três reais e criança um, eu falei, poxa, é um programa saudável e bom.

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

Não temos o costume de ir, então, você já imagina... a gente já vem naquela, pensando em quanto poderia ser. E foi tranquilo, foi bom.

Mãe (39 anos, fundamental incompleto, empregada doméstica)

É que agora tem muita divulgação de onde tem coisa de graça, e a Globo fala muito né, ah, programação de graça pra criança, aquela coisa toda, né?

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

E às vezes nem é tanto até o valor assim da entrada, tem o deslocamento, o lanche, tudo isso. Às vezes o lanche tá mais caro que a entrada...

O relato desta família salienta a importância do museu como um espaço que possibilita o acesso de um público sem condições financeiras a bens culturais. Ele acaba representando, para alguns grupos, um dos únicos vínculos com atividades desta natureza.

Família 21:

Avó (58 anos, fundamental incompleto, aposentada)

Carga horária de trabalho.

Mãe (38 anos, nível superior incompleto, administradora de vendas)

É, durante a semana, principalmente durante a semana, que a carga horária é muito puxada. E o final de semana a gente acaba ficando muito acomodado pelo cansaço, aí deixa pra depois, passa o tempo e depois não vamos. Eu sou muito consciente de que às vezes eu acabo privando as crianças, que eu poderia ter cedido, mas, por conta do meu cansaço, acaba acontecendo. Acho que também a falta de interesse, a falta de divulgação também, pois às vezes é tão fácil divulgar um funk, um show, um rock e não dão importância pra coisas que são boas e estão próximas da gente. Nem sempre a cultura é bem divulgada. Falta um estímulo de propaganda. Talvez as pessoas estejam acomodadas. Não tem melhor veículo verbal que a linguagem. Segunda feira vou chegar lá no trabalho, vou comentar onde eu vim, de repente as pessoas vão se interessar, aí podemos marcar de vir novamente. Então eu acho que falta mesmo é essa propaganda e o interesse.

Apesar de não ter sido o motivo mais apontado pelos visitantes, essa fala corrobora com os resultados das pesquisas do OMCC sobre esse mesmo tema, em que a falta de divulgação foi apontada como principal fator que dificultaria a visita ao Museu Nacional, seguida da violência urbana.

Encerrando o bloco Processo Decisório, os entrevistados eram questionados acerca da expectativa em relação ao Museu Nacional. Para muitos dos que criaram alguma expectativa, ela estava relacionada aos dinossauros expostos no museu, especialmente porque este assunto estava em evidência em uma novela. Todos os que vieram para ver esta exposição demonstraram satisfação com o que encontraram.

Família 13:

Pai (34 anos, nível médio)

Tinha os fósseis.

Mãe (32 anos, nível médio)

A gente viu um cartaz, alguma coisa que estava falando dos fósseis. Eles queriam ver os dinossauros e aí acabou sendo maior do que eles imaginavam.

Família 23:

Mãe (38 anos, nível superior, pedagoga)

Havia sim, para as crianças, os dinossauros, por causa da novela.

Família 24:
Filha (8 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Eu estava esperando ver um monte de dinossauros e foi o que eu vi. Um monte de dinossauros imensos...

Tiveram, também, aqueles que tinham a expectativa de agradar aos filhos, de saber como seria a reação deles e, ainda, de promover uma agradável e produtiva experiência de visita a museus.

Família 10:
Pai (32 anos, nível superior incompleto, bancário)

Eu, principalmente, queria que ela curtisse muito o passeio, que ela sentisse essa atmosfera, e ela aprendeu pra caramba, apesar de só ter 3 anos de idade, mas isso aconteceu, e foi bom pra caramba.

Mãe (26 anos, nível superior incompleto, do lar)

Comigo foi mais ou menos a mesma coisa. Apesar de que eu fiquei pensando assim, como ela reagiria com os dinossauros? Ela viu, mas não foi muita surpresa. Ela ficou lá, perguntando sobre tudo mesmo.

Interessante notar também que nem todos vêm com informações a respeito do que vão encontrar, assim como no exemplo abaixo:

Família 12:
Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Mas a gente se baseia muito em filme, então, eu imaginava muita coisa. Tem museus específicos pra cada coisa. E aqui eu não sabia em que era específico, o que era. Não sabia. Como era a primeira vez que eu vinha ao museu, a expectativa foi atendida.

Entre os que não tiveram as expectativas totalmente atendidas, se destacam os que buscavam encontrar referências históricas das famílias real e imperial no prédio e os que esperavam ver exibido o esqueleto da baleia, uma referência muito forte para os adultos que estiveram no Museu quando crianças, e que atualmente não se encontra em exposição.

Família 11:
Pai (42 anos, nível médio, militar)

De ver pelo menos parte ou alguns objetos da história da família real, mas não tinha nada, então isso realmente deixou a desejar.

Família 22:
Pai (45 anos, nível superior, economista)

A baleia. Ver a baleia e não foi concretizado. Mas não vai faltar oportunidade de voltar.

No entanto, nem sempre a família saía com uma impressão negativa. Em muitas respostas há diversas falas que destacam a melhoria da conservação do prédio ou que a família se surpreendeu com o que encontraram exposto. E isto ocorre mesmo quando o grupo faz alguma queixa à instituição.

Família 16:
Filha (15 anos, estudante, nível médio incompleto)

Eu vim mais por causa dele (do pai).

Mãe (39 anos, nível médio, do lar)

Eu vim pensando, ai meu deus, eu queria ir no Jardim Botânico, na Lagoa, e ele aqui, no museu, mas eu adorei muitas coisas, valeu a pena.

Pai (39 anos, nível superior, comerciário)

Eu tinha... me surpreendeu, muitos detalhes. Eu não sabia o que ia encontrar. Achei que fosse ver as louças, como tem no museu do Ipiranga, que apesar de eu gostar, não imaginava.

Mãe (39 anos, nível médio, do lar)

Eu acho que esse foi o museu que superou as expectativas, esse foi o primeiro.

Pai (39 anos, nível superior, comerciário)

E aqui, ainda diferente, tem um parque muito bonito, lindo o lugar.

Família 7:
Pai (36 anos, nível médio, tecnólogo em eletrônica)

Soube que o museu não estava tão bom. Eu achava que ia ver algo menos do que eu vi, então, superou muito minhas expectativas.

Como visto até agora, o Museu Nacional recebe um público heterogêneo de famílias. E, por isso, é preciso que seus profissionais se voltem para as diferentes necessidades desses indivíduos, para suas diferentes “bagagens de perguntas”. Questões que não são respondidas somente através de legendas, pois, mesmo estas, terão diferentes leituras, partindo do ponto de vista de quem as lê.

3.4 - A visitação

Este bloco pretende investigar como a família se comporta durante o tempo que gasta dentro do Museu Nacional e como ela própria avalia a instituição e a experiência da visita.

A experiência museal do visitante e as interações que a compõem devem ser os principais aspectos a se levar em conta nas relações que o Museu estabelece com seus diferentes públicos.

Ao solicitar que as famílias descrevessem o Museu Nacional, nenhuma família descreve a instituição de forma negativa. Mesmo quando a fala sugere alguma crítica é justamente no sentido de valorizar o potencial histórico do prédio e tudo que, segundo os visitantes entrevistados, ele representa para o país.

De acordo com Dierking e Falk (1992), se for perguntado a um profissional de museus que descreva esta instituição, ele abordará as coleções, os programas educativos ou a história institucional. Se esta mesma pergunta for feita ao visitante, possivelmente ele dirá: “é um bom lugar para levar as crianças para mostrá-las a herança deixada dos antepassados” ou, “o museu é um excelente lugar para trazer turistas” ou, “é interessante, acessível e preenche o dia” ou, “o museu é um lugar calmo onde eu posso escapar da rotina de trabalho”. Segundo os autores, o visitante percebe o museu de forma funcional - ele é um usuário e não um profissional que trabalha naquele local ou que planeja as exposições. Sua percepção é do contexto, não se limitando a uma questão intelectual ou a um objeto ou aparato.

Família 8:

Pai (37 anos, nível médio, técnico em informática)

Essa foi uma casa de um imperador, a idéia é excelente de transformar num museu. A gente tá vendo ele hoje, em reforma, mas eu acho que as autoridades têm que olhar com mais sensibilidade, porque isso aqui tem uma história, principalmente pra nós, brasileiros, é muito rico.

Mãe (39 anos, nível superior incompleto, estudante)

É muito rico, tem muita coisa interessante. Tem muita gente lá fora que não tem muita noção e que nem valoriza isso aqui.

Pai (37 anos, nível médio, técnico em informática)

Eu sempre quando entro aqui na Quinta eu falo: poxa, ele foi dono de tudo isso aqui! Imagina abrir a porta da sua casa e se deparar com esse jardim, com tudo isso, esse verde, um lago. Tudo bem, tinha o poder aquisitivo dele e tal, mas eu acho que foi por isso que eles se encantaram tanto com o nosso país. Então, a descrição que eu tenho do museu é de uma essência importantíssima para todos nós. Muito grande. Acho que tem mais coisas pra acrescentar, em termos históricos, no museu. Não sei se o espaço comportaria, mas eu vejo algumas portas fechadas. Não sei se deve criar um outro prédio adicional, um

anexo, pra poder comportar. O Brasil também tá ficando antigo. Cada vez mais se encontram informações relevantes pra nossa história. Então começar a colocar também coisas nossas. Não só do mundo todo, mas também coisas nossas. A descrição que eu tenho é essa, de importância muito grande, do ponto de vista histórico.

Interessante destacar também que as mesmas famílias que disseram que foram ao Museu para ver os dinossauros ou as múmias, ao descreverem a instituição exaltam principalmente o patrimônio histórico que o prédio representa e identificam o passeio ao Museu como algo divertido.

Ainda segundo Dierking e Falk (1992), a experiência museal inclui sensações de admiração, reverenciamento, de desejo de ver, tocar e aprender coisas novas. Assim, os visitantes, em suas respostas, falavam de uma forma lúdica sobre as coleções, sobre o próprio ambiente do museu, não se detendo a questões técnicas sobre estes elementos.

Família 9:

Filha (18 anos, estudante, nível médio incompleto)

Divertido. Eu descreveria como divertido. Porque, pra mim, ver a cabeça de um dinossauro, que pode me engolir inteira, num instante, eu acho muito engraçado. Por exemplo, ver múmia, não que seja legal ver uma pessoa morta, mas é divertido você saber que você pode estar vendo aquilo. É interessante a facilidade de acesso. Saber que você pode estar vendo aquilo faz você querer ver mais. Dá vontade de saber mais. Ler e saber mais detalhes. Porque esse crânio é diferente do outro? Instiga ainda mais. Eu acho isso. Divertido e interessante. Pra mim museu é isso.

Filho (15 anos, estudante, nível médio incompleto)

Eu descreveria como didático. Eu descreveria como meu. Porque tudo que está aqui tem fundamento, porque por mais que as pessoas não tenham acesso ao museu, por qualquer motivo que seja, eu acho que o que tá aqui é nosso. Eu acho que, na verdade, o museu é uma parte da gente, do patrimônio.

Mãe (43 anos, nível médio, escritora)

Eu acho, realmente, por tudo que eu vi agora, não só pela riqueza do museu em si, das informações, mas o que realmente me encantou hoje foi ver que o museu está exercendo o papel de embaixador de outros museus. Entrando no museu pela primeira vez e as pessoas descobrindo que aquilo que elas pensavam que poderia ser chatérrimo ou só pra um determinado público pode ser muito interessante, divertido, e aí elas começam a colocar aquilo, aquela sementinha de um programa em família, pra outros e outros e outros. Então eu acho que a palavra que resume ele, pra mim, hoje, é exatamente essa, ter se tornado o embaixador cultural pra gente, pra poder abrir portas pra outros museus, outras visitas.

Mais uma vez fica exemplificado o papel do Museu Nacional como incentivador de outras visitas a instituições culturais.

Em relação à média de duração das visitas, ela variou, na maioria das famílias, entre 30 minutos e uma hora. Neste período, todos disseram que puderam visitar todas as salas de exposição, variando o tempo em cada espaço de acordo com os interesses do grupo. Em virtude do circuito de exposição estar restrito, nas respostas da pergunta seguinte (Deixaram de ver algo?), todas as famílias também disseram que não deixaram de visitar nenhuma sala do Museu.

Nas observações realizadas, o tempo de permanência nas salas de paleontologia variou de dez a 15 minutos e, entre os grupos que se interessaram pelos aparatos interativos, este tempo chegou a até 20 minutos.

Na sala do Egito Antigo, o tempo da visita variou de cinco a 10 minutos. Nesta exposição, apesar de estar entre as preferidas do público, a maior parte dos grupos não lia as informações dos painéis e apenas observava as múmias. Foi possível observar que surgiam alguns questionamentos como “por que estão enroladas assim?” ou “por que o pé da múmia está desse jeito?” (se referindo aos pés de uma das múmias, que está com a ossada aparente). No entanto, estas pessoas não buscavam resposta para estas dúvidas nos aparatos informativos da sala, se atendo a inferências próprias. Algumas crianças demonstravam medo por estarem naquele ambiente e eram conduzidas pelos pais, que tentavam amenizar aquela sensação dando explicações que pudessem prender a atenção da criança. Também na sala do Egito Antigo era mais constante a recomendação dos pais para os filhos do cuidado com as vitrines, para não tocarem em nada. Outra curiosidade sobre esta exposição é que, após o término do circuito de exposições, muitas famílias retornavam para rever ou tirar mais fotos daquele espaço.

A observação dos visitantes nessa exposição comprova a reflexão realizada por Dierking e Falk (1994), que sustentam que os visitantes costumam dedicar a maior parte de seu tempo nas exposições olhando, tocando e conversando, mas não lendo. Eles costumam ficar atentos aos objetos e somente ocasionalmente consultam as legendas.

Dentre as exposições que as famílias mais gostaram, estão as de paleontologia, múmias, de etnologia indígena e a exposição temporária denominada “Fósseis do Continente Gelado, o Museu Nacional na Antártica.” Interessante ressaltar que nesta última, os entrevistados ficavam bastante surpresos por desconhecerem as pesquisas desenvolvidas pelos profissionais do Museu Nacional.

Família 20:
Mãe (36 anos, nível médio, do lar)

Eu gostei muito dos sarcófagos, das múmias, achei muito interessante.

Pai (39 anos, nível médio, mecânico)

Os dinossauros... achei perfeito. Aquele joguinho pras crianças ela adorou. Aquele quebra-cabeça ali que as crianças interagiram... nossa, muito legal! O que eu mais gostei então foi isso, essa parte.

Filha (12 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

O que eu mais gostei aqui foi da parte dos indígenas.

Mãe (36 anos, nível médio, do lar)

Muita coisa que tem aqui ela (filha) tá estudando.

Família 21:

Mãe (38 anos, nível superior incompleto, administradora de vendas)

Eu gostei de tudo, pois abrange de tudo, no sentido assim, da parte da Amazônia, parte indígena, do Brasil, de tudo. Na parte Tupi Guarani, como que lá, há tempos atrás, conseguiam fazer as coisas deles, as ferramentas deles? Eram pessoas bastante capacitadas. Como um todo o museu chama bastante atenção. Achei superrinteressante essa parte da expedição da Antártica.

Família 28:

Pai (40 anos, nível superior, administrador)

Eu gosto da parte do Egito e aí vem a recordação de quando eu era do ensino médio, eu lembro que eu via aquilo ali e eu ficava fascinado com aquilo. É uma pessoa que está ali dentro? Como é essa pessoa? Quer dizer, as perguntas vão mudando... aí eu vejo as perguntas que ela faz e assim, é totalmente diferente do que seriam os meus questionamentos hoje, né, mas eu acho que o aprendizado é isso. Pensar como é que era a sociedade, como era a organização da sociedade, aí já tá em outro nível de conhecimento. O conhecimento já vai se formando da curiosidade, tem aquela base, é legal, eu gosto.

Família 22:

Pai (45 anos, nível superior, economista)

Eu achei bacana aquela parte que fala sobre a expedição Antártida. Eu nem sabia que tinham pessoas daqui que tinham ido para lá. Acho muito interessante porque o Brasil estando presente lá, fazendo pesquisas, é muito bom. Eu acho que a população não tem muita informação sobre isso, fica uma coisa muito restrita da Marinha, aquela coisa toda. Eu sei que aqui no Rio de Janeiro tem muita gente que não conhece muita coisa que tem aqui dentro. O pessoal fica acomodado, fica naquela de deixar rolar.

Durante essa etapa da entrevista também é possível observar nas respostas como as pessoas interagem com o que está exposto, ou seja, que tipo de conjecturas é feito a partir dos objetos e das informações que são encontradas no Museu. Estas impressões revelam parte do processo que constitui a experiência museal desses visitantes. Segundo Köptcke,

cada visita é uma experiência única para o visitante, pois é percebida a partir do seu capital de experiências e conhecimentos, no encontro com os módulos, textos, percursos propostos pela exposição num ambiente socialmente mediado pela presença de outros indivíduos, que cruzam o caminho do visitante ou que o acompanham e com quem ele negocia um percurso de visita, manifesta opiniões e troca informações (KÖPTCKE, 2003, p.10).

Colinvaux (2005) aprofunda a experiência museal e afirma:

Entendemos que a bagagem prévia dos visitantes inclui também perguntas, dúvidas, questionamentos, que são determinantes da riqueza da experiência museal, ou seja, dos modos de ação, interação e interrogação de cada visitante em seu percurso e diálogo pelos espaços de um museu. Assim, por um lado, as ações do indivíduo são norteadas pela bagagem de perguntas e interrogações que traz em sua visita ao museu. Por outro, a perspectiva do visitante, em sua interação com os elementos de uma exposição, é condicionada pelo contexto específico de cada exposição. Confirma-se que interações parecem estar no cerne da experiência museal (COLINVAUX, 2005, p. 81).

Em relação à pergunta sobre o que menos haviam gostado, as famílias destacavam especialmente o que lhes causava estranhamento ou até mesmo certa repulsa. Além disto, as famílias sublinharam o seu desagrado em relação às salas fechadas, à inexistência de legendas em algumas peças e, mais uma vez, ressaltaram a expectativa frustrada de ver como era a casa real e imperial, tal qual existe em outros “museus/casa”. Foi citado também, em menor escala, que existem determinadas informações que são lidas, porém não são compreendidas, ou seja, ressaltando uma falha na comunicação entre a exposição e o seu visitante. Nestes casos, um aspecto positivo emanou da pesquisa, no sentido de despertar o desejo de retorno ao museu para buscar esclarecer as pendências de entendimento. Foi destacado também que as salas de Arqueologia Brasileira e de Culturas Mediterrâneas poderiam ter um mediador para reforçar a importância do acervo. Alguns destes aspectos também foram destacados nos resultados da pesquisa de Laclette (1995) quando a pesquisadora faz referência a necessidade dos visitantes de se depararem com textos explicativos, com redação simples e menos teórica, de terem guias nas exposições e também a expectativa de se deparar com o contexto histórico.

Para ilustrar os elementos de desagrado, seguem exemplos colhidos das entrevistas desta pesquisa:

Família 5:

Pai (29 anos, nível superior incompleto, desempregado)

Que tem algumas peças da exposição que não têm legendas dizendo o que é e aí eu fiquei decepcionado.

Família 8:

Pai (37 anos, nível médio completo, técnico de informática)

Vou ser franco, tem coisas que a gente lê e também não entende, mas, talvez numa próxima visita a gente consiga até esclarecer melhor.

Família 12:

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Eu acho que as cerâmicas, por serem cerâmicas, é normal. Não que eu não tenha gostado, mas é uma coisa que menos me chama atenção, por serem só as cerâmicas.

Pai (34 anos, nível médio, subgerente de fábrica)

Eu achava legal, assim, é uma opinião, né, eu achava mais interessante, legal, se tivesse uma pessoa, em cada lugar, assim, explicando ao vivo, assim, isso aqui era usado pra isso naquela época, tipo palestrando, eu achava legal se tivesse uma pessoa explicando na hora. É porque o vídeo, às vezes, a gente quase não escuta, né, são muitas pessoas falando. Então eu acho que seria legal ter tipo um palestrante explicando ao vivo, oh isso é usado para isso, naquela época, e tal, seria bem interativo. Ah, o vaso tal é da dinastia tal. Porque o vídeo explica, mas fica baixo, você não escuta com todo mundo falando.

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Até escuta, mas você vem num lugar pra ver, quer andar, não quer parar, parar para ver vídeos.

Família 27:

Pai (51 anos, nível superior, empresário)

Tem uma parte ali, que ela é meio assim, que tem umas múmias com as crianças, é um impacto. Acho que na hora também eu fiquei um pouco preocupado de como é que vai ser a repercussão, só isso. Mas assim, não é que não goste, é que é diferente, né, tem que ter, né?

Diante destes trechos extraídos das entrevistas, em especial aquele que ressalta a má comunicação das legendas com o visitante, é imperativo se questionar como uma exposição que trata de temas tão relevantes, como arqueologia, não consiga causar um impacto positivo no visitante, o que nos leva a sublinhar o que Valente diz:

A exposição, enquanto instrumento de comunicação, constitui a ação central de difusão do museu, pois oferece ao visitante não só a oportunidade de ver, mas de pensar, descobrir, explorar, desejar e investigar; explicita aí seu papel educativo, na medida em que difunde mensagens e conhecimentos extraídos da análise de um acervo preservado, a partir de diferentes formas e atendendo a diferentes

perspectivas temáticas. Entretanto, para que as exposições sejam eficientes e alcancem seu objetivo que, regra geral, consiste na mudança de atitude do público, é essencial que considerem o visitante (VALENTE, 1995, p. 7-8).

Ainda segundo a autora,

O museu deverá fornecer as condições que facilitem a seus freqüentadores explorar efetivamente seus recursos de informação, satisfazendo, então, a busca de conhecimento (VALENTE, 1995, p. 45- 46).

Os resultados da presente pesquisa, em consonância com Valente (1995), demonstram que os responsáveis pelas exposições do Museu Nacional devem sempre refletir como aproximar as exposições de seu público, utilizando os mais diversos recursos para que estes indivíduos satisfaçam sua busca por conhecimento.

As respostas referentes à importância que a visita ao Museu Nacional possui, reforçam a existência de uma busca dos pais por fornecer conhecimento para seus filhos, tornando “real” os diversos conteúdos vistos em outras fontes tais como livros, televisão e internet.

Família 22:

Filho (10 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Aprender de uma forma mais fácil pra entender.

Filha (11 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Pela cultura mesmo, porque você tá treinando seu aprendizado. Tá na escola, aí o professor fala alguma coisa, aí você fala que já foi naquele lugar, então acho interessante isso, porque agora não é só o mundo do videogame, é da cultura, eu acho que a criança tem que aprender isso ainda pequena.

Pai (45 anos, nível superior, economista)

A parte cultural. Por estarem in loco, aprendendo essa cultura e não verem só através da televisão ou pela internet.

Encerrando esse bloco, as famílias deveriam responder se achavam compreensível a forma como os temas eram tratados nas exposições. A grande maioria afirma que sim, no entanto, com algumas ressalvas, especialmente no que diz respeito aos instrumentos que são utilizados para caracterizar os objetos expostos, como as legendas (que em alguns locais não existiam), o tamanho das letras nos textos, a linguagem utilizada, entre outros fatores, conforme citado anteriormente entre os elementos que não agradaram na visita. As citações abaixo ajudam a ilustrar estes aspectos:

**Família 4:
Mãe (33 anos, nível médio)**

Sim, mas deveria ter letras maiores para facilitar o aprendizado. Deveriam deixar as explicações para a gente, que já está acostumado, mas para eles deveria ter a gravura com uma letra mais chamativa, bem grande, já que fica mais fácil pra eles. Estimula até a leitura. Aí já começa a associar a leitura à gravura. Mas como a letra é pequena, pergunta logo, não tá vendo, pergunta logo, o que é isso, o que é aquilo. Isso serviria para a criança se acostumar a ler ao invés de perguntar. Aí, sim, só perguntar o que não está entendendo. Serve para estimular eles a gostarem. Nenhuma sala teve isso. Só conseguem ler o que está grafado. Quando a letra está muito pequena, aí diz: eu não entendi.

**Família 8:
Pai (37 anos, nível médio, técnico de informática)**

Eu acho que a grande maioria sim, mas tem umas coisas que deveriam ter uma parte bem mais técnica do assunto. Como está ali tem que permanecer, mas, também, ter uma forma mais didática, com uma linguagem mais destrinchada, mais pra idade dele (do filho). Que chame um pouco mais a atenção, que ele leia e que ele entenda mais. Eu acho que o museu tem que buscar sempre o interesse das pessoas e não ser tão frio tecnicamente. Tem que arrumar um jeito de sempre buscar o interesse das pessoas, arrumar um jeito de se aproximar das pessoas.

**Família 10
Mãe (26 anos, nível superior incompleto, do lar)**

Tinha algumas partes que a gente ficava procurando informação sobre aquilo, mas o que estava escrito era apenas “não toque na peça”, tinham poucas informações. As que tinham, eram compreensíveis.

Esses resultados obtidos se mostram alinhados com as considerações apresentadas por Studart (2000), onde ela sustenta que, se os museus conseguirem motivar os visitantes através de uma experiência na qual eles possam se divertir e se aprimorar ao mesmo tempo, eles terão grandes chances de serem bem sucedidos em sua tarefa de educação e comunicação.

3.5 - Interação familiar

Esta parte da pesquisa buscou conhecer a interação familiar na visita ao Museu Nacional, se houve aumento da cumplicidade entre os membros, se a experiência vivida coletivamente é estimuladora para novos programas culturais e se a visita proporcionou a obtenção de conhecimentos, informações e, principalmente, se estimulou os filhos a adquirirem hábitos culturais. Serviu, também, para identificar quais temas eram mais interessantes, se havia algum membro da família mais requisitado para dar explicações e, ainda, para investigar a sensação da família na saída do Museu.

A maior parte das famílias identificou as salas de exposições de Paleontologia e Egito como os locais em que o grupo melhor interagiu. Esta afirmação confirma a expectativa que a maior parte já havia declarado no início da entrevista, demonstrando que as exposições mais procuradas pelas famílias despertam o diálogo e estimulam a interação familiar, conforme trecho a seguir:

Família 5:

Pai (29 anos, nível superior incompleto, desempregado)

Pela fascinação do Gabriel com as múmias egípcias, com os esqueletos, pudemos conversar muito sobre os ritos fúnebres daquela época nesta sala. Tem um diálogo a partir da curiosidade dele.

Durante as observações realizadas, as modalidades de visita mais recorrentes são a visita cúmplice (em que há uma atitude atenta e calma dos acompanhantes adultos, que conversam com a criança todo o tempo) e a visita pedagógica não-diretiva (que é caracterizada pelo objetivo do adulto em explicar à criança o que ela está vendo ou fazendo, com a intenção de despertar a atenção ou o interesse sobre o tema). Tal fato pode ser comprovado abaixo, através do relato de um dos entrevistados.

Família 10:

Pai (32 anos, nível superior incompleto, bancário)

A sala das múmias propiciou um diálogo bem grande. Tudo que ela vê, ela pergunta tudo. Aqui a gente foi falando: a múmia, quando morria, as pessoas botavam ela daquele jeito. Aí ela viu na sala das múmias um pé preto, aí ela quis saber, porque que o pé dela tá assim? - Assim como? - Preto. Aí eu expliquei, porque ela morreu, aí enrolou ela toda. Com ela, em quase todas as salas foram assim. Todas as salas propiciaram um diálogo até pela própria curiosidade dela. E o pai teve que se virar pra explicar direito, né?

Nesse bloco de perguntas vai ficando aparente como as relações dentro do universo familiar se dão durante a interação com as exposições, reforçando especialmente a troca e a proximidade entre os elementos do grupo.

Família 8:

Pai (37 anos, nível médio, técnico de informática)

O museu acaba atendendo não só a expectativa dele, mas a nossa também. Às vezes a gente vai algum tipo de passeio, de diversão, que vai agradar ele e não a gente e vice-versa também.

Mãe (39 anos, nível superior incompleto, estudante)

A sala dos dinossauros mesmo, que foi a parte que ele interagiu mais com a gente. Ele busca, faz perguntas, e a gente responde. Porque depois ele vai crescer e se interessar por outras coisas, nas outras partes, ele ainda não está nesse nível de interesse, nas partes de canibalismo e África, por exemplo, a

gente queria parar pra ler e ver um pouco mais, mas ele ainda não tem muito interesse, aí ele não teve paciência. Algumas partes ele ainda tem medo.

Pai (37 anos, nível médio, técnico de informática)

Quando ele crescer, ver e se surpreender, ele vai se interessar. Com a escola, ele vai chegar nesse nível, tem que ser de acordo com a idade dele.

Essa citação encontra respaldo nas palavras de Furstenberg e Hughes,

Crianças que podem contar com seus pais, para apoiá-los e assisti-los, têm uma vantagem desenvolvimentista importante sobre crianças que têm menos relações de apoio com membros da família (FURSTENBERG e HUGHES *apud* Studart, 2003, p. 96).

A importância dessas relações de apoio ficou evidente, em especial, em uma das famílias observadas. O filho, na sala de Paleontologia, reconhecia um dos dinossauros e o apresentava aos pais, dizendo: “pai, olha, esse é o braquiossauro!” Em seguida, a criança chamava a mãe para que ela também pudesse ver a espécie e na sequência, os dois caminhavam juntos pela sala, dialogando sobre a exposição. Foi observado, ainda, que os pais também mostravam ao filho as outras peças existentes na sala e liam juntos as legendas expostas. É interessante destacar que, ao mesmo tempo em que estavam caminhando juntos, por vezes, cada um escolhia o seu percurso de acordo com seus interesses. Durante a utilização de um aparato interativo digital, em que havia um jogo de quebra-cabeça, a mãe ficou o tempo todo ao lado da criança, auxiliando no início de sua utilização e acompanhando como o filho progredia. Em paralelo, o pai se aproximava rapidamente, mas preferia assistir ao vídeo da exposição. Ao completar a imagem do quebra-cabeça, a criança vibrou por ter terminado a tarefa, e logo foi parabenizado pelos pais, que valorizaram aquele feito.

Esta família exemplifica as palavras de Dierking (2009) quando afirma que “boa parte do que aprendemos é mediado pela interação social em grupo, por meio de conversas, gestos, emoções e observações”.

Isso também pode ser reforçado quando, nas entrevistas, as famílias respondiam o que a visita proporcionou. Alguns relatos se assemelham ao abordarem a união da família, o prazer de estar juntos em um programa cultural de busca pelo conhecimento, conforme as citações a seguir:

**Família 11:
Pai (42 anos, ensino médio, militar)**

O prazer de, primeiro, de eu estar com a minha família ali, e é, também, aquela coisa da descoberta. Porque além de ser descoberta pra eles, além de nos fazer lembrar, nos faz a par de muitas coisas, porque tem certas coisas que

eles nos perguntam e nós não sabemos. Então eu tenho que procurar saber. Porque, daqui a pouco ele vai querer saber. Então instiga também a querer saber mais, a adquirir mais conhecimento. O museu não é só importante para o conhecimento deles, mas pra você também, pra gente poder saber mais, a gente se sente estimulado, pra poder passar mais pra eles, então é quase que um processo cíclico.

Família 2:
Mãe (35 anos, nível superior)

O contato com os filhos, carinho, a passagem de conhecimento, o diálogo, a satisfação de estar junto.

Família 7:
Pai (36 anos, nível médio, técnico em eletrônica)

A família junta já proporciona uma coisa muito interessante. Muitos pais não trazem filhos porque os pais trabalham, chegam no fim de semana já cansados. O pai às vezes quer descansar ou jogar uma bola, a mãe fica com o filho em casa, então isso não une muito. Em casa tem computador, videogame, cada um tem seu quarto, sua TV, então a família se afasta um pouco, mas quando visita todo mundo junto, todo mundo fala a mesma língua, toca no mesmo assunto. Então, com certeza, vão chegar em casa e os três vão ter o mesmo assunto pra conversar. Coisas que na família, hoje em dia, não tem mais isso: criança quer falar de jogo, de videogame, de computador; o pai, homem geralmente curte um futebol; a mulher normalmente gosta de falar de novela. Então, são assuntos sempre muito diferentes então, a gente procura sempre fazer os mesmos programas juntos, então a gente está sempre conversando as mesmas coisas, mas as pessoas que eu vejo estão sempre conversando coisas diferentes. Então, se traz a família inteira pra ver o museu, tenho certeza que vão gostar, como a gente gostou, e eles vão ter um bom assunto.

Mãe (36 anos, nível médio, professora)

Além disso, ele (o filho) vai chegar em casa contando tudo pra minha mãe, outros vão chegando e ele vai contando tudo que viu. Aí vão ter 10 pessoas falando sobre o mesmo assunto e as pessoas vão querer conhecer também o museu ao escutar, ver as fotos e o filme que a gente fez no museu. Vai propagar.

Nesses relatos, fica evidente o conceito de capital social baseado na família, proposto por Coleman (1988), que está associado ao diálogo familiar e ao envolvimento da família com amigos e/ou pais dos amigos dos filhos. Também faz parte desta concepção, as trocas cotidianas existentes nos momentos das atividades de lazer e entretenimento dentro de casa, como por exemplo, conversar com os filhos sobre livros, filmes, programas de televisão, dentre outras.

Para Coleman (1988), há uma estreita relação entre a estrutura familiar e a noção de capital social baseado na família. No entendimento deste autor, os contextos caracteristicamente privados, informais, intensos e duráveis das relações familiares, nos quais acontecem as interações face a face são preponderantes para a organização do capital social baseado na família. Para ele, a família é uma rede chave

na construção deste tipo de capital, que se manifesta na força das relações entre pais e filhos e que depende da presença física de adultos no contexto familiar e da atenção que é dispensada às crianças e jovens.

Nesse mesmo campo, Cazelli (2005) sustenta que

contextos familiares que possuem alto nível deste tipo de capital estão mais aptos a propiciar à sua prole um ambiente cognitivo dotado de recursos relacionados à informação, cultura e relações sociais. Portanto, são nítidos seus efeitos significativos no aumento das chances de acesso a expressões culturais como museus (CAZELLI, 2005, p. 198).

Em termos de aquisição de conhecimento, muitos reforçam o papel do Museu enquanto local para aquisição de saberes e complementação de assuntos que as crianças aprendem na escola. Estas afirmações retomam o fato de que são as crianças as grande motivadoras da visita familiar.

Família 5:

Pai (29 anos, nível superior incompleto, desempregado)

Na verdade, não lembro se foi na última vez que estivemos aqui, mas ele me fez uma pergunta a respeito de povos latino-americanos, como eles chegaram. Aí eu não soube responder. Quando chegamos em casa, eu fui na internet e consultei. É o tal negócio, o museu sempre que ele não te explica, não é falha, mas sempre que tem uma lacuna, quando uma criança faz uma pergunta e você não consegue responder, você tende, eu pelo menos, a me sentir motivado a descobrir... me estimula muito ter que perseguir o conhecimento. Uma outra coisa que já aconteceu também foi de vermos na TV uma tumba que foi descoberta e aí ele falou: parece a tumba que a gente viu no museu e aí a gente relembra e conversa mais.

Família 12:

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Acho que o museu é só um complemento do que você já aprendeu na escola. E tipo você tira a prova daquilo que você já aprendeu na escola e você vai ver que aquilo é realmente verdade.

Pai (34 anos, nível médio, subgerente de fábrica)

E as crianças, também, na escola comentam com os coleguinhas, ah, poxa eu vi lá no museu esse negócio que está aqui no livro. É um complemento da história e aqui você faz a confirmação, tem ligação direta com a escola.

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Aqui pode ampliar. Na escola é a teoria e aqui é tipo a prática. Na escola você não vê aquilo que eles estão falando. Você conhece a teoria e aqui você já conhece e pode ver o objeto.

Família 15:

Mãe (40 anos, nível médio, artesã)

Acho que pra eles (filhos) aumenta, né?

Pai (39 anos, nível superior incompleto, consultor de empresas)

Muita coisa nova, muita informação nova, talvez o momento, por estar perto dos 40 anos e muito na área técnica, não tinha muito essa parte da história. Acho que no museu tem muito conteúdo pra eles, muito conhecimento, muitas coisas que eles viram na escola.

Retomando as ideias de Coleman (1988), é possível constatar a importância do capital social dentro da família para a educação dos filhos. A presença do capital social é considerada fundamental para transferir o capital humano dos pais para os filhos. Para este autor, o capital humano é medido pelo nível de instrução das pessoas. No caso das famílias, o capital humano medido pela instrução dos pais é importante para proporcionar um clima cognitivo propício à aprendizagem escolar de crianças e de jovens.

se o capital humano possuído pelos pais não é complementado pelo capital social enraizado nas relações familiares, o capital humano dos pais torna-se irrelevante para o crescimento educacional dos filhos” (COLEMAN, 1988, p.111).

O conceito de capital social formulado por Bourdieu (1980) enfoca, mais especificamente, o papel das redes de relações sociais externas à família. Porém, seu conceito de capital cultural está entrelaçado na malha familiar (relações intrafamiliares), no qual há uma preocupação dos pais com a transmissão da herança cultural, reforçando as trocas simbólicas entre pais e filhos.

Perguntados sobre a aquisição de hábitos culturais pelas crianças, muitos pais acreditam que a visita ao Museu irá estimular outras práticas deste tipo. Até mesmo pela satisfação que foi apresentada em diversas falas e pela busca constante de ampliar o conhecimento das crianças, somando ao que elas aprendem na escola. Muitos pais identificam, inclusive, a ida ao museu como uma forma de entretenimento para os filhos, como se pode observar:

Família 8:

Pai (37 anos, nível médio, técnico de informática)

Pela idade dele, ele não vai ter muita percepção para algumas coisas, mas vai criar um hábito nele, de sempre estar vendo. No museu existe a questão da transformação do museu, tem coisas novas, entre aspas, que vão entrar no museu. Quando criança eu vim e não tinha isso, agora tem. Isso vai estimular ele a mais tarde, a sempre procurar.

Mãe (39 anos, nível superior incompleto, estudante)

A nossa preocupação é sempre essa, por nós morarmos na Baixada, não temos muito opção, aí a gente traz ele pra esse outro lado, pra despertar outras coisas, pra não ficar limitado a essa coisa só de shopping, até pra preencher o tempo dele.

**Família 23:
Pai (45 anos, pós-graduado, gerente de produtos)**

Para elas (as crianças) cobrarem mais visitas.

Nesse sentido, Cazelli (2005), apoiada nos conceitos de Coleman (1988), afirma que

famílias nas quais os pais vivem juntos e concedem atenção especial às crianças e aos jovens podem não só acompanhar cotidianamente a escolarização dos filhos, mas criar um ambiente de socialização mais denso, pela multiplicação de atividades extraescolares e pelo desenvolvimento de estratégias de diferenciação cultural. Este contexto promove um apoio sociocultural capaz de aumentar as chances de acesso a museus ou instituições culturais afins (CAZELLI, 2005, p. 193).

Uma das famílias assinala a diferença entre a visita que os filhos fazem com a escola e a importância do retorno em família, com vistas a aprofundar e gerar reflexão sobre os temas abordados nas exposições.

**Família 25:
Mãe (35 anos, nível superior, empresária)**

Nós entramos justamente com este objetivo, de fazer com que ela aprenda, crie o hábito e aprenda a apreciar. Talvez tenha faltado um pouquinho disso em relação aos nossos pais, assim, de trazerem muito a gente. Embora sejam pessoas cultas também, não fui muito. Foi um passeio que meus pais não fizeram muito comigo e eu ia mais com a escola. Talvez eles deixassem isso mais pra escola né, mas eu acho importante, que além da escola, ir com a família. Porque os passeios com a escola, né, tem a bagunça, aí você não sabe até que ponto seu filho vai, você não sabe tudo que ele viu, tudo que ele aprendeu de fato. Porque tem a turma, o grupo, aí o guia fala baixo, aí o outro, né? Eu acho que com os pais, você consegue focar mais, tem mais calma, então a gente pretende levá-la sempre pra criar esse hábito que a gente acha importante.

Os relatos citados são exemplos do que Cazelli (2005) afirma em sua tese de doutoramento,

Jovens estudantes que usufruem de um ambiente familiar pleno de interações têm maiores chances de acesso a expressões culturais como museus, em comparação com aqueles inseridos em ambientes nos quais predominam a ausência de diálogo familiar e outras carências (CAZELLI, 2005, p. 196).

E, durante as visitas, quem a família identifica como sendo o mais solicitado para dar explicações? A esta questão, há uma predominância, nas famílias nucleares, da figura paterna, como vemos abaixo:

**Família 22:
Mãe (39 anos, nível médio, do lar)**

O papai, né? Ele é uma enciclopédia ambulante.

Filho (10 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Ele explica numa linguagem pra criança.

Filha (11 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Às vezes a gente até extrapola, porque a gente pergunta coisas de 30 milhões de anos atrás, aí meu pai fala: eu não sou arqueólogo, não.

Pai (45 anos, nível superior, economista)

Porque é uma questão, que eu passo muito pra eles, que é buscar as informações das coisas, buscar o conhecimento, buscar saber por que as coisas acontecem. Eu falo pra eles: eu consigo responder tudo que eles me perguntam, porque o que eles perguntam e eu não sei, eu respondo que eu não sei e que vou buscar as informações.

Além dessa fala, há, em uma das observações realizadas, um exemplo em que o pai exercia o papel de “condutor” da visita. A família, ao entrar na sala de Paleontologia, se dirigiu à exposição “Dinossauros do Sertão” e se agrupou para ouvir a fala do pai que dava explicações de forma narrativa, detalhada e pedagógica. O pai não somente contava a história como também fazia perguntas: “Vocês sabem o que aconteceu aqui?” Ele utilizava uma linguagem bem acessível, empolgada e bastante motivadora. As crianças, por sua vez, se mantinham atentas e interessadas, além de fazerem perguntas o tempo todo. A mãe, em alguns momentos intervinha, complementando as informações dadas pelo pai. Por fim, o pai perguntou se eles haviam gostado do que viram, fazia perguntas relativas à exposição e sobre o que tinham aprendido. Quando as crianças respondiam corretamente, o pai fazia elogios e estimulava os filhos.

Há, no entanto, famílias que não observaram uma diferenciação quanto a esse aspecto, como na fala a seguir:

**Família 6:
Mãe (46 anos, nível médio, do lar)**

Não tem preferência, não. Geralmente a gente fica sempre pertinho um do outro, então, quando um fala, todo mundo ouve e quem souber, responde.

No aspecto da interação familiar a maior parte dos pais descreveu como os filhos se comportaram durante a visita, valorizando aspectos quanto à atenção dispensada nas exposições, a “obediência” das crianças ou como os adultos fazem

para passar as informações para as crianças. Vale notar como alguns pais se “deixam” guiar pelos filhos, se preocupando apenas com o que é de interesse para eles.

Família 8:

Pai (37 anos, nível médio, técnico de informática)

Com ele (filho), bateu mais a necessidade de vir, pra ele ver, conhecer, ainda mais por causa dos fósseis dos dinossauros. Ele passou a semana toda perguntando, cobrando que queria ver os dinossauros.

Mãe (39 anos, nível superior incompleto, estudante)

O adulto aproveita a questão das crianças, da curiosidade pra vir e ver também, e aprender e conhecer. Apesar de que com ele a gente não tem muita opção. Hoje, por exemplo, ele só queria ver os dinossauros. A gente não tem muito tempo de ver outras coisas. Mesmo assim, superficialmente, com o tempo que a gente tem, já é bem satisfatório.

Família 16:

Pai (39 anos, nível superior, comerciário)

Em todas as salas teve interação, começou na sala do meteorito, depois na da Antártida, todas as salas tiveram, então nenhuma sala deixou a gente sem conversar, falando. Todas as salas foram bacanas. Visita tranqüila, procurando sempre explicar pra eles, uma visita como se fosse uma visita pedagógica. O Felipe é mais disperso, mas a Rafaela, com a mesma idade, acompanhou mais, ficou mais próxima.

Apesar de a maior parte dos adultos se definirem como “guias” das crianças, também havia casos em que a troca de saberes ocorria dos filhos para os pais:

Família 15:

Mãe (40 anos, nível médio, artesã)

Mesmo eles sendo crianças, eles têm alguma coisa pra passar pra gente. Então era, ah, mãe, isso é assim, então eles passam pra gente alguma coisa nova que ouviram que a gente já esqueceu. A gente vê, né, então é diferente também porque a gente vê.

Esse comentário nos remete ao pensamento de Studart:

Está muito difundida a idéia de que os adultos ensinam seus filhos, mas também há casos em que eles podem aprender por intermédio das crianças. É muito importante fornecer informação aos adultos para que estes tenham acesso rápido quando são feitas as inevitáveis perguntas por parte das crianças a respeito do conteúdo presente nas exposições (STUDART, 2002, p. 7).

Nesta pesquisa foi constatado, ainda, que a interação também ocorria nas salas em que havia algum aparato interativo, estimulando a troca dentro da família:

Família 12:

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Até que eles ficaram comportados. Eles começaram a perguntar, na parte que tem os quebra-cabeças, eu joguei com eles. Eles gostaram bastante.

Pai (34 anos, nível médio, subgerente de fábrica)

Aguça a curiosidade deles, e aí eles começaram a perguntar depois que perderam o medo.

Outra família observada apresentou um comportamento que chamava a atenção: o filho, atento às exposições, enquanto a mãe preferia somente fazer fotos do menino em frente às vitrines. Neste caso, menos recorrente entre os grupos observados, a criança foi impossibilitada de manter um contato com o que estava exposto, uma vez que a mãe o segurava no colo, caminhando pela sala de Paleontologia, somente se preocupando em fotografar a si própria com o filho. Observa-se que até há uma valorização do acervo exposto, uma vez que o adulto se interessa em tirar fotos dos locais, de “aparecer” com o filho e um dinossauro ao fundo, por exemplo. No entanto, não houve uma busca por obter informações sobre aquela espécie ou mesmo de atender ao pedido do filho, que solicitava à mãe, o tempo todo, que pudesse ver as peças expostas.

A partir de algumas falas dos entrevistados percebe-se que faltam em algumas salas, legendas, gráficos ou outras ferramentas que possam facilitar o entendimento das exposições. Isto dificulta, por exemplo, a troca de conhecimentos que poderia ocorrer entre os pais e as crianças, no caso de ocorrerem dúvidas entre os membros mais jovens. A fala a seguir, evidencia esta deficiência:

**Família 3:
Mãe (37 anos, nível médio)**

Na exposição dos canibais estava sem explicação, era difícil de entender. As urnas também não tinham um contexto para mostrar que ali ficavam os restos mortais.

Além disso, foram feitos relatos de famílias que destacaram que a visita ao museu funcionou como um canal de comunicação e divulgação entre as próprias crianças, ou seja, elas levavam para a escola fotos das exposições e comentavam sobre suas impressões incentivando os demais colegas a também visitarem o Museu. Este comportamento também foi notado entre os adultos que comentavam que divulgaram entre colegas de trabalho e familiares, gerando, assim, a chamada propaganda “boca a boca”:

**Família 10:
Mãe (26 anos, nível superior incompleto, do lar)**

Propicia uma união.

Pai (32 anos, nível superior incompleto, bancário)

Eu tenho certeza de que ela vai ficar falando disso a semana inteira, pra todo mundo que chegar lá em casa, ela vai ficar falando... vi a múmia, vi as pedrinhas que caíram do céu.

Mãe (26 anos, nível superior incompleto, do lar)

Vai falar: meu papai e minha mamãe me levaram no museu.

Pai (32 anos, nível superior incompleto, bancário)

Vai chegar na segunda-feira na escola, vai falar com a professora, eu tenho certeza absoluta.

Mãe (26 anos, nível superior incompleto, do lar)

Por exemplo, se eu chegar em casa agora ou se eu fosse na casa da minha mãe, eu ia chegar pra minha mãe, eu ia dizer, mãe, olha só, eu fui no museu e lá eu vi umas coisas muito bacanas. Eu ia explicar tudo aquilo pra ela. E já ia aguçar a curiosidade dela pra vir. Porque eu olhei, eu vi, entendi aquilo ali. Porque eu não vim só pra tirar foto e fui embora. Aquilo ali teve um impacto. Vai aguçar a curiosidade dela e ela vir.

Esse depoimento ressalta a repercussão que um museu de ciência pode gerar nos indivíduos, ou seja, os conhecimentos adquiridos ou mesmo a experiência da visita são compartilhadas com amigos e outros parentes.

Já em relação a “com qual sensação a família saiu da visita”, a grande maioria disse estar satisfeita, com um único relato de “frustração”, por conta de um espaço expositivo que se encontrava fechado, como é possível observar a seguir:

Família 5:

Pai (29 anos, nível superior incompleto, desempregado)

Boa. Um pouquinho frustrado por causa dos animais, mas a gente teve um bom tempo pai e filho e a gente vai sair agora e, provavelmente, vai comer besteira e andar naqueles carrinhos e ele ainda quer ir no jardim zoológico.

Além disso, também ficam evidentes nas falas que muitas famílias saem com uma sensação de relaxamento, de tranquilidade e com um sentimento de “dever cumprido”, por estar propiciando aos filhos a chance de fazer programas desta natureza. Uma das famílias, que estava visitando um museu pela primeira vez (família 12), se mostrou também bastante satisfeita e realizada.

Família 26:

Mãe (39 anos, nível fundamental incompleto, empregada doméstica)

Ah, muito boa. Maravilhosa. Sensação muito, muito boa. A gente tava até comentando que a gente vai voltar.

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

Eu saio, assim, com uma sensação de mais tranquilidade, porque, sinceramente, lá fora é muita coisa. Não é que goste ou deixe de gostar, mas aqueles bailes, aquela violência. Então você faz um programa destes, você reflete diferente e sai com uma imagem diferente, de coisas boas que você pode ver sem ser isso aí.

Família 12:

Mãe (28 anos, nível médio, atendente de loja)

Ah! Com a sensação de que já fui a um museu na minha vida. É uma sensação boa.

Esses resultados se assemelham aos encontrados em pesquisa realizada por Studart (2000) na Grã-Bretanha sobre três exposições planejadas para o público infantil:

A análise das entrevistas indicou que pais e outros acompanhantes adultos manifestaram uma atitude entusiasmada com relação à oportunidade de as crianças interagirem com aparatos em museus, porque acreditam que isso motiva a criança para o aprendizado e a encoraja a visitar museus com maior frequência. Pais e parentes consideraram as exposições dirigidas ao público infantil ambientes agradáveis, relaxados, amistosos, divertidos e educativos. As crianças perceberam as exposições como lugares estimulantes; viram-nas também como educativas e como espaços onde as pessoas podem aprender. Tiveram sentimentos positivos nesses espaços e relataram experiências prazerosas (STUDART, 2005, p. 62- 63).

Também podem ser comparados com os obtidos pelo OMCC, em que os entrevistados também relataram sair satisfeitos da visita ao Museu Nacional, tanto em 2005 quanto em 2009.

Tabela 10: Percentual dos visitantes, por como se sente em relação à visita que acabou de realizar ao Museu Nacional

		2005	2009
Como se sente em relação à visita que acabou de realizar	Muito satisfeito	21,7	28,9
	Satisfeito	57,3	55,1
	Pouco satisfeito	18,0	12,7
	Insatisfeito	3,0	3,3
	Total	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa Perfil-Opinião 2005 e 2009, OMCC.

3.6 - Perspectiva Futura

Todos os entrevistados declararam que pretendem retornar ao Museu Nacional. Os objetivos para este retorno são os mais variados: aprender mais, levar outras pessoas, poder ver as salas de exposição que estavam fechadas ou simplesmente para rever as exposições.

As pesquisas do OMCC de 2005 e 2009 também indicam um grande percentual de visitantes que possuem a intenção de retornar ao Museu e, entre os principais motivos para este retorno está o de conhecer novas exposições e o de mostrar a instituição para amigos e familiares.

Valente, em sua pesquisa sobre o Museu Nacional, faz uma análise sobre esse retorno dos visitantes:

É interessante constatar ainda que alguns entrevistados percebem claramente que o conhecimento no museu não se dá de imediato e que o retorno é uma exigência para sedimentar e ampliar o que viram na primeira vez. Sabe-se que a pessoa, quando vai ao museu, geralmente está em busca de novos conhecimentos e, quando retorna à instituição pela segunda vez, além dessa procura do novo, ela deseja rever os conhecimentos que fez na primeira visita. Começa então a se estabelecer uma relação com o museu, como se, ao retornar, pudesse obter respostas às questões suscitadas nas visitas anteriores (VALENTE, 1995, p. 175).

Essa afirmação pode ser comprovada nos relatos a seguir:

Família 17:
Pai (38 anos, nível superior, economista)

Pra ver outras partes, conhecer mais. Ficamos animados, a nossa família toda tende a voltar.

Família 20:
Filha (12 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Para aprender mais coisas.

Mãe (36 anos, nível médio, do lar)

Eu voltaria também para isso, e para trazer outras pessoas. Que às vezes as pessoas vem aqui e não vem no museu por preguiça. Falam: ah eu não vou ao museu. Eu viria e vou vir sim para trazer minhas amigas.

Irmã da mãe (41 anos, nível médio, do lar)

Fiquei reparando que tem gente que dá bloquinhos para a criança, os joguinhos dos dinossauros, os postais. Achei que isso também desperta a curiosidade na criança. Não só ouve, mas também toca, acho que com criança é assim, né, estimula mais. Que só ver é chato com criança. Mas quando tem joguinhos, a criança já começa a despertar o interesse.

Família 26:**Filha (9 anos, estudante, nível fundamental incompleto)**

Ver o que tem nas salas que estão fechadas.

Mãe (39 anos, nível fundamental incompleto, empregada doméstica)

Também para ver o que vão montar lá.

Pai (50 anos, nível médio, vigilante)

E pra poder fazer o passeio da família, pra gente poder conversar mais.

Família 28:**Pai (40 anos, nível superior, administrador)**

Pra ver tudo de novo. Pra ver tudo de novo com outros olhos.

Filha (8 anos, estudante, nível fundamental incompleto)

Para lembrar.

Pai (40 anos, nível superior, administrador)

Pra lembrar e ver coisas novas e que a gente não viu hoje, ou que a gente vai ver de novo, mas, é aquilo que eu te falei no início, né, eu acho que hoje a gente viu algumas coisas, de outra vez que você vem a gente vai ver outras, a gente não consegue manter tudo ou guardar tudo, eu acho que a intenção também não é essa, né?

Considerando essas respostas, é possível depreender que o Museu Nacional incita seus visitantes ao retorno. Diante disto, é preciso que a instituição se prepare de maneira adequada para esta nova visita. E isto pode ocorrer de formas variadas, seja pela renovação das exposições ou pela criação de novas atividades.

De maneira geral, demonstrou-se que, além de um “guardião de tesouros”, o Museu deve se colocar como um espaço de educação não formal e de interação entre seus visitantes, considerando suas necessidades e assumindo-se como um espaço de lazer.

Algumas das sugestões deixadas pelos visitantes podem ser utilizadas como parte do diálogo que deve existir entre a instituição e seus públicos distintos:

Família 2:**Pai (34 anos, nível superior)**

Ter algum local para comer, uma lojinha no Museu e atividades para crianças. Também deveria ter mais divulgação das novas exposições na própria Quinta da Boa Vista.

Família 4:**Pai (36 anos, nível médio)**

Mais emergencial seria ter alguém para poder explicar. Uma pessoa falando, a criança pega com mais facilidade que lendo.

Família 10:
Pai (32 anos, nível superior incompleto, bancário)

Não sei se um guia é o ideal, mas eu acho que precisa de um estímulo mais pra puxar mais, explicando porque aquilo está ali, pra contar como que aquele objeto veio pra cá, como que ele veio pra cá, não sei, alguma coisa tem que gerar significado. Fora isso, não sei, talvez um guia, alguma coisa assim.

Para encerrar este capítulo, segue abaixo a síntese dos resultados obtidos:

Tabela 11: Perfil das 28 famílias participantes desta pesquisa

	Adulto	Criança	Total de pessoas no grupo familiar
Homens	26	21	
Mulheres	28	27	
Total	54	48	102

ESCOLARIDADE

- ✓ A maioria dos adultos (61,1%) possui formação até o ensino médio completo.
- ✓ O restante (38,8%) possui nível superior incompleto, superior completo e pós-graduação.

LOCAL DE MORADIA

- ✓ 13 famílias residiam na cidade do Rio de Janeiro (Laranjeiras, Copacabana, Cachambi, Riachuelo, Méier, Vila da Penha, Jardim Guanabara, Anchieta, Jacarepaguá, Taquara, Bangu, Campo Grande e Paciência);
- ✓ 12 famílias residiam em outros Municípios do Estado do Rio de Janeiro (Petrópolis, Magé, Duque de Caxias, Belford Roxo, Nova Iguaçu, São João de Meriti, Niterói, São Gonçalo e Itaboraí);
- ✓ 03 Famílias residiam em outros Estados (São Paulo, Paraná e Pará).

Tabela 12: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação remunerada

Ocupação remunerada	Frequência	Ocupação remunerada	Frequência
Técnico em informática	1	Escritora	1
Técnico em eletrônica	2	Servidor público	1
Técnico de enfermagem	1	Mecânico	1

Continua na página seguinte.

Continuação da Tabela 12.

Ocupação remunerada	Frequência	Ocupação remunerada	Frequência
Professora	2	Administrado de vendas	1
Bancário	1	Administrador	1
Militar	1	Gerente de produto	1
Plataformista	1	Analista judiciário	1
Atendente de loja	1	Empresário	1
Subgerente de fábrica	1	Gerente de tecnologia	1
Artesã	1	Empregada doméstica	1
Consultor de empresas	1	Vigilante	1
Comerciário	1	Aposentada	1
Economista	3		

Tabela 13: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por ocupação não remunerada

Ocupação não remunerada	Frequência
Do lar	8
Estudante	1
Desempregado	1

Tabela 14: Distribuição quantitativa dos componentes das famílias participantes desta pesquisa, por faixa etária

Faixa etária	Frequência
zero a 6 anos	16
7 a 10 anos	23
11 a 14 anos	6
15 a 19 anos	4
20 a 24 anos	-
25 a 29 anos	4
30 a 39 anos	31
40 a 59 anos	17
60 anos ou mais	1
Total	102

ANTECEDENTES DA VISITA

- ✓ A maior parte dos componentes das famílias entrevistadas já havia estado no Museu anteriormente.
- ✓ O retorno dos visitantes ocorre, na maioria das vezes, após três anos.
- ✓ Dos que nunca haviam entrado, a maioria alega que sabia da existência, mas que não dava tempo de entrar quando estavam na Quinta da Boa Vista.

PROCESSO DECISÓRIO

Iniciativa de visitar o Museu

✓ A iniciativa da visita, na maioria das vezes, é dos pais, mas as crianças tem forte influência motivadora.

Motivos da visita

- ✓ Estimular os filhos a adquirirem conhecimento;
- ✓ Lazer em família;
- ✓ Curiosidade;
- ✓ Criar valores culturais para os filhos;
- ✓ Fazer comparações entre o passado e o presente.

Hábito de visitar museus ou instituições culturais afins

✓ A maior parte das famílias entrevistadas declarou que tinham o hábito de visitar museus ou instituições culturais afins.

Frequência de visitação

- ✓ Duas visitas a museus por ano.

Havia algo que dificultasse a visita ao Museu Nacional?

✓ Ainda que a maioria tivesse relatado que não havia nada que dificultasse, nas justificativas elas acabavam descrevendo alguns obstáculos como falta de novidade, dinheiro, tempo, distância, calor e falta de divulgação.

Expectativas

- ✓ Ver, especialmente, os dinossauros expostos no Museu;
- ✓ Promover uma agradável e produtiva experiência de visitação a museu;
- ✓ Ver referências históricas das famílias real e imperial;
- ✓ Agradar aos filhos e saber como seria a reação em uma visitação às exposições do Museu Nacional.

A VISITAÇÃO

Duração da visita

- ✓ Entre 30 minutos e uma hora.

O que mais gostaram?

- ✓ Paleontologia
- ✓ Egito
- ✓ Etnologia indígena
- ✓ Fósseis do Continente Gelado, o Museu Nacional na Antártica.

O que menos gostaram?

- ✓ Salas fechadas;
- ✓ Frustração com o fato do museu não ter ambientes históricos;
- ✓ Exposições que causavam estranhamento ou repulsa (canibalismo, “múmia bebê”);
- ✓ Inexistência de legendas em algumas peças;
- ✓ Tamanho das letras nos textos;
- ✓ Informações que são lidas, porém não são compreendidas;
- ✓ Salas de Arqueologia Brasileira e de Culturas Mediterrâneas.

Qual a importância da visita ao Museu Nacional?

- ✓ As respostas referentes à importância da visita ao Museu Nacional reforçam a existência de uma busca dos pais por fornecer cultura e conhecimento para seus filhos, tornando “real” os diversos conteúdos vistos em outras fontes tais como livros, televisão e internet.

INTERAÇÃO FAMILIAR

Salas de maior interação familiar:

- ✓ Exposições de Paleontologia e Egito.

O que a visita proporcionou?

- ✓ Troca e a proximidade entre os elementos do grupo;
- ✓ União da família;
- ✓ Entretenimento;
- ✓ Prazer de estar juntos em um programa cultural de busca pelo conhecimento;
- ✓ Compartilhamento com amigos e familiares da experiência vivenciada.

Aquisição de conhecimentos

✓ Muitos reforçam o papel do Museu enquanto local para aquisição e aprofundamento de saberes e, especialmente, como complemento da escola.

Hábitos culturais

✓ Muitos pais acreditam que a visita ao Museu em família irá estimular outras práticas deste tipo em virtude da satisfação alcançada e pela busca constante de ampliar o conhecimento.

Qual sensação da família na saída da visita ao Museu Nacional?

- ✓ Satisfação;
- ✓ Relaxamento;
- ✓ Tranqüilidade;
- ✓ Sentimento de “dever cumprido”.

PERSPECTIVA FUTURA

Todos os entrevistados declararam que pretendem retornar ao Museu Nacional.

Objetivos:

- ✓ Aprender mais;
- ✓ Levar outras pessoas;
- ✓ Poder ver as salas de exposição que estavam fechadas;
- ✓ Rever as exposições.

Diante desses resultados é possível depreender que o Museu Nacional repercute positivamente entre os membros da família que assinalam, em maior parte, durante as entrevistas, o papel educativo das exposições na obtenção de conhecimentos. Ficam evidentes, também, nos depoimentos, as formas de interação entre os membros da família, que normalmente ocorre de maneira dialógica, buscando nos aparatos do Museu ou em conhecimentos prévios, respostas para as dúvidas que podem surgir durante a visita. Alguns relatos evidenciam, também, algumas falhas nas exposições do Museu Nacional, seja pela ausência de algumas legendas, informações

confusas, falta de guias ou profissionais da instituição para orientar os visitantes em algumas exposições.

CAPÍTULO 4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao partir para as considerações finais deste trabalho, espera-se que os dados obtidos com esta pesquisa sejam úteis para os profissionais do Museu Nacional, como forma de conhecerem melhor o público de famílias que visita a instituição e elaborarem atividades em conformidade com as necessidades desses grupos.

Hooper-Greenhill (1998) destaca, como outros autores, a importância de se conhecer o público, ou seja, levar em consideração dados sobre a visita, mas, também, e com maior importância, outras questões de relevância que desvendem ao pesquisador dados mais aprofundados, que possam resultar, no futuro, em ações para o retorno daquele visitante. Ou seja, considerar os contextos pessoal, social e físico é fundamental para o planejamento de programas de público ou mesmo para outras pesquisas de comportamento.

Uma das informações acerca do perfil das famílias entrevistadas reflete a formação das famílias na atualidade, ou seja, apesar de a maioria dos grupos representar famílias nucleares, a pesquisa contemplou, também, as formações mono parentais. E, ao longo das entrevistas, foi possível constatar que este público (sejam as famílias nucleares ou mono parentais) é, em grande parte, responsável pela construção do hábito de visita a museus. Boa parte dos adultos relatou que já havia feito o mesmo passeio com sua família na infância e que, agora, estavam retornando com seus filhos. Ficava evidente também, nas respostas, que o Museu não é um espaço só de lazer, mas também de aquisição de conhecimento.

**Família 11:
Pai (42 anos, nível médio, militar)**

Porque o museu, em si, acrescenta a cultura. Os outros locais acrescentam diversão, é prazeroso pela diversão e o museu, além do prazer, dá conhecimento, que eu acho que vale a pena se conhecer, pra mim, eu me divirto conhecendo, vendo coisas da história do Brasil no museu.

A maior parte dos adultos que fez parte desta pesquisa possui o nível médio completo e se localiza na faixa etária dos 30 aos 39 anos de idade. Já a faixa etária das crianças é de zero a dez anos, ou seja, fase em que estão formando seus conceitos e os pais podem estimular mais intensamente a apreciação por programas culturais.

Muitas falas dos adultos entrevistados foram ao encontro dessa afirmativa, quando ressaltavam que a visita estava ocorrendo em função das crianças, ou seja, a iniciativa da visita era dos pais, mas com a intenção de criar um hábito cultural nos

mais jovens, de desvencilhá-los da internet ou televisão e de terem a oportunidade de ver ao vivo o que já estudaram ou que pudessem apreciar coisas novas.

Considerando o museu como um espaço de educação não formal, no qual as famílias buscam obter conhecimentos para seus filhos, além daquele que a escola oferece, estes espaços devem, necessariamente, tornar as informações acessíveis ao público e proporcionar momentos de prazer, ludicidade e contemplação.

De acordo com Marandino (2008):

Como podemos perceber, a experiência educativa dos museus é única. Não é melhor nem pior que a da escola ou de outro espaço educativo qualquer, mas seria aconselhável que todos tivessem o direito de vivenciá-la. Por meio delas é possível, entre outras coisas, ampliar o repertório de vivências e experiências sociais, estéticas, sensoriais, de contato com informações, com conteúdos e conceitos, com visões de mundo (MARANDINO, 2008).

Quando indagados sobre o que estão buscando com a visita, a grande maioria cita que busca prazer em ver coisas interessantes, fora do cotidiano e que traga conhecimento. Aliado a isto, a possibilidade de conhecer a cultura de outros povos, de fazer um intercâmbio entre o que é estudado na escola e o que é vivenciado no museu, de provocar debates em que os pais tenham a oportunidade de dialogar com seus filhos a respeito do presente, do passado e do futuro, entremeando com noções aprendidas na escola e na vida. Em uma das entrevistas, um rapaz de 15 anos fala que *“a escola dá o fundamento, mas o museu dá pra gente a história”*, ou seja, no museu a linguagem é mais próxima do real, há a possibilidade de entrar em contato mais diretamente com os objetos, com o contexto, ou seja, *“no museu você sente, você realmente entende. A gente vem pra cá porque a gente tem prazer”*. Ao desenvolver um senso crítico nas visitas a museus e centros culturais, o sujeito passa a refletir a partir do que vê e dos conhecimentos prévios que já possui, ou seja, ele começa a confrontar e mesmo rechaçar aquilo que está vendo ou lendo a partir de sua bagagem cultural. É a possibilidade de se aplicar os conhecimentos, de ter liberdade para ousar nas interpretações e articulações, de aprender com outro embasamento, com uma visão mais aberta.

A instituição deve permanecer sensível às necessidades do público, deixando-os livres para escolher seu percurso e o que mais lhes interessa. Quando um museu estabelece uma linguagem mais acessível e se alinha às motivações do visitante, ele os aproxima de suas exposições.

A maior parte das famílias identificou as salas de exposições de Paleontologia e Egito como os locais em que o grupo melhor interagiu, confirmando a expectativa que elas tinham, na visita, de conhecer estes espaços.

É importante destacar que a maior interação ocorre quando a *criança* se interessa pelos assuntos, quando demonstra curiosidade, quando o que está exposto aguça sua imaginação. Com isso, os pais se dedicam mais intensamente no diálogo com as crianças. De maneira geral, os pais estavam atentos à maturidade dos filhos e ao interesse que eles manifestavam, se preocupando em não interferir demais e avançar em etapas que eles não estivessem preparados, conforme comenta a família a seguir:

**Família 8:
Mãe (39 anos, nível superior incompleto, estudante)**

A sala dos dinossauros mesmo, que foi a parte que ele interagiu mais com a gente. Ele busca, faz perguntas, e a gente responde. Porque depois ele vai crescer e se interessar por outras coisas, nas outras partes, ele ainda não está nesse nível de interesse, nas partes de canibalismo e África, por exemplo, a gente queria parar pra ler e ver um pouco mais, mas ele ainda não tem muito interesse, aí ele não teve paciência. Algumas partes ele ainda tem medo.

Pai (37 anos, nível médio, técnico de informática)

Quando ele crescer, ver e se surpreender, ele vai se interessar. Com a escola, ele vai chegar nesse nível.

Mãe (39 anos, nível superior incompleto, estudante)

Tem que ser de acordo com a idade dele.

**Família 25:
Mãe (35 anos, nível superior, empresária)**

Nós já fomos em Petrópolis, no museu, há um mês atrás, mas não entramos porque achamos que pra ela era muito cedo, 5 anos, né?

Pai (35 anos, nível superior, gerente de tecnologia)

Nós ficamos preocupados de atropelar a fase em que ela vai entrar, de aprender sobre as coisas, então, talvez, naquele momento em que esteja falando, aí seria interessante mostrar, porque vai vivenciar um pouco. Se a gente mostrar agora, a gente acha que vai esquecer.

Mãe (35 anos, nível superior, empresária)

Aqui nós entramos porque ela fez o teatrinho do Dom Pedro, da Leopoldina e como ali fora tem a estátua dele e a estátua dela, então a gente achou que ia ser rico por isso, porque é uma coisa que ela está vivendo. Eu também não quero, realmente, atropelar as coisas, que ela não entenda nada. Então a gente pretende levar de acordo com a escola.

Sendo assim, alguns preferem acompanhar o ritmo da escola, ou seja, ao perceberem que seus filhos estão aprendendo determinado assunto, buscam investigar locais para propiciar a ampliação deste conhecimento. Outros acham que vale à pena antecipar os temas, caso o filho tenha interesse, porque ao chegar a essa matéria na escola, ele já vai ter visto algo sobre aquele assunto.

Essas constatações refletem o papel de um Museu de ciência na atualidade, tal qual destaca Macedo (2002):

Especificamente com relação aos museus de ciência, as questões manifestadas na sociedade alteraram o papel dessas instituições, que passaram a ter como principal missão comunicar e socializar o conhecimento. Este novo modo de pensar está associado ao contexto globalizado do mundo, que recria novas formas de o sujeito se conceber como participante ativo de um grupo, com direito a consumir bens e informação. Em tal ambiente, a educação deve promover a formação de cidadãos capazes de interferir criticamente na realidade para transformá-la (MACEDO, 2002, p.137).

Quanto à aquisição de hábitos culturais pelas crianças, muitos pais acreditam que a visita ao Museu irá estimular outras práticas deste tipo. Até mesmo pela satisfação que foi apresentada em diversas falas e pela busca constante de ampliar o conhecimento das crianças.

Além disso, também ficam evidentes nas falas que muitas famílias saem com uma sensação de relaxamento, de tranquilidade e com um sentimento de “dever cumprido”, por estar propiciando aos filhos a chance de fazer programas dessa natureza.

Em relação ao local de moradia, o predomínio de bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, municípios da Baixada Fluminense e região metropolitana do estado está em consonância com o público recebido pelo parque da Quinta da Boa Vista. Tal qual o resultado encontrado nesta pesquisa, outros estudos de público realizados no MAST, localizado também no bairro de São Cristóvão, especificamente o de Studart (2002), também registraram que a maior parte dos entrevistados residia na Zona Norte e na Baixada Fluminense, ou seja, locais em que a oferta de equipamentos culturais é muito restrita.

Apesar de morarem em bairros distantes, os indivíduos não encaram o deslocamento como um impeditivo para a visita. O que fica mais evidente nas respostas era a falta de opções de lazer desse tipo que os bairros de moradia não possuem. Por meio dos relatos das famílias é possível notar que ainda existem regiões no Rio de Janeiro em que as programações culturais são escassas. É preciso

que sejam criadas políticas públicas que ampliem o acesso a bens culturais nesses locais, pois, desta forma, serão também ampliados os públicos de interesse em museus e centros culturais.

A Quinta da Boa Vista, onde fica localizado o Museu Nacional, oferece espaços para variadas atividades ao ar livre, como passeios de trenzinho, brinquedos como pula-pula, escorregador inflável, entre outros. Diante de tamanha diversidade de atrações, foi observado nas entrevistas que, mesmo recebendo um público espontâneo muito grande, algumas famílias são frequentadoras assíduas da Quinta, mas nunca tinham entrado no Museu. Algumas pessoas chegam a dizer que não entraram no Museu, porque priorizaram outras atividades e acabavam não tendo tempo de fazer a visita, como no depoimento a seguir:

**Família 14:
Mãe (37 anos, nível médio incompleto)**

Até sabia. Mas sempre que eu vinha aqui, eu vinha correndo, ia ver os bichos, ficava lá fora, acabava que não dava tempo, ou estava fechado. Isso foi se prorrogando. Eu sempre tive vontade, mas nunca tinha vindo.

Mas, então, por que não inverter a prioridade da atividade? É preciso que o público que visita o Parque se sinta convidado a entrar no Museu e reserve parte do período que passa na Quinta, da mesma forma que o faz para visitar o Zoológico ou para realizar outras atividades. É necessário gerar uma “cultura” de visita.

Da mesma forma, é preciso refletir, também sobre a parcela diminuta de visitantes da Zona Sul da cidade. Será que, neste caso, é a diversidade de opções culturais desta região que diminui o interesse dos indivíduos? Ou o acesso a São Cristóvão seria um dos motivos?

Essas reflexões não objetivam “elitizar” o público do Museu Nacional. Mas, ao contrário, estimular que outras parcelas da sociedade também conheçam e possam valorizar um patrimônio cultural do país.

Outro dado que chama a atenção, ainda em relação ao local de moradia, é que, entre os visitantes advindos da Zona Norte da cidade, é reduzido o número de pessoas que moram em bairros próximos ao Museu (Tijuca, Maracanã, Benfica ou Caju, por exemplo) e, inclusive de São Cristóvão. Por que, apesar de morarem tão próximos, essas pessoas não são frequentadores do Museu Nacional?

Essas informações devem ser consideradas no planejamento das atividades e da divulgação institucional do Museu, que deve explorar ferramentas que possibilitem uma aproximação com o público de bairros “vizinhos” e os próprios moradores de São

Cristóvão. Um bairro que, além do Museu Nacional, abriga também outras importantes instituições culturais, como o Museu Militar Conde de Linhares, o Centro Cultural Maçônico do Supremo Conselho do Brasil, o Museu de Astronomia e Ciências Afins e o Museu do Primeiro Reinado/Casa da Marquesa de Santos, além da Feira de São Cristóvão. Apesar disto, ainda são muito escassas as atividades que exploram este potencial cultural na região.

De maneira geral, esta pesquisa aponta que as famílias têm uma percepção positiva sobre o Museu, embora tenham sido destacados como aspectos negativos, a existência de salas fechadas, a expectativa frustrada de encontrar elementos históricos e a ausência de legendas em algumas salas ou informações muito rebuscadas nas mesmas.

Visto que, boa parte dos entrevistados declarou que pretende retornar ao Museu, é preciso que a instituição se alinhe a essas demandas de seus visitantes, melhorando a comunicação com seus públicos, oferecendo atividades que cativem os indivíduos, levando em consideração suas expectativas e o grupo social do qual fazem parte.

Em relação a essa expectativa do visitante que retorna, as respostas da maioria das famílias indicam que elas regressariam para ver algo novo, como a inauguração de novas salas de exposição, a reabertura de espaços que integram o circuito permanente como, por exemplo, a *Mostra de Vertebrados*, muito citada pelos adultos como uma referência da visita que fizeram na infância.

Como motivo para retorno, fica também a vontade de “*ver tudo de novo com outros olhos*”, seja para ler temas específicos, com mais calma, ou para que as crianças reforcem o conhecimento adquirido em visitas anteriores. Há, ainda, aqueles que ressaltam a importância de vivenciar novamente um programa em família.

Fica demonstrada, também, a vontade de trazer outros grupos para conhecer o Museu, como amigos e demais familiares, vislumbrando a visita a este espaço como uma oportunidade de lazer em um local em que eles consideram propício para a interação social.

Como uma das formas de se preparar para receber esses indivíduos que retornam, faz-se necessário expandir os focos de interesse, para que o visitante tenha outras opções de salas para visitar, além de as que ele já conhece. É importante também renovar as salas de exposição, adequando-as às necessidades citadas nesta pesquisa, como a melhoria das legendas ou a inserção de elementos que possam facilitar o aprendizado por parte das famílias.

O Museu Nacional ainda não possui programas ou atividades voltados especificamente para atender às famílias que frequentam a instituição. Como forma de potencializar o conhecimento adquirido, instigando a convivência e o aprendizado entre os membros da família seria interessante oferecer oficinas, jogos interativos e outras atividades que possam prolongar o tempo de permanência destes grupos na instituição.

Outra forma de aproximar os visitantes dos saberes apresentados pelo Museu seria a inclusão de aparatos interativos, como o já existente em uma das salas de Paleontologia. Os resultados das entrevistas e das observações realizadas mostraram o quanto este tipo de aparato é eficaz no complemento à aprendizagem e na interação familiar.

Outra carência apontada pelos visitantes é a falta de um funcionário do Museu que pudesse auxiliá-los no entendimento das informações ou mesmo orientá-los sobre o que o grupo familiar poderia priorizar na visita. Este funcionário seria o contato direto da instituição com seus visitantes, já que a equipe existente nas salas de exposição se limita a cuidar da segurança patrimonial do acervo, não sendo treinada para instruir a visita. Com a entrada deste novo elemento, seja ele um mediador ou um facilitador, o Museu abriria uma nova porta de contato com seu visitante, seja na orientação dentro das salas ou destacando aspectos relevantes das exposições.

Por fim, esta pesquisa serviu para demonstrar a importância dos museus na atualidade e a necessidade de voltarem seu olhar para os diferentes públicos. No caso específico das famílias, atentar para as especificidades que fazem deste grupo um importante incentivador na constituição de hábitos culturais. Em suma, reconhecer o Museu como um forte pólo de educação, lazer e cultura.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Adriana Mortara. O contexto do visitante na experiência museal: semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. ***História, Ciências, Saúde – Manguinhos***, Rio de Janeiro, v. 12, p. 31-53, jan.-abr. 2005. Suplemento.
- ALMEIDA, Adriana Mortara. **A relação do público com o Museu do Instituto Butantan**: análise da exposição “na natureza não existe vilões”. Dissertação (Mestrado)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995.
- ALMEIDA, Adriana Mortara; CURY, Marília Xavier. Novas estratégias de comunicação em museus brasileiros. **MUSAS**: revista brasileira de museus e museologia, Rio de Janeiro, n. 1, p. 19-21, 2004.
- ALVES, Ana Maria. **O Ipiranga apropriado**: ciência, política e poder, o Museu Paulista 1893-1922. São Paulo: História Social USP/Humanistas, 2001. (Série Teses)
- ALVES-MAZZOTI, A. J; GEWANDSZNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Editora Pioneira, p.30, 1998.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- AZEVEDO, Sergio Alex Kugland (Coord.). **O Museu Nacional**. São Paulo: Banco Safra, 2007.
- BIZERRA, Alessandra F. **Famílias em museus de ciências: uma atividade de aprendizagem**. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BLUD, Linda M. Social interaction and learning among family groups visiting a museum. **Museum Management and Curatorship**, v. 9, p. 43-51, 1990.
- BLUD, Linda M. Sons and daughters: observations on the way families interact during a museum visit. **Museum Management and Curatorship**, v. 9, n.1, p. 267 – 264, 1990.
- BORUN, Minda; CLEGHORN, Ann; GARFIELD, Caren. Family learning in museums: a bibliographic review. **Curator**, v. 38, n. 4, p. 262- 283, dec.1995.
- BORUN, Minda; DRITSAS, Jennifer. Developing family-friendly exhibits. **Curator**, v. 40, n. 3, p. 178 – 196, sept. 1997.
- BORUN, Minda et al. Enhancing family learning through exhibits. **Curator**, v. 40, n.4, p. 279, 295, dec. 1997.
- BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.) **Escritos de educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p.73-79
- BRASIL. Decisão n. 20, de 22 de junho de 1813. In: Brasil. Leis, decretos, etc. **Collecção das leis do Brazil de 1813**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1890. p. 26.

BRISEÑO-GARZÓN, Adriana; ANDERSON, David; ANDERSON, Ann. Adult learning experiences from an aquarium visit: the role of social interactions in family groups. **Curator**, v. 50, n.3, jul. 2007.

BROWN, Christine. Making the most of family visits: some observations of parents with children in a museum. **Science Center: museum management and curatorship**, v.14, n. 1, p. 65 – 71, mar. 1995.

CARVALHO, Rosane Maria Rocha de. **As transformações da relação museu e público**: a influência das tecnologias da informação e comunicação no desenvolvimento de um público virtual. - Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, 2005.

CAZELLI, Sibeles. **Ciência, cultura, museus, jovens e escolas: quais as relações?** 2005, 260f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CAZELLI, Sibeles; COIMBRA, Carlos Alberto Quadros. Avaliação formal na educação não formal. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AVALIAÇÃO EDUCACIONAL, 4., 2008. [Trabalhos apresentados]. Rio de Janeiro, 2008

CAZELLI, Sibeles; COSTA, Andréa Fernandes; MAHOMED, Carla. O que precisa ter um futuro professor em seu curso de formação para vir a ser um profissional de educação em Museus? In: ENCONTRO ARTICULANDO A UNIVERSIDADE E A ESCOLA BÁSICA NO LESTE FLUMINENSE: ações, reflexões e alternativas futuras, 2., 2009, Rio de Janeiro, 2009. Anais. Rio de Janeiro: Faculdade de Formação de Professores, UERJ, 2009. p. 1-13. 1 CD-ROM

CAZELLI, Sibeles; MARANDINO, Martha; STUART, Denise. Educação e comunicação em museus de ciência: aspectos históricos, pesquisa e prática. In: GOUVÊA, G; MARANDINO, M; LEAL, M. C. (Org). **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003, p. 83-106.

CAZELLI, Sibeles; VERGARA, Moema. O passado e o presente das práticas de educação não formal na cidade do Rio de Janeiro. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, 1., 2007, Niterói. **Anais**. Niterói: Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, 2007. 1 CD-ROM.

CHAUMIER, S.; HABIB, M. C. ; CASANOVA, L. **Les accompagnateurs de la cité des enfants: études des publics individuels**. Paris: Département Evaluation et Prospective, 1995. Relatório interno não publicado.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras: FAPESP, 1997. p. 322 -323.

COLEMAN, J. S. Social capital in the creation of human capital. **American Journal of Sociology**, Chicago, v.94, p 95-120, 1988.

COLINVAUX, Dominique. Museus de ciências e psicologia: interatividade, experimentação e contexto. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 79-91, jan.-abr. 2005. Suplemento.

CONSELHO INTERNACIONAL DOS MUSEUS-ICOM. **Código de ética para Museus**. 2007. Disponível em <<http://www.icom.org.br>>. Acesso 13 de junho de 2011.

CORRÊA, Maíra Freire Naves. **Encantamento e estranhamento**: como moradores e não moradores de Belo Horizonte experimentam o Museu de Artes e Ofícios. 2010. 206 f. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio) – Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2010.

CURY, Marília Xavier. Comunicação e pesquisa de recepção: uma perspectiva teórico-metodológica para os museus. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 365-380, 2005.

CURY, Marília Xavier. Comunicação museológica em museu universitário: pesquisa e aplicação no MAE/USP. **Revista CPC**, v. 3, p. 69-90, 2006a.

CURY, Marília Xavier. Marcos teóricos e metodológicos para a recepção de museus e exposições. **Revista Educação Patrimonial Museus e Arquivos**, Niterói, p. 1-18, 2006b

CURY, Marília Xavier. Para saber o que o público pensa sobre arqueologia. **Revista Arqueologia Pública**, São Paulo, nº 1, p. 31-48, 2006c.

CURY, Marília Xavier. Os usos que o público faz dos museus: a (re) significação da cultura material e do museu. **MUSAS: revista brasileira de museus e museologia**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 88-106, 2004.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François (Org.). **Dictionnaire encyclopédique de muséologie**. Paris: Armand Colin, 2011.

DIAMOND, Judy. The behavior of family groups in science museums. **Curator**, v. 29, n. 2, p. 139-154, 1986.

DIERKING, L.; FALK, J. Family behaviour and learning in informal science settings: a review of the research. **Science Education**, v.78, n.1, p. 57-72, 1994.

DIERKING, L.; FALK, J. **Learning from museum visitor experiences and the making of meaning**. New York : Altamira Press, 2000.

DIERKING, L.; FALK, J. **The museum experience**. Washington, D.C.: Whalesback Books, 1992.

DIERKING, Lynn D. Centros de ciência: recursos valiosos para a aprendizagem familiar. In: MARANDINO, Martha; ALMEIDA, Adriana Mortara; VALENTE, Maria Esther Alvarez (Org.). **Museu: lugar do público**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 77 – 94.

DIERKING, Lynn D. Learning theory and learning styles: an overview. **Journal of Museum Education**, v. 16, n. 1, p. 4-6, 1991.

DOERING, Zahava D. Strangers, guests, or clients? Visitor experiences in museums. **Curator**, v. 42, n. 2, p. 74, 87, abr. 1999.

FALCÃO, Douglas. **Padrões de interação e aprendizagem em museus de ciências**. 1999, 281f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

FALK, John; MOUSSOURI, Theano; COULSON, Douglas. The effect of visitors' agendas on museum learning. **Curator**, v. 41, n. 2, p. 107-120, jun. 1998.

FRONZA-MARTINS, Aglay Sanches. **Da magia à sedução**: a importância das atividades educativas não-formais realizadas em Museus de Arte. Disponível em: <<http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewPDFInterstitial/198/195>> Acesso em: 15 ago de 2011.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume; ARANTES, Valéria Amorim. **Educação formal e não formal**. São Paulo: Summus, 2008. (Coleções pontos e contrapontos).

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2009.

HILKE, D. D. The Family as a learning system: an observational study of families in museums In: BUTLER, Barbara H.; SUSSMAN, Marvin B. (Ed.). **Museum visits and activities for family life enrichment**. New York: The Haworth Press 1989. p. 101-129.

HOOPER- GREENHILL, Eilean. **Los museos y sus visitantes**. Gijón : Ediciones TREA, 1998.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais 2010**. Rio de Janeiro, 2010. (*Estudos e pesquisas*: informação demográfica e socioeconômica, n. 27). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresmimos/sinteseindicsoais2010/SIS_2010.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (Brasil). **Relatório de gestão 2003-2010**. Política Nacional de Museus. Brasília, DF: Ministério da Cultura: Instituto Brasileiro de Museus, 2010. Disponível em: http://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2011/04/relato_gestao.pdf. Acesso em: 23 out. 2011.

JENSEN, Nina. Children, teenagers and adults in museums: a developmental perspective. In: Hooper-Greenhill, Eilean (Org.). **The educational role of the museum** : Routledge, 1999.

KELLY, Lynda. Understanding museum learning from the visitor's perspective. **Curator**, v.46, n. 4, p. 362- 365, oct. 2003.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda. Observar a experiência museal: uma prática dialógica? Reflexões sobre a interferência das práticas avaliativas na percepção da experiência museal e na (re)composição do papel do visitante. **Caderno do Museu da Vida**, Rio de Janeiro, p.5-21, 2003. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/museudavida_novo/media/Cadernos-do-Museu-da-Vida-2003.pdf> Acesso em: 23 jun 2011.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; CAZELLI, Sibebe; LIMA, José Matias de. **Museus e seus visitantes**: relatório de pesquisa perfil-opinião 2005. Brasília: Graf. e Ed. Brasil, 2008. 76 f.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; CAZELLI, Sibebe; LIMA, José Matias de. A presença feminina nos museus: perfil sociocultural e modalidades de visita. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 32., 2008, out. 27-31: Caxambu, MG. **Anais...** São Paulo: ANPOCS, 2008

Disponível em: <http://www.fiocruz.br/omcc/media/6_ANPOCS%202008.pdf> Acesso em: 23 jul 2011

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; LOPES, Maria Margaret; PEREIRA, Marcelle. A construção da relação museu-escola no Rio de Janeiro entre 1832 e o final dos anos de 1827: análise das formas de colaboração entre o Museu Nacional e as Instituições da educação formal. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 15, 2007, São Leopoldo, RS. **Anais.** São Leopoldo: [s.n.], 2007. p.1-8.

KÖPTCKE, Luciana Sepúlveda; PEREIRA, Marcele Regina Nogueira. Museus e seus arquivos: em busca de fontes para estudar os públicos. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.17, n.3, jul.-set. 2010, p.809-828

LACLETTE, Paula Parreiras Horta. **Do ontem ao hoje: do Paço de São Cristóvão ao Museu Nacional.** 1995, 57f. Dissertação (Mestrado)-Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995.

LOPES, Maria Margaret. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX.** São Paulo: Hucitec, 1997

LOPES, Maria Margareth; MURRIELLO, Sandra Elena. Ciências e educação em museus no final do século XIX. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 13-30, jan.-abr. 2005. Suplemento.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo : Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LUTZ, Bertha Maria Julia. **A Função Educativa dos Museus.** Organizadores: Guilherme Gantois de Miranda; Maria José Veloso Costa Santos; Silvia Ninita de Moura Estevão; Vitor Manoel Marques da Fonseca. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ; Niterói: Muiraquitã, 2008. 236 p.

MARANDINO, M; ALMEIDA A.M.; VALENTE, M.E.A. (Org.) **Museu: lugar do público.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.

MARANDINO, Martha. Educação em museus e divulgação científica. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico – ComCiência.** Edição 100 – 10 de julho de 2008. Disponível em:

<<http://comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=37&tipo=dossie>>.

Acesso em: 12 ago 2011.

MARRIED households with children: a smaller piece of the pie? Jun. 29, 2011.

Disponível em:

<http://reachadvisors.typepad.com/museum_audience_insight/2011/06/married-households-with-children-a-smaller-piece-of-the-pie.html>. Acesso em: 07 dez. 2011.

McMANUS, P. Families in museums. In: R. Miles & L. Zavala (Eds). **Towards the museum of the future: new european perspectives.** London : Routledge, 1994. p. 81-97.

McMANUS, P. Topics in museums and science education. *Studies in Science Education*, n. 20, p. 157-182, 1992.

McMANUS, P. Uma Palavra em seu ouvido...o que você quer dizer quando fala, ou pensa a respeito de educação (formal e informal), aprendizagem e interação? In: Marandino, M.; Almeida, A. M.; Valente, M. E. A. (Orgs.). *Museu: lugar do público*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009. p. 47- 62.

MEDEIROS, Marcelo; OSÓRIO, Rafael. **Arranjos domiciliares e arranjos nucleares no Brasil**: classificação e evolução de 1977 a 1998. Brasília, D.F. : [s.n.], 2001. (Texto para discussão n. 788). Estudo parte da pesquisa “Importância das mudanças demográficas recentes para a agenda social da Rede IPEA”.

MEDEIROS, Marcelo; OSÓRIO, Rafael. **Mudanças nas famílias brasileiras**: a composição dos arranjos domiciliares entre 1978 e 1998. Brasília, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2002. Artigo resultado da pesquisa mudanças nos padrões de família e suas implicações para as políticas sociais.

MORAES, Nilson Alves de. Museu e museologia: itinerários e enfrentamentos contemporâneos. In: **SYMPOSIUM MUSEOLOGY AS A FIELD OF STUDY: museology and history**. Alta Gracia, Cordoba: ICOM/ ICOFOM, 2006. (Study Series – ISS 35). p. 99-107.

OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS. Pesquisa piloto perfil – opinião 2005. **Boletim**, ano 1, ago. 2006. Disponível em: <http://www.museus.gov.br/sbm/downloads/boletim_observatório.pdf> Acesso em: 28 dez. 2010.

OBSERVATÓRIO DE MUSEUS E CENTROS CULTURAIS. Pesquisa Perfil-Opinião 2009: Museu Nacional/UFRJ. Brasília, DF: FIOCRUZ.

PACKER, Jan. Beyond learning: exploring visitors’ perceptions of the value and benefits of museum experiences. **Curator**, v. 51, n. 1, jan. 2008, p. 33 - 54.

PEREIRA, Marcele Regina N. **Educação museal, entre dimensões e funções educativas**: a trajetória da 5ª Seção de Assistência ao Ensino de História Natural do Museu Nacional. 2010. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; Museu de Astronomia e Ciências Afins.

PINTO, Paulo Roquette. **O museu e o ensino de historia natural**. Rio de Janeiro: Curso Regional da Sociedade de Amigos de Adalberto Torres, 1933.

SCHEINER, Tereza. **Apolo e Dionísio no templo das musas**: museu: gênese, idéia e representações na cultura ocidental. 1998, 152f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

SCHEINER, Tereza. **Bases teóricas da museologia**. Rio de Janeiro: Escola de Museologia. Centro de Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006. Apostila para disciplina Museologia I.

SCHEINER, Tereza. **Imagens do ‘não lugar’**: comunicação e os novos patrimônios. 2004, 239f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

SCHEINER, Tereza. O museu, a palavra, o retrato e o mito. *Revista Museologia e Patrimônio*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, p. 57-73, dez. 2008.

SCHEINER, Tereza. Políticas e diretrizes da museologia e do patrimônio na atualidade. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL MUSEUS, CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Anais*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; AZEVEDO, Paulo Cesar de; COSTA, Ângela Marques da. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 256

STUDART, Denise. Educational or just fun? The perceptions of children and their families in a child-orientated museum exhibition. *Journal of Education in Museums (JEM)*, n. 18, p.26-28, 1997.

STUDART, Denise. **The perceptions and behaviour of children and their families in child-orientated museum exhibitions**. Tese (Ph.D.)-Museum and Heritage Studies Department, Institute of Archaeology. University College London, 2000.

STUDART, Denise C. **O aprendizado não formal no contexto familiar de uma visita a um museu de ciências**. Rio de Janeiro: FAPERJ, set. 2002. Relatório final de pesquisa.

STUDART, Denise. Famílias, exposições interativas, e ambientes motivadores em museus: o que dizem as pesquisas? **Caderno do museu da vida**. Avaliação e estudos de públicos de museus e centros de ciência, Rio de Janeiro, 2003, p. 33 – 42

STUDART, Denise; ALMEIDA, Adriana Mortara; VALENTE, Esther. Pesquisa de público em museus: desenvolvimento e perspectivas. In: GOUVÊA, G; MARANDINO, M; LEAL, M. C. (Org.). **Educação e museu: a construção social do caráter educativo dos museus de ciência**. Rio de Janeiro: Access, 2003. p. 129-157

STUDART, Denise C. (Org.) Conceitos que transformam o museu, suas ações e relações CECA-Brasil. **MUSAS: revista brasileira de museus e museologia**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, 2004.

STUDART, Denise. Museus e famílias: percepções e comportamentos de crianças e seus familiares em exposições para o público infantil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 55-77, 2005. Suplemento.

STUDART, Denise. O Público de famílias em Museus de Ciência. In: MARANDINO, M; ALMEIDA A.M.; VALENTE, M.E.A. (Org.) **Museu: lugar do público**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. p. 95-119.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Museu Nacional. **Relatório dos trabalhos do Museu Nacional em 1929**, apresentado ao Snr. Ministro da Agricultura, Dr. Geminiano de Lyra Castro, em 30 de janeiro de 1930, pelo diretor Dr. Roquette Pinto. RA 68 - D68. Ofícios expedidos jan-mar, 1930. Rio de Janeiro. Seção de Memória e Arquivo, 1930.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. Museu Nacional. Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural. **Relatórios 1929 - 1940**. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 194-?

U.S. census bureau reports men and women wait longer to marry. nov. 10, 2010.
Disponível em:

<http://www.census.gov/newsroom/releases/archives/families_households/cb10-174.html>. Acesso em: 16 nov. 2011.

VALENTE, Maria Esther A. **A Educação em museu: o público de hoje no museu de ontem.** 1995, 208f. Dissertação (Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1995.

VALENTE, M. E.; CAZELLI, S.; ALVES, F. Museus, ciência e educação: novos desafios. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 12, p. 183-203, 2005. Suplemento.

ANEXOS

ANEXO 1

MUSEU: | | | |

DATA DA VISITA: | | | | | | | |

SÁB DOM SEG TER QUA QUI SEX
1 2 3 4 5 6 7

QUESTIONÁRIO: | | | |



Este Museu está realizando uma pesquisa para melhor conhecer seus visitantes e saber o que pensam da visita. Escutá-los é a melhor forma de melhorar a qualidade das exposições, serviços e atividades propostos.

Contamos com sua colaboração no preenchimento deste questionário e solicitamos que ele seja entregue **ao final de sua visita**. Desde já agradecemos sua participação!

Lembramos, ainda, que as informações coletadas são confidenciais e se destinam exclusivamente à pesquisa no âmbito do **Observatório de Museus e Centros Culturais**, uma iniciativa em parceria entre diversas instituições, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz - Ministério da Saúde; Museu de Astronomia e Ciências Afins - Ministério da Ciência e Tecnologia e pelo Instituto Brasileiro de Museus - Ministério da Cultura.

COMO PREENCHER o questionário:

Por favor, para escolher as suas respostas, **circunde o número** correspondente. Por exemplo, para responder "sim": **1 - sim** 2 - não. Caso tenha dúvidas sobre o preenchimento do questionário ou necessite de ajuda, não hesite em nos contatar.

1. Antecedentes e Circunstâncias da Visita

1.1 – É a primeira vez que você visita este Museu?

- 1 – sim → *Passar para a questão 1.3*
2 – não → *Informe o número de visitas (sem contar com a visita de hoje): _____ visitas*

1.2 – Quando foi sua última visita ao Museu? (Marque apenas uma resposta)

- 1 – Há menos de 6 meses
2 – Entre 6 meses e 1 ano
3 – Entre 1 e 2 anos
4 – Entre 2 e 5 anos
5 – Há mais de 5 anos

1.3 – Desde quando você sabe da existência deste Museu? (Marque apenas uma resposta)

- 1 – Hoje
2 – Há menos de 1 semana
3 – Entre 1 semana e 1 mês
4 – Entre 1 mês e 1 ano
5 – Entre 1 e 5 anos
6 – Há mais de 5 anos

1.4 – Como ficou sabendo a respeito deste Museu? (Pode marcar mais de uma resposta)

- 1 – Passando em frente ao Museu
2 – Visitando outros museus
3 – Na televisão
4 – No rádio
5 – Através de panfletos, cartazes, outdoors
6 – Lendo jornais ou revistas
7 – No guia turístico
8 – Por recomendação de amigos
9 – Por recomendação de professores
10 – Por recomendação de familiares
11 – Pela sinalização de rua
12 – Na Internet
13 – Outra fonte → *Qual? _____*

1.5 – Quais os principais motivos desta visita? (Marque SIM ou NÃO em cada linha)

- 1 – Conhecer o museu 1.SIM 2.NÃO
2 – Rever ou complementar uma visita anterior 1.SIM 2.NÃO
3 – Pesquisar / estudar algum tema 1.SIM 2.NÃO
Qual? _____
4 – Interesse pelos assuntos das exposições 1.SIM 2.NÃO
5 – Participar de atividades específicas (palestras, cursos, oficinas, etc.) 1.SIM 2.NÃO
6 – Assistir a algum espetáculo (teatro, concerto, cinema, vídeo, etc) 1.SIM 2.NÃO
7 – Trazer os filhos 1.SIM 2.NÃO
8 – Acompanhar amigos/outras pessoas 1.SIM 2.NÃO
9 – Alargar horizontes/conhecer coisas novas 1.SIM 2.NÃO
10 – Divertir-se 1.SIM 2.NÃO
11 – Entrada gratuita/baixo valor do ingresso 1.SIM 2.NÃO
12 – Outro motivo → *Qual? _____*

1.6 – Você está visitando sozinho?

- 1 – sim → *Passar para a questão 1.10*
2 – não

1.7 – Com quantas pessoas você está visitando?

1.8 – Você está visitando o Museu: (Pode marcar mais de uma resposta)

- 1 – Com o cônjuge / companheiro(a) ou namorado(a);
2 – Com pai / mãe;
3 – Com um ou mais filhos;
4 – Com outros membros da família;
5 – Com amigos;
6 – Com um grupo organizado (igreja, escola, etc.)
Qual? _____
7 – Outros → *Com quem? _____*

1. Antecedentes e Circunstâncias da Visita

1.9 – Se você visita o museu na companhia de pessoas com idade inferior a 15 anos, informe a faixa etária:
(Pode marcar mais de uma resposta)

- 1 – De 0 a 6 anos
- 2 – De 7 a 10 anos
- 3 – De 11 a 14 anos

1.10 – Quanto tempo, aproximadamente, durou a sua visita?

- 1 – Até 30 min
- 2 – Mais de 30 min a 1 hora
- 3 – Mais de 1 a 2 horas
- 4 – Mais de 2 horas

2. Conhecendo sua Opinião sobre o Museu

2.1 – Em relação à visita que você acabou de realizar, você se sente:

- 1 – Muito satisfeito
- 2 – Satisfeito
- 3 – Pouco satisfeito
- 4 – Insatisfeito

2.2 – Como você avalia os nossos SERVIÇOS? (Marque apenas uma resposta em cada linha)

Serviços	ótimo	bom	regular	ruim	péssimo	não sei
1. Sinalização (orientação de entrada, saída, banheiros...)	1	2	3	4	5	6
2. Conforto (banheiro, guarda volume, temperatura nas salas, assentos, bebedouros, lanchonete...)	1	2	3	4	5	6
3. Conservação e manutenção (dos equipamentos, dos objetos expostos, etc.)	1	2	3	4	5	6
4. Limpeza	1	2	3	4	5	6
5. Iluminação	1	2	3	4	5	6
6. Segurança	1	2	3	4	5	6
7. Informações e explicações disponíveis (painéis, textos, áudios guias, filmes, etc.)	1	2	3	4	5	6
8. Acolhimento (recepcionista, monitor, guarda, guia)	1	2	3	4	5	6
9. Acesso (facilidade de transporte, sinalização nas ruas, facilidade de estacionamento)	1	2	3	4	5	6
10. Horários de funcionamento Alguma sugestão de horário? _____	1	2	3	4	5	6

2.3 – Você pretende retornar a este Museu nos próximos doze meses?

- 1 – Certamente
- 2 – Provavelmente sim
- 3 – Provavelmente não
- 4 – Não

2.4 – Caso você pense em retornar a este Museu nos próximos 12 meses, com que objetivos retornaria?
(Marque SIM ou NÃO em cada linha)

1 – Para rever o que mais interessou	1. SIM	2. NÃO
2 – Para completar ou aprofundar a visita de hoje	1. SIM	2. NÃO
3 – Para visitar uma nova exposição	1. SIM	2. NÃO
4 – Para assistir a um espetáculo, evento ou participar de uma atividade promovida pelo museu	1. SIM	2. NÃO
5 – Para estudar ou aprofundar o conhecimento sobre um tema em particular	1. SIM	2. NÃO
6 – Para mostrar este museu a amigos ou familiares	1. SIM	2. NÃO
7 – Para trazer os filhos	1. SIM	2. NÃO
8 – Outro motivo → Qual? _____		

2.5 – Que outros temas e assuntos você gostaria de encontrar neste Museu?

3. Conhecendo seus Hábitos de Visita a Museus e Centros Culturais

<p>3.1 – Você visitou outros museus ou centros culturais nos últimos 12 meses?</p> <p>1 – Sim → <i>Quais?</i></p> <p>1. _____</p> <p>2. _____</p> <p>3. _____</p> <p>4. _____</p> <p>5. _____</p> <p>2 – Não → <i>Passar para a questão 3.5</i></p> <p>3 – Não, é a primeira vez que visito um museu → <i>Passar para a questão 3.5</i></p>	<p>3.4 – Você costuma visitar museus ou centros culturais: (Marque apenas uma resposta)</p> <p>1 – Pela manhã</p> <p>2 – Na hora do almoço</p> <p>3 – À tarde</p> <p>4 – À noite</p>																								
<p>3.2 – Nos últimos 12 meses, com que frequência você visitou museus ou centros culturais? (Marque apenas uma resposta)</p> <p>1 – Uma vez</p> <p>2 – Duas ou três vezes</p> <p>3 – Mais de três vezes</p>	<p>3.5 – Na sua opinião, que fatores dificultam a visita a museus ou centros culturais? (Marque SIM ou NÃO em cada linha)</p> <table border="0"> <tr> <td>1 – Custo do ingresso</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>2 – Outros custos de uma visita (transporte, alimentação, etc.)</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>3 – Dificuldade de transporte / acesso</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>4 – Dificuldade de estacionamento</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>5 – Violência urbana</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>6 – Falta de divulgação/informação sobre os museus, exposições, atividades, etc.</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>7 – Dias e horários de funcionamento</td> <td>1. SIM</td> <td>2. NÃO</td> </tr> <tr> <td>8 – Outro fator → Qual? _____</td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	1 – Custo do ingresso	1. SIM	2. NÃO	2 – Outros custos de uma visita (transporte, alimentação, etc.)	1. SIM	2. NÃO	3 – Dificuldade de transporte / acesso	1. SIM	2. NÃO	4 – Dificuldade de estacionamento	1. SIM	2. NÃO	5 – Violência urbana	1. SIM	2. NÃO	6 – Falta de divulgação/informação sobre os museus, exposições, atividades, etc.	1. SIM	2. NÃO	7 – Dias e horários de funcionamento	1. SIM	2. NÃO	8 – Outro fator → Qual? _____		
1 – Custo do ingresso	1. SIM	2. NÃO																							
2 – Outros custos de uma visita (transporte, alimentação, etc.)	1. SIM	2. NÃO																							
3 – Dificuldade de transporte / acesso	1. SIM	2. NÃO																							
4 – Dificuldade de estacionamento	1. SIM	2. NÃO																							
5 – Violência urbana	1. SIM	2. NÃO																							
6 – Falta de divulgação/informação sobre os museus, exposições, atividades, etc.	1. SIM	2. NÃO																							
7 – Dias e horários de funcionamento	1. SIM	2. NÃO																							
8 – Outro fator → Qual? _____																									
<p>3.3 – Você costuma visitar museus ou centros culturais: (Pode marcar mais de uma resposta)</p> <p>1 – Aos sábados</p> <p>2 – Aos domingos</p> <p>3 – Em outros dias da semana</p> <p>4 – Nos feriados</p>																									

4. Conhecendo Você

<p>4.1 – Sexo:</p> <p>1 – Masculino 2 – Feminino</p>	<p>4.5 – Com relação à sua cor/raça, como você se considera:</p> <p>1 – Branco</p> <p>2 – Preto</p> <p>3 – Pardo</p> <p>4 – Amarelo</p> <p>5 – Indígena</p>
<p>4.2 – Idade: _____ anos completos</p>	<p>4.6 – Você exerce alguma atividade remunerada?</p> <p>1 – sim</p> <p>2 – não → <i>Passar para a questão 4.8</i></p>
<p>4.3 – Estado Civil / situação conjugal atual:</p> <p>1 – Solteiro(a)</p> <p>2 – Casado(a) / união estável</p> <p>3 – Viúvo(a)</p> <p>4 – Separado(a) / divorciado(a)</p> <p>5 – Outro</p>	<p>4.7 – Se você exerce atividade remunerada, indique sua situação: (Marque apenas uma resposta)</p> <p>1 – Empregado do setor privado</p> <p>2 – Empregado do setor público</p> <p>3 – Profissional liberal</p> <p>4 – Autônomo / por conta própria</p> <p>5 – Empresário</p> <p>6 – Bolsista / estagiário</p> <p>7 – Outra → <i>Qual?</i> _____</p>
<p>4.4 – Escolaridade:</p> <p>1 – Sem instrução escolar</p> <p>2 – Ensino Fundamental incompleto</p> <p>3 – Ensino Fundamental completo</p> <p>4 – Ensino Médio incompleto</p> <p>5 – Ensino Médio completo</p> <p>6 – Ensino Superior incompleto</p> <p>7 – Ensino Superior completo</p> <p>8 – Pós-graduação: _____</p>	

4. Conhecendo Você

4.8 – Se você NÃO exerce atividade remunerada, indique sua situação: (Marque apenas uma resposta)

- 1 – Desempregado / procurando trabalho
- 2 – Cuida dos afazeres domésticos
- 3 – Estudante
- 4 – Aposentado / pensionista
- 5 – Outra → Qual? _____

4.9 – Qual é a sua renda domiciliar mensal? (Inclua salário, pensões e outros ganhos de todos os que moram em sua casa)

- 1 – Até 350 reais
- 2 – Mais de 350 a 500 reais
- 3 – Mais de 500 a 1.000 reais
- 4 – Mais de 1.000 a 2.000 reais
- 5 – Mais de 2.000 a 4.000 reais
- 6 – Mais de 4.000 a 6.000 reais
- 7 – Acima de 6.000 reais
- 8 – Não sei informar

4.10 – Onde você mora (residência principal)?

- 1 – Em que bairro? _____

- 2 – Em que município/cidade? _____

- 3 – Em que Estado (unidade da Federação)? _____

- 4 – Em outro País. Qual? _____

4.11 – Caso você resida em outro município, estado ou país, sua visita a esta cidade foi motivada pelo interesse em conhecer o museu?

- 1 – Sim, a vinda para esta cidade tinha como motivação **exclusiva** conhecer/visitar este museu
- 2 – Sim, a vinda para esta cidade previa, **também**, conhecer/visitar este museu
- 3 – Não. A visita ao museu foi decidida depois.

Você gostaria de deixar alguma sugestão ou comentário?

Agradecemos a sua colaboração.

ANEXO 2

2.1. ENTREVISTA COM O ADULTO NA 'SAÍDA DO MUSEU'

DIA: ENTREVISTADO:
 FAMÍLIA:

Introdução: Boa tarde/noite. Meu nome é.... Eu sou pesquisadora do Museu de Astronomia. Nós estamos realizando uma pesquisa de público com grupos de família que visitam o museu e eu gostaria de conversar um pouco com você e sua família sobre a vinda de vocês ao museu hoje. Vocês poderiam dispor de alguns minutos?

[enquanto a entrevistadora conversa com o adulto, ela pede para a criança fazer um desenho sobre o que ela mais gostou de ver ou fazer no museu. Caso a criança não queira desenhar, sugerir que se expresse por escrito].

PARTE 1

1) Com quem você está visitando o museu hoje?

- () cônjuge
 () outros adultos (parentes/amigos):.....
 () filho(s) / enteado(s): idade.....
 () filha(s) / enteada(s): idade.....
 () outras crianças.....
 No. total de adultos:..... No. total de crianças:.....

2) É a primeira vez que vocês visitam o Museu de Astronomia?
 (S) *(ir para 3)* (N) *(ir para 2.1)*

2.1. Quantas vezes vocês já visitaram esse museu?

3) Como souberam do museu?

- () Viram no jornal?
 () Receberam folheto/programa do museu?
 () Indicação de algum amigo ou parente?
 () Mora perto
 ()
 Outro.....

4) O fato do museu ser gratuito influenciou na escolha da visita? (S) (N)

5) O que os motivaram a visitar o museu hoje?

6) De quem partiu a iniciativa de visitar o museu? *(o adulto, a criança, ou resolveram juntos)*

PARTE 2

7) Algum de vocês tem algum interesse em astronomia ou outras ciências?

(Não) *(Ir para n.8)*

(S) Níveis de interesse:

Curiosidade

'Hobby'

Estudo

Outro.....

(Ir para n.7.1)

7.1. Quem?

7.2. De que forma você busca se informar sobre esse assunto?

Através de:

Revistas e/ou Jornais

TV

Internet

Livros

Cursos / palestras

Exposições / museus

Outro.....

PARTE 3

8) A que horas vocês chegaram no museu?

Hora inicial: Hora final:

Duração da visita:

9) Como você descreveria esse museu para um amigo ou amiga?

PARTE 4

10) Que espaços / exposições você visitou?

10.1. Você deixou de ver alguma coisa? (S) (N)

11) Qual parte do museu você (como adulto) mais gostou? O que mais lhe interessou durante a visita?

11.1. Por que?

12) Você achou compreensível a forma como os temas foram tratados nas exposições?

(Sim)

(Em parte)

(Não)

Comentário:

PARTE 5

13) A visita ao museu atendeu às suas expectativas?

(Sim) (Em parte) (Não)

Comentário:

14) Que outros assuntos você gostaria de ter visto no museu?

15) Que sugestões você daria para que a visita se tornasse mais agradável para você e para sua família? O que poderia ser melhorado?

PARTE 6 (ÚLTIMA PARTE)

16) Você já visitou outros museus, exposições ou centros culturais anteriormente?

() Não (*ir para n.17*) () Sim (*ir para n.16.1*)

[Para os que já visitaram]

16.1. Quais?

16.2. Você visitou algum museu / centro cultural nos últimos três meses?

(S) (*ir para n.16.4*) (N) (*ir para n.16.3*)

16.3. E nos últimos 12 meses, você visitou algum museu ou centro cultural?

(S) (N)

16.4. Com quem você costuma visitar museus? (*pode marcar + de uma opção*)

() sozinho () com a família () com amigos () outro:....

16.5. Você (ou alguém da família) já visitou: (*ler as respostas*)

() Museu da Quinta da Boa Vista (Museu Nacional)

() Museu da Vida , FIOCRUZ

() Casa da Ciência , UFRJ, em Botafogo

() outros museus ou centros de ciência.....

16.6. Você tem o hábito de visitar museus, ou visita especialmente por causa das crianças?

() tem o hábito de visitar () visita por causa das crianças / com a família

() outro:...

PARTE 7

- 17) A que outros locais você costuma levar as crianças no fim de semana?
- 18) O que você busca em uma visita a um museu de diferente de outros locais?

Muito obrigada pela sua colaboração. Agora eu gostaria de conversar um pouco com a criança. Enquanto isso, eu lhe pediria a gentileza de completar esse questionário com algumas informações sobre você.

ANEXO 3**Pré-Teste**

Data da Entrevista:

Número:

Dados pessoais:

Nome de cada membro da família:

Composição familiar:

Localidade que moram:

Idade de cada:

Escolaridade de cada:

Entrevista

1 - É a primeira vez que visitam o Museu Nacional?

() sim (ir para 1.1 e 1.2) () não (ir para 2)

1.1 - Vocês não sabiam da existência deste Museu? (ir para 3)

2 - Quantas vezes vocês já visitaram esse museu?

2.1 - Quando foi a última visita?

3 - De quem partiu a iniciativa de visitar o Museu hoje?

4 - Há algo que favoreça ou desestimule a vinda mais freqüente ao Museu Nacional? O que?

5 - Onde vocês costumam levar as crianças no fim de semana?

6 - Vocês têm o hábito de visitar museus, ou visitam especialmente por causa das crianças?

7 - O que vocês buscam em uma visita a um museu de diferente de outros locais?

8 - Como vocês descreveriam esse Museu?

9 - O que esse museu representa para vocês?

10 - Quais os principais motivos desta visita?

11 - A que horas vocês chegaram ao Museu? Hora inicial: Hora final:

Quanto tempo durou a visita?

12 - Que espaços / exposições visitaram?

13 - Deixaram de ver algo? Por quê?

14 - O que mais gostaram?

15 - O que menos gostaram?

16 - Vocês acharam compreensível a forma como os temas foram tratados nas exposições?

17 - Identificaram alguma sala de exposição que tenha favorecido o diálogo da família? Qual (Quais)?

18 - Tem alguém mais requisitado na família para dar explicações da visita ao museu? Quem?

19 - O que a visita em família a este Museu proporciona?

20 - E em termos de conhecimento, o que proporciona?

21 - Acha que a visita ao museu em família instiga os filhos na aquisição de hábitos culturais futuros?

22 - Que sugestões dariam para que a visita se tornasse mais agradável para você e para sua família? O que poderia ser melhorado?

ANEXO 4

Pré-Teste Revisado

Data da Entrevista:

Número:

Dados pessoais:

Nome de cada membro da família:

Composição familiar:

Localidade que moram:

Idade de cada:

Escolaridade de cada:

Ocupação:

Entrevista

1 - É a primeira vez que visitam o Museu Nacional?

() sim (ir para 1.1) () não (ir para 2)

1.1 - Vocês não sabiam da existência deste Museu?

2 - Como ficou sabendo a respeito desse Museu? (ir para 4)

3 - Quantas vezes vocês já visitaram esse museu?

3.1 - Quantas vezes vocês vão a museus, por ano?

3.2 - Quando foi a última visita?

4 - De quem partiu a iniciativa de visitar o Museu hoje?

5 - Há algo que favoreça ou desestimule a vinda mais frequente ao Museu Nacional? O que?

6 - Onde vocês costumam levar as crianças no fim de semana?

7 - Vocês têm o hábito de visitar museus, ou visitam especialmente por causa das crianças?

8 - O que vocês buscam em uma visita a um museu de diferente de outros locais?

9 - Quais os principais motivos desta visita?

10 - Havia alguma expectativa em relação à visita ao Museu Nacional?

11 - Como vocês descreveriam esse Museu?

12 - Quanto tempo durou a visita?

13 - Que espaços / exposições visitaram?

14 - Deixaram de ver algo? Por quê?

15 - O que mais gostaram?

16 - O que menos gostaram?

17 - Vocês acham que a visita ao Museu Nacional acrescenta algo na educação da família ou é somente entretenimento?

18 - Vocês acharam compreensível a forma como os temas foram tratados nas exposições?

19 - Identificaram alguma sala de exposição que tenha favorecido o diálogo da família? Qual (Quais)?

20 - Em termos gerais, o que a visita em família a este Museu proporcionou?

21 - E especificamente em termos de conhecimento, o que esta visita proporcionou?

22 - Tem alguém mais requisitado na família para dar explicações da visita ao museu? Quem?

23 - Como seu (s) filho (s) se comporta na visita em museus, em família?

24 - Acham que a visita ao museu em família estimula os filhos na aquisição de hábitos culturais futuros?

25 - Com que sensação vocês estão saindo desta visita ao Museu Nacional?

26 - Essa sensação é determinante para outras visitas a museus?

27 - Que sugestões dariam para que a visita se tornasse mais agradável para você e para sua família? O que poderia ser melhorado?

ANEXO 5

Versão final

Data da Entrevista:

Número:

Dados pessoais:

Nome de cada membro da família:

Composição familiar:

Localidade que moram:

Idade de cada:

Escolaridade de cada:

Ocupação:

Entrevista

Bloco 1: Antecedentes da Visita

1 - É a primeira vez que visitam o Museu Nacional?

() sim (ir para 1.1) () não (ir para 2)

1.1 - Vocês não sabiam da existência deste Museu?

1.2 - Como ficou sabendo a respeito desse Museu? (ir para 3)

2 - Quantas vezes vocês já visitaram esse Museu?

2.1 - Quando foi a última visita?

3 - O que estimulou a vinda de vocês ao Museu Nacional?

Bloco 2: Processo decisório

4 - De quem partiu a iniciativa de visitar o Museu hoje?

5 - Quais os principais motivos desta visita?

6 - Onde vocês costumam levar as crianças no fim de semana?

7 - Vocês têm o hábito de visitar outros museus ou instituições culturais afins?

7.1 - Com que frequência vocês visitam outros museus, por ano?

8 - Esta visita é especialmente por causa das crianças?

9 - O que vocês buscam em uma visita a um museu ou instituição cultural afim?

10 - Na opinião de vocês há algo que dificulte a visita ao Museu Nacional?

11 - Havia alguma expectativa em relação à visita ao Museu Nacional?

Bloco 3: A visitação

12 - Como vocês descreveriam esse Museu?

13 - Quanto tempo durou a visita?

14 - Que espaços / exposições visitaram?

15 - Deixaram de ver algo? Por quê?

16 - O que mais gostaram?

17 - O que menos gostaram?

18 - Para vocês, qual a importância da visita ao Museu Nacional?

19 - Vocês acharam compreensível a forma como os temas foram tratados nas exposições?

Bloco 4: Interação familiar

20 - Identificaram alguma sala de exposição que tenha favorecido o diálogo da família? Qual (Quais)?

21 - De modo geral, o que esta visita proporcionou para vocês?

22 - O que esta visita proporcionou em termos de aquisição de informação e/ou conhecimento?

23 - O que esta visita proporcionou para as crianças, em termos de hábitos culturais?

24 - Na família, quem é mais requisitado para dar explicações durante a visita?

25 - Como foi a interação entre vocês durante a visita?

26 - Com que sensação vocês estão saindo desta visita ao Museu Nacional?

Bloco 5: Perspectiva Futura

27 - Vocês pretendem retornar a esse Museu?

28 - Com que objetivos vocês retornariam?

29 - Gostariam de deixar alguma sugestão ou comentário?

ANEXO 6A

CAÇA-PALAVRAS

ARQUEOLOGIA - PINTURA RUPESTRE - ESCAVAÇÃO
 ANTROPOMORFO - ARTEFATO - LÍTICO - CERÂMICA
 OSSO - ÍNDIO - PRESERVAÇÃO



UFRJ

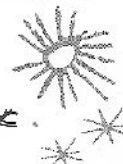


MUSEU NACIONAL - UFRJ

PROJETO CENTRAL

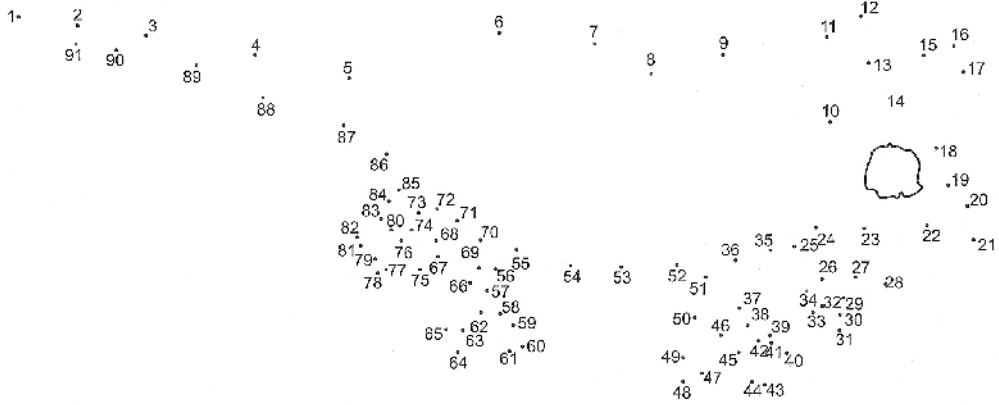
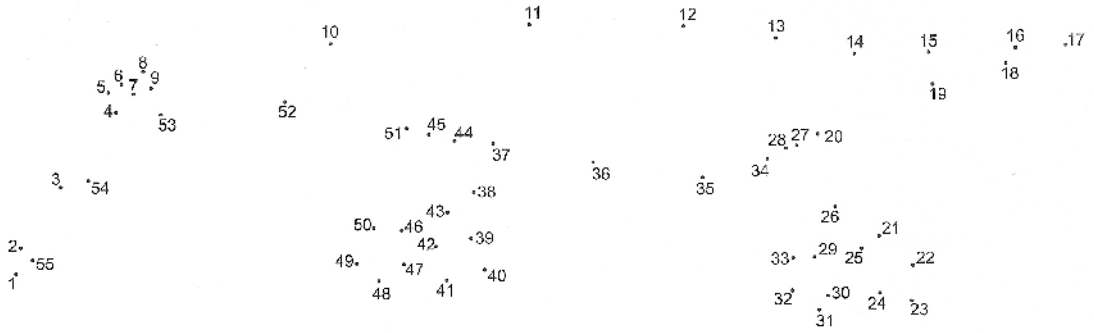


www.projeto-central.com



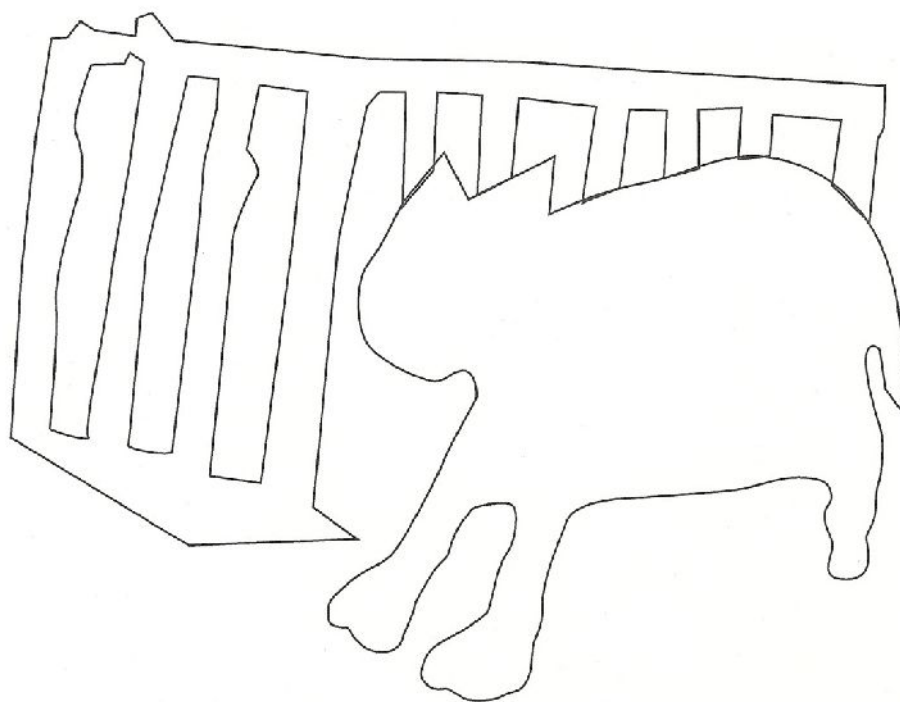
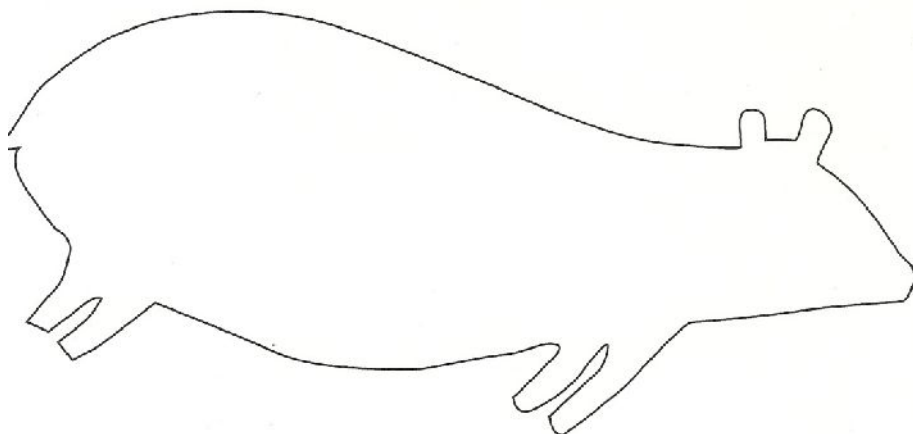
ANEXO 6B

Ligue os pontos e descubra o animal da pintura rupestre.



ANEXO 6C

Identifique e pinte o animal da pintura rupestre.



Ligue pontos:
Tamborã bandeira
Rato
Voador
Moo
Folha
Folha

ANEXO 7